

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
TERÇA-FEIRA, 17 DE AGOSTO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 476 ANO 51.º PREÇO 1\$50

Nós e o Mundo

em
**MESA
REDONDA**

suplemento das sextas-feiras

A «PROTECÇÃO» DO DÓLAR

VIAGEM DE NIXON PELOS ESTADOS UNIDOS PARA EXPLICAR A SUA DECISÃO

WASHINGTON, 17 — (R.) — O presidente Nixon parte hoje para Nova York, onde inicia uma viagem através do país para explicar ao público americano o alcance das medidas económicas de protecção ao dólar que anunciou ontem.

De resto, a reacção nos Estados Unidos às medidas adoptadas não podia ter sido mais favorável, a avaliar pelo que se passou ontem na Bolsa de Nova York, que funciona como autêntico barómetro das oscilações económicas.

Os investidores, numa espectacular manifestação de confiança, fizeram uma autêntica corrida aos títulos da bolsa e ao fim do dia tinham sido compradas 81 720 000 acções, o que constitui um movimento sem precedentes.

Em consequência desta procura, o índice industrial «Dow Jones» teve uma subida «record» de 83,93 pontos num único dia.

Em contrapartida, a urgência das medidas de protecção tomadas pelo presidente Nixon tornou-se ontem mais evi-

dente, ao ser oficialmente anunciado que, no segundo trimestre deste ano, o saldo negativo da balança de pagamentos americana foi o mais elevado de sempre, atingindo 5766 milhões de dólares, com o que totaliza 11 800 milhões de dólares o saldo negativo do primeiro semestre deste ano.

Entretanto, as negociações iniciadas em Londres entre dirigentes monetários internacionais e o subsecretário do Tesouro americano, Paul Volcker, são encaradas aqui como a primeira cartada de um jogo

em que o presidente Nixon parece ter os trunfos principais.

(Continua na 15.ª página)

O BANCO DE PORTUGAL SUSPENDEU OS CÂMBIOS

Recebemos, do Banco de Portugal, a seguinte nota:

«Em virtude de se encontrarem fechados os mercados de câmbios estrangeiros não é possível ao Banco de Portugal fornecer cotações e consequentemente efectuar, até novo aviso, operações de compra e de venda de moeda estrangeira.

Podem, entretanto, as instituições de crédito efectuar compras e vendas de moedas estrangeiras:

a) — a residentes na zona monetária portuguesa, respeitantes a operações de carácter urgente;

b) — a residentes no estrangeiro, quando se trate de operações relativas a turismo; utilizando para tais operações as cotações transmitidas ao mercado à abertura das operações, hoje, dia 16 de Agosto».



Esta é a «Miss Cabrilho 1971». Chama-se Jeanne Lynn Baptista, tem 19 anos, e nasceu nos Estados Unidos. Fala um pouco de português, mas prefere expressar-se em inglês. Chegou hoje a Lisboa. (Ler na última pag.)



MOLHAR OS PÉS NO CAIS DAS COLUNAS

Mesmo diante do Terreiro do Paço estas duas turistas não hesitaram em molhar os pés no Tejo. O calor opertava e as águas eram mesmo convidativas. Não há dúvida que, neste País, há sempre um local desconhecido para molhar os pés

CERCA DE 70 DESAPARECIDOS NO NAUFRÁGIO DE UM «FERRY-BOAT» DA CARREIRA HONG-KONG-MACAU

HONG-KONG, 17 (ANI, F. P. e R.) — O tufão «Rose» fez naufragar à saída do porto de Victoria um «ferry-boat» da carreira Hong-Kong-Macau, o «Fat Shan». Um informador oficial anunciou que na altura do sinistro o navio transportava apenas a tripulação, calculada entre 70 e 80 homens, dos quais foram encontrados quatro sobreviventes. Anteriormente tinha sido

anunciado que o tufão já causara 12 mortes e centenas de feridos em terra, ao atingir Hong-Kong de madrugada. Milhares de pessoas ficaram sem abrigo quando as suas frágeis habitações foram destruídas pelo vento e pela chuva, e três dezenas de embarcações rebentaram as amar-

ras e foram atiradas para a costa, onde encalharam.

Na cidade numerosas habitações foram inundadas pela chuva, que entrou através das janelas arrancadas pela tempestade. O Observatório registou vento de 241 kms/h an-

(Continua na última página)

HOJE 28 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

O PAVILHÃO PRINCIPAL DO MUSEU FERROVIÁRIO (ENTRONCAMENTO) SERÁ INAUGURADO NO PRÓXIMO ANO

ENTRONCAMENTO, 17— No próximo ano esperamos poder inaugurar o pavilhão principal do futuro Museu Ferroviário, a construir em Estremoz — segundo nos declarou o sr. eng. Espregueira Mendes, director-geral honorário da C. P. e um

dos mais activos componentes da respectiva comissão organizadora. Acrescentou que naquele pavilhão serão expostas as peças mais representativas (locomotivas e carruagens) da história dos nossos caminhos-de-ferro. Espera-se, pois, que aquele

pavilhão do museu seja inaugurado no próximo ano; mas não se sabe ainda em que data. Todavia, como no dia 28 de Outubro de 1972, os nossos caminhos-de-ferro completam 116 anos, queremos parecer que seria a data ideal para a inauguração do museu. E não só para essa inauguração, mas também, para se festejar, condignamente, o «Dia da Família Ferroviária», cuja celebração ocorre, este ano, no pretérito mês de Julho, no Centro de Formação de Pessoal da C. P., desta vila.

Entretanto, a comissão organizadora do museu — constituída pelos srs. engs. José Alfredo Garcia, presidente; Espregueira Mendes, Manuel Bruschy e António Fragoso e drs. Carlos de Albuquerque e Ello Cardoso — está empenhada na recolha de inúmeras peças de valor museológico, não apenas locomotivas e carruagens — algumas das quais já a ser restauradas nas oficinas da C. P. —, como, ainda, peças miúdas: lanternas, telefones, cornetas, instrumentos de telégrafo, velhos bilhetes, fardas, horários, ordens de serviço, etc.



Ai vêm os toiros — e a festa principia

ALTERAÇÕES À TARIFA TRANSPORTES FERROVIÁRIOS

Por se reconhecer, como se diz numa portaria do Ministério das Comunicações, publicada no «Diário do Governo» de hoje (1.ª série), a necessidade de actualizar as condições de aplicação de alguns artigos da Tarifa Geral de Transportes, para uma melhor utilização dos vagões da rede ferroviária nacional e segundo o que foi proposto pela Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses e pela Sociedade Estoril, foi alterada a redacção do texto de alguns artigos da Tarifa Geral de Transportes.

A referida portaria condi-

ciona o transporte de mercadorias pelas linhas de via larga e via reduzida, havendo, condicionamento a redução de 40 por cento nos preços bases das remessas constituídas por açúcar comum (refinado ou em rama), no que respeita a mercadorias em pequena velocidade e por azeite de oliveira, quanto a recovas em pequena velocidade.

São considerados carregamentos de vagão completo aqueles que, por cada vagão empregado, atinjam o peso mínimo de 5000 kg ou paguem por este mínimo.

O «DIA DO CAMPINO» HOJE NA VILA DE CORUCHE

CORUCHE, 17 — As tradicionais festas desta típica vila ribatejana culminam hoje — atraindo numerosa assistência que se espalhou por todas as ruas e praças — com o «Dia do Campino», cujo programa está repleto de acontecimentos festivos: ruas engalanadas, colgaduras nas sacadas, bandas de música.

Cortejo Etnográfico, representativo das actividades agrícolas e industriais da região, etc.

Depois o almoço regional, em homenagem aos campinos do Sorraia, servido ao ar livre, sob sombras de arvoredos, no Campo do Rossio e reunindo campinos, convidados, entidades oficiais de Coruche, de Santarém e de outros sítios, foram entregues diplomas e trocaram-se expressivos brindes.

Ao fim da tarde, há a segunda corrida de touros, na praça, plena de tradições.

A noite, são de salientar as profusas iluminações, que vêm desde o castelo e desde a ermida, e refulgem cá em baixo pela Praça Maior e por diferentes ruas.

MAU ANO AGRÍCOLA

OLIVEIRA DE FRADES, 17 — Temos um mau ano agrícola. As principais colheitas da região — vinho e milho — continuam a ser afectadas pelo frio e pelo nevoeiro, considerando-se que a produção seja de cinquenta por cento.

QUEM MANDA LIMPAR A RIBEIRA DA AMADORA?

Ratos, insectos, porcaria e maus cheiros perturbam os moradores do Bairro Janelão, Amadora, nas imediações da ribeira que separa esta vila da de Queluz, junto ao cinema Lido.

O estado deplorável (e perigoso para a saúde pública) daquela ribeira tem dado lugar a que diversos leitores procurem a nossa redacção, para que levantemos o problema, de modo a que providências sejam tomadas por quem de direito.

— Quase não posso deixar que os meus filhos saiam da rua — disse-nos uma leitora. — Tem pela saúde deles, em contacto fácil com os dejectos da ribeira.

Quem manda limpar este foco doentio bem dentro da «terceira cidade portuguesa»?

SÉRIE DE ROUBOS EM LEIRIA

LEIRIA, 17 — A cidade anda alarmada com a série de assaltos praticados ultimamente em diversos estabelecimentos e escritórios, assim como nos mercados mais concorridos da semana.

Agora, foi o armazém de mercearias Confrarias, Lda., na Rua Capitão Mouzinho de Albuquerque, onde os gatuños entraram, durante a noite, pelo telhado. Tentaram levar o pesado cofre, o que não conseguiram, talvez devido ao seu peso, e resolveram arrombá-lo, apoderando-se, assim, de cerca de 40 contos em dinheiro, e também de géneros.

Foi fornecida à Polícia a marca de um automóvel, visto, durante a noite, nas imediações, e que se supõe tenha sido utilizado pelos gatuños que escalarão o edifício pelas traieiras, numa via paralela àquela artéria.

Recorda-se, a propósito, a recente evasão de dois reclusos da Prisão-Escola de Leiria, tendo até agora sido apenas capturado um deles, quando pretendia apoderar-se de um automóvel estacionado na cidade.

30 QUILOMETROS DIÁRIOS PARA UM ZEBRE DE 1909

Aquele velho carro de cor azul-clara que todos os dias, desde que foi comprado pelo actual proprietário há 20 anos, faz o percurso Capelas - Ponta Delgada e volta deve ser a mais antiga viatura de trabalho de todo o país.

Por acaso, num canto do casis da capital açoriana, como que abandonado na sua poeira e ausência de cromados o Zebre, monossilindro de 1909, chamou-nos a atenção, parecendo envergonhado da sua mis-

são de trabalho diário, desejoso talvez da reforma que merece em lugar apropriado à sua idade.

Pertence ao sr. José Cabral de Almeida, ajudante de motorista da lancha dos pilotos do porto de Ponta Delgada. Custou-lhe, há mais de duas décadas de anos, cinco contos e meio. Hoje, com as suas reduzidas dimensões, que não vão além dos dois lugares, os seus faróis de bico de vela, o acelerador ao volante e a

buzina de ar comprimido com êmbolo manobrado à mão, vale muito mais. O dono afirmou-nos que já lhe ofereceram um carro novo e mais algum dinheiro. Quanto? Há quem fale em cem contos.

Muito? Pouco?

É certo que uma peça de museu não tem preço. Contudo, o velho Zebre de Ponta Delgada, que todos os dias faz 30 quilómetros, está longe de o ser, pelo estado em que se encontra.

E é pena, porque já tem direito ao descanso; porque o seu lugar de estacionamento não deverá ser um canto qualquer de um porto insular, mas sim depois de convenientemente restaurado, num local onde possa ser admirado e fique a testemunhar uma época da inesgotável história do automóvel.

Quem tem pena do Zebre açoriano?...

N. C.

Ação de promoção social da Casa do Povo da Abrunheira

COIMBRA, 17 — A Casa do Povo da Abrunheira, em íntima união com os seus associados, tem desenvolvido notável actividade, numa abertura para o progresso da comunidade que merece louvores para os seus dirigentes. Após a realização de umas Jornadas de Promoção Socio-cultural, a comunidade ficou mais enriquecida com a formação de um grupo de socor-

ristas de trabalho, que teve a colaboração do Gabinete de Higiene e Segurança no Trabalho da Junta da Acção Social e da Cruz Vermelha Portuguesa e ainda pelo funcionamento de um Curso de Formação Familiar Rural da Federação das Casas do Povo, valorizado através de um Curso de Puericultura e Higiene, a realizar com a colaboração do Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil Dr. Bissala Barreto.

Depois de uma série de colóquios, orientados pela Missão de Acção Social, o respectivo chefe, em reunião com os dirigentes e alguns associados da Casa do Povo tomou conhecimento do desejo dos mesmos de formarem uma associação no âmbito de «Agricultura de Grupo», cujo processo, no aspecto técnico-legal, tem estado a ser orientado pela delegação da Junta de Colonização Interna.



Construídas em fibra de vidro, com três metros de comprimento e 18 kg de peso, estas canoas de origem inglesa estão a ser utilizadas para salvamento de banhistas em perigo

ESTAÇÃO DE COA E APEADEIRO DE RIBEIRINHA

A partir de 4 de Agosto de 1971, a estação de Coa e o apeadeiro de Ribeirinha deixam de ser guarnecidos, pelo que a venda de bilhetes aos srs. passageiros aí embarcados passará a ser feita pelo revisor em trânsito, sem qualquer aumento.

Pelo mesmo motivo, a estação de Coa e o apeadeiro de Ribeirinha deixam de receber e expedir bagagens e remessas de detalhe.

ISRAEL. TERRA DOS MILAGRES

III — O CAMINHO DA INDUSTRIALIZAÇÃO

Depois da Guerra dos Seis Dias e do embargo francês, Israel lançou-se resolutamente, no caminho de uma rápida industrialização, com especial destaque para as indústrias electrónicas e aeronáuticas. Mas à fase de descolagem sucede-se, hoje, a de cruzeiro, que não deixa de apresentar as suas dificuldades.

TEL-AVIV — No decurso de uma conferência de Imprensa, que teve lugar, em Jerusalém, no dia 14 de Março deste ano, Yeshayahu Lavie, director-geral do Ministério do Defesa, indicou que, em 1971, se comprariam, no estrangeiro, 19 milhões de contos de material (o orçamento da defesa é de 41 milhões de contos). Ao mesmo tempo, as firmas israelitas exportarão um pouco mais de 3,75 milhões de contos de equipamento militar. Yeshayahu acrescentou, por outro lado, esperar que daqui até 1975 as exportações militares triplicarão, reduzindo-se as importações, fornecendo, nessa altura, a indústria local 21 milhões de contos de material, o que determinará o emprego de mais 100 000 trabalhadores (a indústria empregava, em 1968, 276 000 pessoas).

Não seria possível encontrar números mais expressivos para revelar as cinco principais dificuldades da «indústria de ponta» israelita: descobrir fontes de financiamento, formar pessoal qualificado, impelir para cá, da vez mais longe os limites do «know how», utilizar a tecnologia militar para fabricar produtos civis, comercializar os produtos no mercado internacional.

Em contrapartida, disporá Israel de um trunfo nos baixos salários nela praticados? Um operário qualificado ganha cerca de 7500\$00 e um engenheiro perto de 20 000\$. Isto é, um terço do que lhe caberia se estivesse nos Estados Unidos. Tal vantagem é raramente decisiva, salvo no caso da «Bedek», a secção da «Israel Aircraft Industries» que assegura a manutenção dos aviões e cujos preços despertam a atenção de numerosas companhias aéreas.

Acima de tudo, uma técnica apurada...

Na verdade, Israel não dispõe de mão-de-obra suficiente para poder tirar partido dos baixos salários. O professor Grossman, conselheiro científico junto do Ministério do Comércio e da Indústria, director de investigação no Technion, assim como director comercial da Tediran, usa a mesma linguagem: Israel, que não é rica em homens, deve, antes, procurar fabricar e vender produtos que exijam pouco trabalho manual, mas incorporando ideias novas e uma apurada tecnologia. A escolha é evidente: a indústria deve concentrar os seus esforços num pequeno número de sectores «de ponta».

Não escasseiam as dificuldades ao seguir-se este difícil caminho. São necessários engenheiros qualificados? Os militares conservam os melhores, depois da prestação do

serviço militar, ou tentam atraí-los, constituindo, assim, um corte nas limitadas reservas de especialistas de que o País dispõe. Sem falar

procurando licenças francesas de material de comunicação e navegação; depois, nestes três últimos anos, foi capaz de produzir, sózinha, um emissor-receptor portátil, que oferece 3500 canais, em frequências ultra-altas, não pesando mais do que 4,8 kg.

Há outras sociedades que ainda apenas começam a fazer a sua aprendizagem. Há dois anos, a firma francesa «Tuboméca», que fabrica pequenos reactores de avião ou

equilibrar os cadernos de encargos, desenvolvendo as suas actividades civis. A «Elta» faz ainda 90% do seu movimento comercial dentro do mercado interno, graças, essencialmente, a contratos militares, a «Israel Aircraft Industries» conta, em perto de 80%, com aquele mesmo tipo de contrato. A «Tadiran», 40%. E fica para cada um sonhar com o vasto mercado constituído pelo Próximo Oriente, uma vez que chegue o momento da paz...

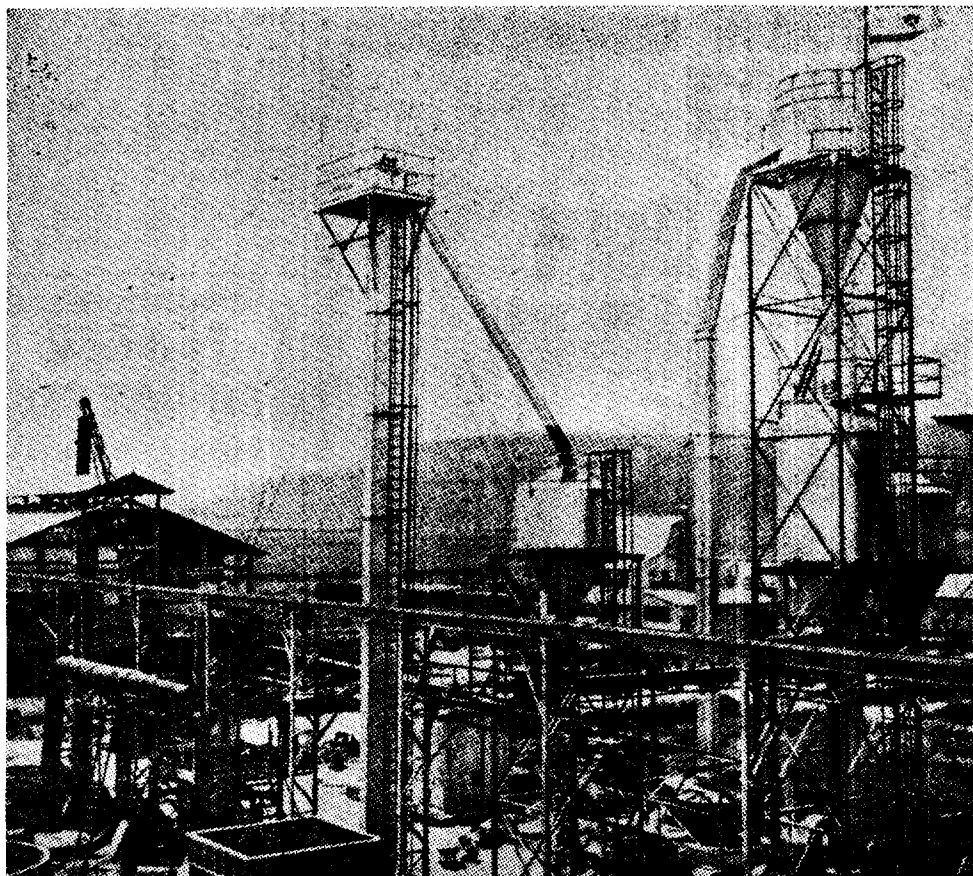
Por enquanto, a concorrência que é necessário enfrentar vem dos países da Europa e da América. E, ao contrário do material militar, um produto civil só se vende a um certo preço, numa determinada altura. O que obriga uma firma como a «Tadiran» a sair, constantemente, com novos produtos, e a investir, todos os anos, 5% dos seus fundos na in-

Por DOMIQUE VERGUÈRE

Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»

no período de «reserva», obrigatório, todos os anos, para toda a gente, o que se traduz — pois as dispensas são raras — numa ausência regular de umas tantas semanas.

helicóptero criou, de parceria com o Governo israelita, em Beit-Shemesh, perto de Jerusalém, uma filial por ela controlada. Embora se trate de pequenos reactores — de



Os complexos industriais são fonte de riqueza

São necessários operários especializados? Não existe indústria «de ponta» que não organize cursos de seis a nove meses para especialistas em cabos, soldadores, operários capazes de utilizar as máquinas-ferramentas modernas...

Superada esta primeira fase é que surgem as verdadeiras dificuldades. Tal como a França, a Inglaterra, a Alemanha, o Japão, após a Segunda Guerra Mundial, Israel tem de aprender a fabricar, produzir e vender...

Das licenças estrangeiras à inovação

Os industriais começaram, naturalmente, por comprar licenças estrangeiras — de que são ainda largamente tributários — depois, procuraram abandoná-las, pouco a pouco, para fabricarem os seus próprios produtos. A «Elta», por exemplo, com-

uma potência de 1100 cavalos — de uma tecnologia já antiga, o certo é que nenhum motor foi aí completamente montado, nem o reactor Marboré-6 dos Fougat Magister, nem o Marboré-2, que é uma pequena turbina industrial. Foi preciso formar operários especializados — a fábrica emprega quatrocentas pessoas —, fabricar as ferramentas, adestrar-se a produzir as 1200 a 1400 diferentes peças do motor, que exigem, quase todas, um fabrico apurado. As quatro primeiras turbinas industriais devem sair daqui no fim do ano; os primeiros reactores, nos fins do Verão

Do sector militar ao civil

Tenham evoluído pouco ou muito, o certo é que quase todas as indústrias «de ponta» israelitas se esforçam, agora, por escapar à estreita tutela do Ministério da Defesa e

investigação (o Governo participa com 40% em tal despesa). A empresa foi deficitária até 1966; em 1970 teve um lucro de 75 milhões de escudos (de que há a descontar contribuições e impostos).

A reconversão progressiva no sentido do sector civil é, por vezes, difícil. A «Israel Aircraft Industries» — quatrocentos engenheiros na secção «engineering» e desenvolvimento — fez a experiência à sua custa. Em 1967, a firma comprou a «Rockwell Standard» os direitos de fabrico de um avião comercial de reacção, com oito lugares, o «Jet Commander», que se chama, hoje, «Commodore Jet»; a firma procura, também, construir um pequeno aparelho de descolagem curta, o «Arava».

O «Commodore Jet» sofreu bastantes modificações. Mas,

(Continua na 13.ª página)

NOTA

MÁQUINAS EM MOVIMENTO

A MÁQUINA NÃO PARA, nem pode parar. O comboio em que todos viajamos não o deixa. E bem arranjados estávamos todos nós, os que vamos no comboio, se a máquina começasse por aí fora, a meio da linha, a patinar, a patinar ou mesmo a deixar abaixo o fôlego do vapor. (Desculpe a C. P. parecermos ignorar a presença do «diesel» para citarmos o vapor que já não se usa, mas o vapor dá muito mais para fôlego e tem muito mais força...literária). De modo que a máquina não pode parar. Ficariamos todos, de malas e bagagens, estacados no caminho sem sabermos que fazer à vida.

E é disso que se trata. O comboio é aquele em que todos vamos embarcados. A viagem é a nossa vida, a do País, sem se entender que elas possam ser duas, uma abstractamente a do País, outra concretamente a nossa de cada um de nós. A máquina é o governo, que neste instante se escreve intencionalmente com g minúsculo para significar que não se trata especificamente daquelas duas dúzias de pessoas que constituem o Governo com G maiúsculo, mas do maquinismo geral da administração do País, de alto a baixo, onde os problemas se estudam e as decisões se executam, a tal máquina que nos arrasta.

A capacidade da máquina avalia-se precisamente pela regularidade do seu funcionamento a uma velocidade que se calculou, a energia de que dispõe para puxar o comboio, mesmo que, com esta aglomeração de Verão, lhe tenham engatado mais uns vagões, mesmo que algum acidente imprevisto obrigue a algum desvio em que seja preciso recuperar o atraso, mesmo que tenha de se defrontar alguma subida com que se não contasse. E avalia-se também, em consequência disto, pela sua aptidão para cumprir os horários, que os viajantes vão consultar e com que contam para o arrumo das suas vidas.

E isto é decisivo, até porque há outros comboios em circulação e, não se cumprindo os horários, há que rever apressadamente as velocidades para evitar colisões. Um desses outros comboios, cuja velocidade a todos nos inquieta, é o do custo da vida. Já este mês, na última reunião do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, «o problema dos preços foi analisado, tendo-se assentado na orientação geral a adoptar para debelar as tendências inflacionistas», como se dizia no comunicado. É um ponto sensível. Toda a gente dá por ele. Remédio? Não se descobre a panaceia para este mal universal.

Os especialistas não sabem mais do que identificar esse fenómeno geral, sem lhe descobrirem, porém, a verdadeira terapêutica, pelo que vão acudindo aqui e ali com a aplicação de sinapismos diversos. Mas, para além da pressão constante e generalizada da alta de preços e salários, que se traduz pela desvalorização das moedas, há as depressões locais do fenómeno, que se identificam pela variação das taxas de inflação. Aí então é que é preciso ver quais são os sintomas para tentar a identificação do agravamento e tentar acudir-se-lhe com tratamento de emergência, não da febrezinha permanente mas do febrão da crise.

Quando o Governo diz que viu o caso e que «assentou na orientação geral a adoptar», talvez até seja possível haver vantagem táctica, em busca de eficiência, em não desvendar o plano de ataque. Pode-se contemporizar. Mas desejariamos todos que da aplicação dessa orientação não tardassem a ver-se resultados, porque esse comboio, o dos preços, parece lançado com o freio nos dentes e não sabemos bem mas receamos que a via não esteja suficientemente preparada para todas as velocidades. Há mais comboios em circulação. E é preciso acautelar os choques e os descarrilamentos.

BAILARINOS

Precisam-se para a peça «O Aniversário da Tartaruga».

TEATRO VILLARET

Tratar, das 15 às 18 horas ou das 21 às 0 horas.



NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS **SLOT MACHINES**

TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

ACESSO LIVRE MAIORES 21 ANOS



SHEELA MUNRO

vedeta da canção e da TV inglesa

MICHEL DE LA VEGA

ILUSÃO E LEVITAÇÃO



LIDIA RIBEIRO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

Shagundo Galarza e seu Conjunto
Jirina's Combo
Ferrer Trindade e sua Orquestra

VIRGINIE ELYSÉES

SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0H.
maiores de 21 anos

ESTUDANTES DE COIMBRA NO ALGARVE

COIMBRA, 16 — Vai em digressão ao Algarve o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra, que, nos dias 23 e 24, respectivamente, dará audições em Monte Gordo e nos arredores de Albufeira.

O Grupo apresentará danças do Minho, da Beira e da Nazaré, terminando as actuações com a serenata de Coimbra.

A deslocação dos estudantes é feita com o patrocínio da Comissão Regional de Turismo, e integra-se numa actuação intitulada «Noite Portuguesa».

MELHOR SOM
MAIS LUZ
PILHAS
GATO BRANCO

Um clássico do Oeste para o gosto dos mais exigentes

UMA OBRA-PRIMA DA CINEMATOGRAFIA

JOHN WAYNE

DEAN MARTIN

RICKY NELSON

RIO BRAVO

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DE: HOWARD HAWKS

GRUPO B M/10 ANOS

COM ANGIE DICKINSON · WALTER BRENNAN
WARD BOND · JOHN 'Lawman' RUSSELL

TECHNICOLOR WARNER BROS.

Exclus. ASTÓRIA FILMES

Sensacional regresso

HOJE

no **MONUMENTAL** às 21,30



«OS CONDENADOS»

TÍTULO ORIGINAL — «Adam's Woman»
REALIZAÇÃO — Philip Leacock, 1969 (Inglaterra)

INTÉRPRETES — Bean Bridges, Jane Merrow, John Mills, James Booth, Andrew Keir, etc.

DISTRIBUIÇÃO — Astória Filmes

ESTREIA — Cinema Eden (13-8-1971)

Não se poderá dizer de «Os Condenados» que seja um grande filme, mas é, segura-

mente, um filme interessante e simpático. Philip Leacock, inglês com mais de cinquenta anos e muitos filmes no activo, não é um realizador daqueles que a história do cinema irá reter no futuro, mas «Adam's Woman» (seu último trabalho) é uma obra curiosa, escurra, inteligente até.

1840 — Austrália: os ingleses no Poder, agarrados ainda aos últimos tempos de um imperialismo que passava de moda. Duas concepções do exercício do Poder: um colonialismo exacerbado, prepotente, ditatorial, ou o paternalismo «esclarecido» e bem intencionado de quem sabe que é preciso mudar de métodos para conservar intactos os fins. O juiz partidário dos trabalhos forçados e o governador que se batia por um ideal diverso: prender colonos britânicos à terra, nem que para tanto tivesse de libertar (condicionalmente) condenados a prisão perpétua. Este o pano de fundo que irá condicionar a vida de Adam Beecher, um rapazinho lanque que um dia foi condenado (por um crime que diz não ter cometido) em Londres e expatriado para a Austrália. Aqui chegado, tenta várias fugas, que se malogram, e só consegue furtar-se às grades da cadeia casando com uma presa e indo desbravar o interior do continente. A experiência, e por especial deferência do governador. A base

é esta, e daqui nascem as situações que «Adam's Woman» relata.

Narrado num tom sincopado, ora frenético e violento, ora repousado e bucólico, «Os Condenados» resulta um filme de certa densidade, onde sobressaem algumas figuras bem delineadas e uma ambiência de época relativamente lograda. Philip Leacock conta, aliás, com alguns preciosos auxiliares, que vão desde a música de Bob Young (com duas ou três baladas bastante bonitas) até aos intérpretes, onde sobressaem Bean Bridges (a revelação de «Chicago! Chicago!»), James Booth (um actor notado em «A felicidade da senhora Blossom»), John Miles e Andrew Keir. Um conjunto de circunstâncias que fazem de «Os Condenados» a película mais interessante de todas as estreadas em Lisboa durante a passada semana.

LAURO ANTÓNIO

NO LAURA ALVES «SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES»

Continua em exibição no Teatro Laura Alves, a peça de Leonard Gersche «Só as borboletas são livres». António do Cabo fez os cenários e encenou. Os principais papéis estão a cargo de Vasco Morgado Jr. e de Guida Maria, que há cerca de 2 meses substituiu Maria do Céu Guerra. Maria Helena Matos é a artista convidada. A companhia descança às 3.ªs feiras.

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS TEL. 280919



HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 22 HORAS

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian

M/18

SOCIEDADE «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas



CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

EDITAL

FEBO VARGAS DE MATOS, Tenente-Coronel Piloto-Aviador e Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira:

FAZ SABER, de harmonia com a deliberação da reunião ordinária de 15/6/1971, a todos os interessados, que deverão, no prazo de 8 dias a contar da data da publicação do presente Edital, reclamar 3 velocípedes a pedais, bastante usados e sem número de registo, que foram encontrados abandonados na via pública.

Para geral conhecimento se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares de estilo.

E eu, Luis Afonso, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira, 24 de Julho de 1971.

O Presidente,
Febo Vargas de Matos
Tenente-Coronel Piloto-Aviador

C. M. L. ESTUFA FRIA

HOJE, ÀS 21.30 HORAS

BATON

De Alfredo Cortês

PELA COMPANHIA DE TEATRO POPULAR
Empresa Augusto de Figueiredo

Direcção e ensaios de António Manuel Couto Viana
Com: Madalena Sotto; Adelina Campos; Leonor Poira; Vladimiro Franklim e Duarte Nuno e a colaboração especial de Adelaide João; Elvira Pais; Júlia Chaves; Carmen Judith; Maria João Galope; Igor Sampayo e Eduardo Sabrosa

Bilhetes a 10\$00, 15\$00 e 20\$00, à venda na P. Restauradores das 18 às 20 h. e na Estufa Fria depois das 21 h.
Grupo D — 18 anos



«REGRESSO AO TOP»

ELVIS PRESLEY: REGRESSO AO «TOP»

LONDRES, 15 — (R) — A voz desagradável e rouca de Roger Chapman, o principal vocalista do conjunto Family, projectou esta semana o grupo para o sétimo lugar na tabela de classificação britânica com «In my Own Time».

Outro disco que subiu imenso foi «I'm Still Waiting» de Diana Ross, antiga componente dos Supremes, que pulou para a terceira posição.

Entretanto, em Londres, «Get it on», de T. Rex, continua a ocupar o topo da tabela.

O progresso firme, mas lento, do conjunto australiano Bee Gees nos Estados Unidos foi finalmente coroado de êxito, ocupando esta semana o primeiro lugar em Nova York com «How Can You End a Broken Heart». Um regresso talvez demasiado tardio.

Em Bona, Danyel Gerard, desalojado na semana passada da posição cimeira pelo conjunto britânico de T. Rex, regressou ao topo com o seu disco «Butterfly».

O REI E O «ROCK»

Entretanto Elvis Presley, o mago do «Rock», volta a provar por que razão é permanentemente um êxito com mais outro disco, que ocupa novamente a posição cimeira. Desta vez é em Hong Kong. A sua canção «Life» destronou «April Lady», de Samuel Hui, cujo reinado no topo durou apenas sete dias.

A seguir, apresentamos, os Top-Ten, da semana (os 3 primeiros lugares) em 3 capitais. A classificação da semana anterior encontra-se entre parentes.

LONDRES: 1.º (1) Get it on — T. Rex. 2.º (2) Never Ending Song of Love — New Seekers. 3.º (-) I'm Still Waiting — Diana Ross.

OITO PAÍSES MANDAM TEATRO A MADRID

MADRID, 17 — (A. N. I.) — Está prevista para o dia 1 de Outubro a inauguração do Festival Internacional de Teatro de Madrid, que conta com a participação de companhias Italianas, portuguesas, alemãs, romenas, inglesas, checoslovacas, francesas e espanholas.

Durante o certame desenrolam-se no Palácio Nacional dos Congressos e Exposições da capital as II Conversações Internacionais de Teatro, subordinadas ao tema «Vigência dos clássicos no teatro actual».

O T. E. C. SOMA E SEGUE

CARLOS AVILEZ ESTÁ A ENSAIAR NOVO ESPECTÁCULO

A companhia do Teatro Experimental de Cascais, que no meio da crítica tem suscitado grande polémica a propósito do trabalho realizado nos últimos cinco anos, prepara novos espectáculos para a abertura da temporada.

No Teatro Gil Vicente, prosseguem entretanto as representações da peça «Ivone Princesa de Borgonha» de Witold Gombrowicz, que é uma das mais representativas na obra deste autor, depois de «O casamento» que é talvez a mais conseguida do ponto de vista da construção dramática.

Zita Duarte, Santos Manuel e Cecília Guimarães têm nesta peça importante desempenhos. Destaca-se o trabalho de expressão corporal e o rigor da encenação de Carlos Avilez.

Há cerca de três semanas começaram os ensaios dum

novo espectáculo, cujas características não foram ainda reveladas.

Sabe-se no entanto que o suporte musical é dado pelos «Salmos» de Strawinsky e que nele participam Agueda Sena, na direcção coreográfica, o maestro Victorino de Almeida na direcção musical e o cineasta e dramaturgo Granjeiro Crespo na elaboração do texto, que terá uma função completar no «todo» do espectáculo.

Os ensaios foram temporariamente interrompidos. A companhia partirá brevemente para Paris onde vai apresentar uma série de espectáculos, dos quais se destacam: a peça de Gombrowicz e ainda alguns autos vicentinos.

É com uma certa expectativa que se aguarda este novo trabalho de Carlos Avilez, que após as concessões



Avilez ensaia

feitas em «A Maluquinha de Arrollos» e o «Comissário de Polícia» revelou uma apreciável qualidade em «Ivone Princesa de Borgonha». Está igualmente prevista a montagem duma peça de Harold Pinter «O Silêncio e a Paisagem» na próxima temporada.

O RECITAL DESTA NOITE NO FESTIVAL DE SINTRA

Uma das jornadas de maior interesse e expectativa do XV Festival de Sintra, que se prolonga até ao dia 30, sem dúvida, o recital, a dois pianos com percussão, que o duo John Ogdon e Brenda Lucas realiza hoje, às 21 e 45, no Teatro Carlos Manuel, sendo percussionistas João Galvão e Raul Cardoso.

A sonata para dois pianos e percussão, de Bela Bartók, foi escrita em 1937, constituindo obra-prima, de extraordinária originalidade e de plena mestria na sua realização, e será uma das interpretações que o público aplaudirá.

Os dois pianos e os dois grupos de instrumentos de percussão formam um todo absolutamente homogéneo, uma espécie de «tutti» orquestral em que ninguém se deve considerar detentor do papel principal.

Serão interpretadas ainda obras de Mozart, Brahms e Rachmaninoff.

A COMPANHIA DE SEGUROS «CONFIANÇA»

«...a caminho dos 300 mil»



COM CERCA de 300 convivas realizou-se no restaurante da F. I. L. um almoço integrado nas comemorações do XXVIII Aniversário da Companhia de Seguros CONFIANÇA, tendo estado presente a Administração e todo o Pessoal do Porto, Lisboa, Abrantes,

Aveiro, Barcelos, Braga, Coimbra, Évora, Faro, Guimarães, Régua, Santarém, Setúbal, representantes das Filiais do Ultramar e os principais Colaboradores da Companhia.

Foram entregues relógios aos Funcionários com 25 anos de serviço, tendo usado a

palavra em nome da Comissão Organizadora, o senhor Arménio de Lemos que salientou com entusiasmo o rápido crescimento da «CONFIANÇA», afirmando que a actual divisa «...a caminho dos 300 mil» será apenas uma etapa, o que a assistência

saudou com uma calorosa ovação.

Encerrou a brilhante reunião, que decorreu na mais agradável camaradagem e a todos deixando a melhor rede Ornelas, Presidente do cordão, o senhor Dr. Fernando de Ornelas, Presidente do

Conselho de Administração, que dirigindo os seus cumprimentos a todos os presentes, destacou o Pessoal da «CONFIANÇA», cuja alta competência e reconhecida dedicação constituem a base da expansão e elevada posição da Companhia no meio Segurador.

COOPERATIVA COM MEIO SÉCULO

PORTO, 17 — Em prosseguimento das comemorações do 50.º aniversário da cooperativa da Foz do Douro, foi ontem inaugurada, na sede, uma exposição de trabalhos infantis, redacção e desenho.

Depois da abertura da exposição, procedeu-se à distribuição dos prémios aos melhores classificados nos trabalhos apresentados.

Necrologia

SUFRAGIOS

Eng.º Américo Duarte de Vasconcelos Hasse
Mandada celebrar pela viúva, D. Maria Emília Dinis Hasse, reza-se amanhã, às 11 e 30, na igreja paroquial de Caneças, missa do 30.º dia por alma do eng.º Américo Duarte de Vasconcelos Hasse.

Carlos Ciriaco Almeida Hofacker de Moser
Faleceu o sr. Carlos Ciriaco Almeida Hofacker de Mo-

ser, de 51 anos, natural de Lisboa, agente de publicidade, casado com a sr.ª D. Maria Fernanda Campos dos Santos de Moser e pai do sr. António Manuel dos Santos Hofacker de Moser. O funeral, a cargo da AGÊNCIA SALGADO, realiza-se amanhã, pelas 12 e 30, da igreja da Pena (à Calçada de Santana) para o cemitério de Benfica. Às 12 horas será celebrada missa de corpo presente no referido templo.

PROBLEMAS DE TOMAR

Escrevem o sr. Jacinto Carvalho, de Tomar, a seguinte carta, a propósito de notícias daquela cidade publicadas no «Diário de Lisboa»:

«Apresentando-vos os meus melhores e mais respeitosos cumprimentos, permita V. que tome a liberdade de lhe vir dizer que li a notícia que, o jornal de que é director, publicou no seu número de domingo acerca de dois proble-

mas de Tomar. Afirmar-se que, a partir do dia 15 do corrente, todo o concelho de Tomar, composto por quinze freguesias, incluindo as duas da cidade com razoável iluminação há muitos anos, ficará todo electrificado. Respeitando-se a verdade, não é bem assim. Dizendo-se que ficará quase electrificado por completo, é que estará certo pois há lugares, não muitos, que ainda a

não possuem (luz, já se vê). Neste caso está a importante povoação da Soaiada — freguesia dos Casais, que deu há oito anos 14 contos para ter luz e ainda a não tem. Ultimamente pediram-lhe mais 30 contos, importância que está disposta a dar logo que se iniciem os trabalhos. Evidentemente que não se nega a cooperação que os Serviços Municipalizados têm dado a tão importante problema, mas também é certo que, se os habitantes das referidas freguesias têm o prazer de ter luz em casa e em alguns velhos caminhos, também é verdade que contribuíram com boas verbas para a realização de tal empreendimento, destacando-se de todas elas os das freguesias de Serra e Junceira, etc.

E quanto ao parque de campismo, também não é posto com a clareza que deve ter «Diz-se que as entidades responsáveis, porém, entenderam da maior conveniência instalá-lo onde está.» Pois por entenderem mal é que a maioria da população tomarense se manifestou desde a primeira hora contra o local escolhido, que deve ser, mais tarde ou mais cedo, o campo de treinos dos futebolistas, justamente por estar junto ao Estádio Municipal. E a acompanhá-la estiveram, também, os verdadeiros campistas, como se pode ver numa local do semanário «O Templário», de 20 de Julho de 1969. E até o sr. general Fernando de Oliveira, que foi, durante oito anos, presidente da Câmara Municipal de Tomar contrariou a ideia que então se pensou pôr em prática. De forma que pode o Parque de Campismo estar bem apetrechado, mas está mal localizado para o fim a que se destina, como o afirmam muitos daqueles que o poderiam utilizar, mas não o utilizam por não concordarem com o local escolhido em má hora. E assim é que está certo.»

VX 4/90

A FÓRMULA DUM GRANDE CARRO

Exaustivamente experimentado nos Campos de Treino de Millbrook, em Inglaterra, o VX 4/90 provou constituir, numa versão inteiramente nova, aquilo a que poderemos chamar a fórmula absoluta de um grande carro.

6 VELOCIDADES PARA CONDUZIR 112 HP!

Com overdrive comandado electricamente na 3.ª e 4.ª, o VX 4/90 dá aos seus 112 HP às 5000 r.p.m. 6 oportunidades de resposta. Motor de êrvore de camé à cabeça, com cilindros inclinados a 45º para menor esforço e desgaste dos pistões. Válvulas de escape e de admissão distribuídas alternadamente para um aquecimento mais homogéneo do bloco. Equipado com 2 carburadores de tiragem lateral e de depressão constante para melhor performance e economia.

UMA SEGURANÇA DEFINITIVA

Parte fundamental da fórmula do VX 4/90. Assegurada por uma carroçaria monobloco, com zonas amortecedoras em caso de choque. Pela coluna de direcção compressível. Por travões hidráulicos de circuito duplo, de disco, assistidos por servo-freio que obedecem logo, sem esforço, num espaço mais curto. As jantes — tipo Rostyle — são só elegantes mas, sobretudo, largas, equipadas por pneus radiais (165 SR 13) permitem ainda maior aderência e mais estabilidade.

ELEGANTE E TRANQUÍLO

A elegância das suas linhas, de todos os seus pormenores é quase igual ao conforto do seu andamento. Molas helicoidais à frente e atrás, seja em que piso for, dão a suspensão um equilíbrio perfeito. A direcção de cremalheira

e pinhão, é leve, precisa, directa. Volante desportivo e almofadado. Completo e funcional painel de instrumentos.

UM PREÇO IMBATÍVEL

Mais um elemento que contribui para a fórmula que tem vindo a descobrir. O VX 4/90 custa 112 843\$00. (Não inclui chapa de matrícula e registo de transmissão.) Precisa mais razões para a sua escolha? Visite o seu Concessionário Vauxhall e veja por si.



TEM O TIMBRE DA QUALIDADE.



EM EXPOSIÇÃO NO SEU CONCESSIONÁRIO VAUXHALL EM LISBOA: AUTO-INDUSTRIAL — Av. Duque de Loulé, n. 93/95
MARTICAR — Rua Almirante Barroso, n. 9 — A/B/D

D. Fernando II

vai ter uma estátua
em Sintra

A Câmara Municipal de Sintra tomou a iniciativa, sob proposta do respectivo presidente, sr. António José Pereira Forjaz, de erguer uma estátua ao rei D. Fernando II. Recordar-se que foi esse soberano que mandou construir, pelo arquitecto barão de Eschweg, o famoso palácio da Pena. O rei-artista, que nasceu em Coburgo (Alemanha), em 1816, e morreu em Lisboa, em 1885, viveu parte da sua vida em Sintra, transformando os palácios da Pena e o da Vila em autênticas cortes, onde acolheu algumas das maiores figuras das artes, tais como Columbano Bordalo Pinheiro, Manuel Bordalo Pinheiro, Francisco José Resende, Francisco Pinto da Costa, José de Brito, José Viana da Mota e outros.

A estátua ao rei D. Fernando II foi encomendada ao escultor Anjos Teixeira. A Secretaria de Estado de Informação e Turismo comparticipa no encargo desta iniciativa, apoiando e aprovando a decisão da Câmara Municipal de Sintra.



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

CANAL 13: UM CASO TÍPICO DE EXCESSO DE ZELO

Como se sabe, ontem foi segunda-feira. Se alguém tiver dúvidas pode consultar o calendário perpétuo editado em 1686 pela Sociedade Real de Nuremberga, cidade que viria a tornar-se histórica, mas que se encontra hoje praticamente esquecida, se é que não mesmo arrependida. Foi segunda-feira, isto é: foi dia de Canal 13. Eis aqui um dia da semana que terá grossas penitências a fazer se pretender chegar às quartas-feiras-forsai-ticas que Deus haja.

UMA QUESTÃO DE MASSAS

Canal 13 nasceu para ir ao encontro das grandes massas — e nisto de massas cada qual arranja-se como pode. Quer dizer: para ir ao encontro do grande público. Algumas pessoas não entendem isso, são ainda mais obtusas do que muitos triângulos nossos conhecidos. Pessoas capazes de julgar e de exigir uma televisão para «intelectuais», para sabichões, para compadres — com o único fito evidente de se darem ares, ares invulgares, ares de esgares onde os dases e tomarem vestes brilhantes alamares, e venha daí um copo de três românticos que o que a gente quer é ouvir Tony de Matos. Eu cá sou assim: quando oigo falar de intelectuais puxo logo do Canal 13.

OS VALORES TRADICIONAIS SÃO OS QUE SE VENDEM MAIS

Ai esta voz romântica, este gesto grave e seguro de lançar ao chão fértil a semente do amor, da queixa, da ternura e do drama tão característicos do nosso meio, do nosso povo, do nosso etc! Tony de Matos fazia falta no Canal 13, a fim de publicamente se demonstrar quanto vale a canção portuguesa

ao serviço dos valores tradicionais da grei. Ei-lo a recordar a Rosa, já cantada por António Feliciano de Castilho. Ei-lo a cantar os beijos, beijos que perderam D. Teresa, e que remontam, portanto, aos alvares da nacionalidade. Ei-lo, de modo fulgurante, a prestar vassalagem à guitarra, guitarra: o instrumento que fala português, instrumento muito usado pelos portugueses. Instrumento que tão bem entende o instrumento da nossa alma:

*Se a gente não chora
tu choras por nós...*

Instrumento que se adapta tão freneticamente ao jeito do nosso coração, deste coração que os portugueses prodigalizavam ao mundo. Não tivera Deus criado a mulher de uma costela nossa e tã-la-ia o português criado das cordas de uma guitarra:

*Guitarra, tu és mulher
choras quando um homem quer...*

Sublime inspiração, altos infantis!

O JOGO DOS 40

Que foi Tony de Matos fazer ao Canal 13? Tony de Matos foi ao Canal 13 para que Tony de Matos fosse ao Canal 13. Porque se Tony de Matos não fosse ao Canal 13, outro teria de ir ao Canal 13 em lugar de Tony de Matos, o que seria impraticável, porque se alguém fosse ao Canal 13 em lugar de Tony de Matos, já Tony de Matos não iria ao Canal 13.

Proponho um jogo. Apresento-lhes aqui uma lista de 10 canconetistas, de A a J, e cujas características são:

o A usa cabelos até ao pescoço em lugar (como está francamente estabelecido) de usar pescoço até aos cabelos;

o B prescinde das grandes orquestras, ou as grandes orquestras prescindem de B, o que significa um certificado de mau comportamento;

o C acompanha-se à viola, instrumento tanto mais perigoso quanto mais sozinho estiver;

o D está voltado para o folclore, fala de madrugadas, de rios, e de espigas, o que não molesta ninguém mas uma pessoa fica logo de pé atrás: oh lá, o que é que este quer?

o E diz que não sei que o futuro... (corta, corta o futuro a Deus pertence);

o F garante em entrevistas aos jornais, ao Pop 25 e aos amigos que o poema é muito importante;

o G gosta muito de cantar, os seus ídolos preferidos são o Bob Dylan, a Boez e as torradinhas de fiambre;

o H tem uma data de canções que só canta aos amigos;

o J, finalmente, prova por palavras, música, voz e gente que o acto de cantar é um acto que responsabiliza a pessoa que canta e os que o escutam.

Adiante de cada nome de canconetista, escrevam sim ou não, quanto a uma possível presença do Canal 13. Na sua quase totalidade são rapazinhos ou rapaziinhas inocentes, com os olhos cheios de madrugadas, estão a ver

o género? E cujo maior crime consiste numa certa pureza que os leva a recusar o Gaby, o Marco, o Paco, o Tony.

Que tais as respostas? Todas não, não? Não lhes dizia? E porquê? Por causa dos maus exemplos. Ai está a razão por que Tony vai ao Canal 13. Porque Tony é um bom exemplo. Porque Tony é um bom. Porque Tony é. Porque Tony. Porque.

O CANAL NÃO É SÓ ISTO!

«Este tipo, vê-se logo, é de uma incrível má-fé! Cheguem-lhe! O que ele tem a raiva de não cantar com o romantismo, com o ar-ranquismo do Tony de Matos. Mas a má-fé deste sujeito (a mim nunca me enganou ele, deram-lhe largas, foi o que foi, e agora aturem-no!) percebe-se melhor quando se vê na maneira como pegou na crítica ao «Canal 13»:

(Continua na 13.ª página)

Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa metropolitano — As 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude «Abertura 1.6»; 17 e 30: Girândola; 18 e 05: O convidado de hoje: Lúcia Bot-tisti; 18 e 20: «Especáculo» — Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde com a música do Brasil; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário sonoro; 20 e 20: A Orquestra Montovani; 20 e 30: 24.º Episódio do folhetim «Matias Sandoz»; 20 e 50: Melodias pelo pianista Peter Nero; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir; 21 e 55: Viagem ao passado, por Judite Navar-ro; 22 e 10: Vamos ouvir... o Conjunto de Shegundo Galarza; 22 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 23 e 05: A Vida e a Mulher; 23 e 30: Eles cantam para si; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — As 16: Uma obra... duas interpretações — O Concerto de Elgar, interpretado sucessivamente pelos violoncelistas Anthony Pini e Jacqueline du Pré; 17: Variações K.455 (Mozart) — Ao Piano: Walter Gieseking; 17 e 15: Curiosidades musicais; 17 e 45: Festival de Schewetzingen de 1971 (em gravações cedidas pela Rádio do Sul da Alemanha); 18 e 15: «A Filha de Póhloja» — poema sinfónico, op. 49 (Sibelius); 18 e 30: Gravações Históricas — Canções de Schubert, pelo Soprano Elisabeth Schumann; 19: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio Educativa (Auditorium Juvenil); 20: Diário sonoro; 20 e 20: A Suíte D'Hommages (Asencio), pelo violinista Narciso Yepes; 20 e 30: Cassação em Dó Op.

2.º N.º 17 (Joseph Haydn) por Elementos da Orquestra Sinfónica Austríaca, dirigida por Kurt List; 21: Canções populares de Pamplona pelo Grupo de Camara de Pamplona dirigido por Luis Morando; 21.20: Tem-por Literário; 21.45: A pianista Dinorah Varsi — Kreisleriana Op. 16 (Schumann); 22 e 15: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 45: Música Sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1: Fecho.

Programa de estereofonia — MF-2 — As 21: Música de Portugal; 21 e 15: Canções; 22: Música Sinfónica; 23 e 20: Canções; 23 e 38: Música de fecho; 0 e 04: Música de Câmara; 0 e 51: Solo de viola dedilhada — «Tentos» de Henze, por Julian Bream; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa CDC; 18: Depois da chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Journal; 20 e 07: A orquestra de...; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira à tarde; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Gran-de roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

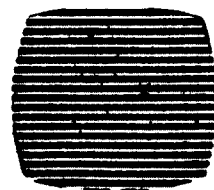
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Vértice; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Em Órbita-óis; 1 e 02:

Banda sonora; 2 e 02: Pers-pectivo; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa CDC; 18: Depois da chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialsac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Leitura; 21 e 25: Música para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 04: Mensageiro do Evangelho; 23 e 18: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radi-rama; 18: Quarto de Hora In-fantil; 18 e 15: Noticiário Re-gional; 18 e 30: Filmes e Re-ligioso; 18 e 30: Terça, do Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do Programa, Publicações recebidas e Boletim de Filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Modo de ler; 21 e 15: Artistas portugueses; 22: Variedades; 23: A 23.ª Ho-ra e Fecho.

EMISSIONS ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 e 17 às 19 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e 14 e 30 às 17; Rádio Graça — Das 10 às 12 e 22 às 2.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



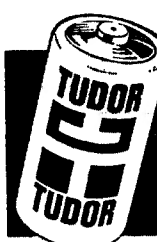
**SIEMENS ESTORIL
electronic**

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Documentário; 14 e 15: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho.

2.º período — As 19: Abertura; 19 e 1: Desenhos animados — «Flintstones»; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Filme infantil «Poucetofes»; 20: Expedição; 20 e 30: Pop 25; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico; 22: Inquérito; 22 e 25: Série dramática «Os Sete Pecados Mortais»; 23 e 25: Marcha do Mundo, e 23 e 35: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série «Júlia»; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico, (simultaneamente com o I programa); 22: Documentário; 22 e 30: Concerto para jovens, e 23 e 20: Fecho.



TUDOR pilhas secas

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

No 1.º Julzo Criminal da Boa Hora, sob a presidência do sr. corregedor Bernardino de Sousa, realizou-se a 171.ª sessão do julgamento do caso herança Sommer.

Nesta sessão, prestou declaração o dr. Fernando Cruz, testemunha de defesa.

Interrogado pelo sr. dr. Manuel João da Palma Carlos, advogado do réu revel (sr. António Champalimaud), o depoente, que sempre consignou em acta as suas afirmações, disse: «Conheci António Champalimaud, em 1945, na Associação Industrial Portuguesa, onde exercei funções desde Maio de 1944, como secretário-geral e consultor jurídico».

Continuando: «Em 1946, fui convidado pelo sr. António Champalimaud para consultar o jurídico da E. C. L., com incumbência de prestar serviços a outras empresas associadas. Foi advogado não só da Sommer & C.ª, como também da Sociedade Comercial Financeira e da Empresa Uniz, Champalimaud, Lda.».

Acrescentando: «Exerci essas funções até fins de 1957. Nesse ano, para não interferir nas divergências entre António Champalimaud e seus irmãos, afastei-me das sociedades a que tinha feito referência».

Rectificando: «A partir de Outubro de 1961, exercei funções no conselho de administração da E. C. L., tendo sido nomeado presidente do conselho de administração, cargo que mantive até fins de Março de 1970».

Em seguida declarou: «No ano de 1969, exercei, durante seis meses, em representação da SODEGE, funções de presidente do conselho de administração da Siderurgia Nacional».

O depoente considerou, em seguida, a actividade e capacidade empresariais do arguido ausente, enumerando as suas iniciativas, nos sectores industrial, bancário, de crédito e seguros.

O magistrado-presidente ob-

servou a testemunha que fosse mais objectiva.

Em seguida, o sr. dr. Fernando Cruz, esclareceu as circunstâncias que antecederam a sucessão do réu revel nas funções que seu tio Henrique de Araújo Sommer, desempenhava.

O sr. dr. Fernando Cruz, relatou, depois, uma conversa havida, em Março de 1957, com a sr.ª D. Maria Luisa de Sommer: «Esta senhora sempre tivera grande confiança no seu sobrinho António. Os primeiros da Cardiga consideraram-no muito jovem para assumir a direcção das actividades empresariais. Mas a referida senhora demoveu, com êxito, a hipótese de José de Sommer Ribeiro ser sucessor de Henrique Sommer».

A testemunha enumerou, depois, as divergências que precederam a eclosão dos conflitos familiares, a qual seria interrompida pelo sr. juiz-presidente, que considerava ter o sr. dr. Fernando Cruz exorbitado a matéria sobre a qual fora interrogado.

O sr. corregedor Bernardino de Sousa, disse: «O sr. doutor (Fernando Cruz), está a fornecer, hábilmente, e de maneira incisiva, apontamentos. Responda, concretamente, à pergunta que lhe é formulada. Seja objectivo».

O depoente, logo a seguir,

O 2.º aniversário do Centro Auditivo

O Centro Auditivo, com sede na Rua Aquilino Montevirde, 32, 1.º, comemora hoje o seu 2.º aniversário. A direcção deste centro está confiada ao conhecido técnico de prótese auditiva sr. Francisco Marcão, que exerce esta actividade há 23 anos e, por várias vezes, se deslocou ao Ultramar onde, a título gratuito, presta inúmeros serviços de audiometria.

salientou: «A sr.ª D. Maria Luisa fora procurada por seu sobrinho Carlos, o qual lhe fizera uma série de acusações contra seu irmão mais velho».

Problemas da nova emissão e das instalações da Sommer & C.ª Lda., temas escaupelizados pela testemunha, que adiantou: «Dessa conversa com essa senhora guardo recordação fiel, pois marcou a consolidação do meu propósito de, a curto prazo, deixar de prestar serviços profissionais às empresas, interligadas à E. C. L., onde era consultor».

A testemunha acrescentou: «O sr. António Champalimaud incorreria em irregularidade, na altura em que se processou o aumento de capital da E. C. L., designado por nova comissão? A sr.ª D. Maria Luisa desejava ser esclarecida. Eu respondi-lhe que, se desejava conhecer pormenores, devia directamente inquirir os junto de seu sobrinho António».

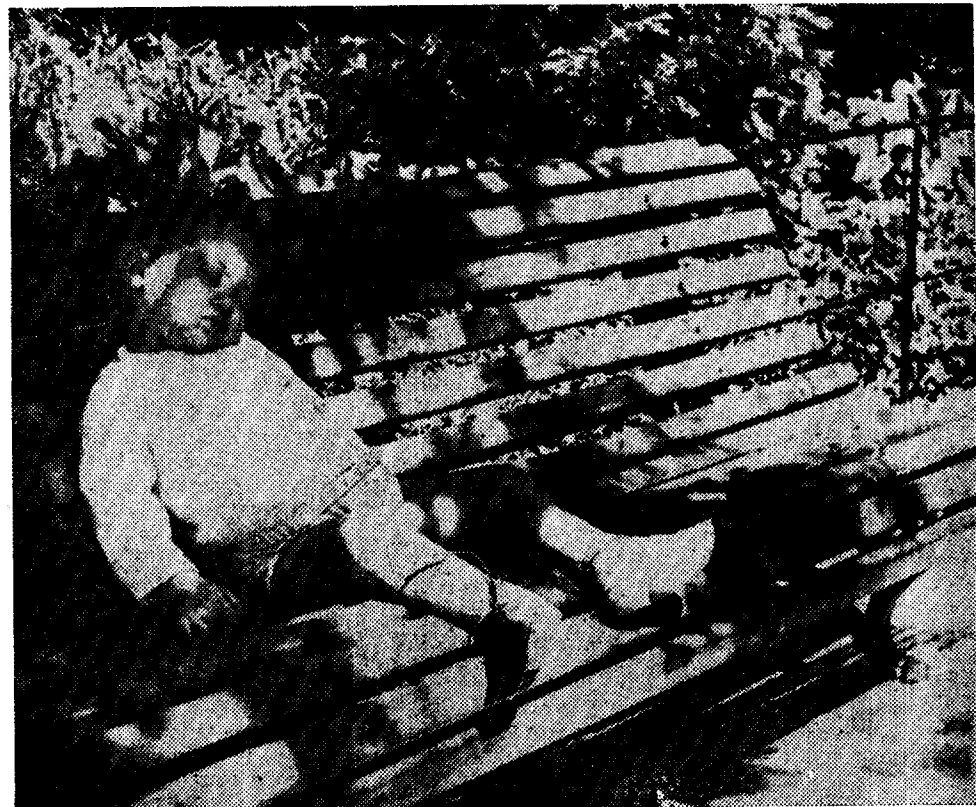
O sr. dr. Fernando Cruz, correspondendo a um pedido de esclarecimento do sr. dr. Manuel João da Palma Carlos, exarou: «A sr.ª D. Maria Luisa não levantava qualquer problema relativamente à propriedade das acções da E. C. L. que haviam pertencido a Henrique Sommer. Afirmou que as deixaria a seu sobrinho António».

O sr. dr. Fernando Cruz, após o intervalo, falou sobre o despojar e a evolução da nomenclatura «Grupo Sommer-Champalimaud».

Depois, acrescentou: «Quando trabalhei na E. C. L., em conversas havidas, sobretudo com os dois administradores da sociedade (José de Sommer Ribeiro e eng.º Gastão Benjamim Pinto) por mais de uma vez me foi referida a circunstância de as acções que pertenceram a Henrique Sommer terem por este sido dadas ou deixadas a suas irmãs (D. Maria Luisa e D. Albana). Esta era, aliás, a ideia corrente dentro das empresas».

Frisando: «Tive conhecimento, através do sr. Henrique Champalimaud, da existência de uma carta, pela qual Henrique Sommer entregava a suas irmãs as acções que possuía na E. C. L., com recomendação de as senhoras, por sua vez, as deixarem ao sobrinho António ou aos sobrinhos que pudessem continuar a obra por ele (Henrique Sommer) iniciada».

«Tal conversa teve lugar na casa que eu possuía em Cascais, após as primeiras divergências entre os irmãos».



TRÊS REGRAS DAS RELAÇÕES PROFISSIONAIS APONTADAS NA REUNIÃO DO ROTARY

Presidida pelo sr. Joaquim Ferreira Queimado, efectuou-se hoje a habitual reunião do Rotary Clube de Lisboa.

Na altura própria o presidente fez a apresentação do palestrante, sr. Saul Ferreira

Pires que falou sobre as «três regras das relações profissionais», no sentido de se encontrarem princípios susceptíveis de serem descobertos, compreendidos e seguidos, que permitam melhorar as relações profissionais.

Serão factores indispensáveis — disse — para se conseguir a forma mais elevada de servir nos negócios e nas profissões: trabalho, orgulho e dimensão. O primeiro realizado com vontade, com energia, com conhecimento, constituindo uma base de adaptação satisfatória da vida. O segundo, referindo-se à tranquila dignidade e ao são vigor que se adquire quando temos uma participação útil no trabalho da humanidade. Quanto à terceira regra apresentada, ou seja, a dimensão e, porque a grande maioria trabalha pelo lucro, é inevitável que as respectivas relações de trabalho produzam certa tirania e certo nervosismo, no entanto, dá-se sempre um passo em frente ao participarmos nas actividades da nossa comunidade: a escola, a fábrica ou o escritório.

CORPO CLÍNICO DOS HOSPITAIS CIVIS

Foram nomeados graduados de Neurologia, Análises Clínicas, Cirurgia e Estomatologia do Hospital de Santa Maria, respectivamente, os srs. drs. António Santos Magalhães, D. Maria José Pereira Salgado Correia, Eduardo Augusto de Vilhena Magalhães Crespo e António Acácio Nunes da Silva.

— A sr.ª dr.ª D. Maria José Leão foi provida, definitivamente na categoria de assistente de análises clínicas do mesmo hospital.

— A sr.ª dr.ª D. Mariana Gaioso, Henriques Vaz de Carvalho Azevedo foi nomeado provisoriamente, por cinco anos, como médico graduado do quadro do pessoal não compreendido no quadro de direcção e chefia do Hospital de São João, no Porto.

O SONO DOS JUSTOS

— Era uma vez um menino que foi ao jardim da Estrela, para aí brincar com os irmãos. Brincou, brincou, e tanto foi que resolveu pôr-se ao sol num banco. E veio o sol e fez-lhe uma carícia com os seus raios poderosos. O menino adormeceu. E ficou a sonhar, num sono de justos. E depois? Quando ele acordar, conta o que sonhou.



CARLOS CIRÍACO ALMEIDA HOFACKER DE MOSER FALECEU

Maria Fernanda Campos dos Santos de Moser, António Manuel dos Santos Hofacker de Moser, João Cristiano Hofacker de Moser sua mulher e filhos, Maria Eduarda e Maria Andreza de Moser (ausentes), Prof. Dr. Fernando de Moser e mais família cumpram o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã pelas 12.30 horas da Igreja da Pena (à Calçada de Santana) para o cemitério de Benfica. As 12 horas será celebrada Missa de corpo presente no referido templo.

AGÊNCIA SALGADO
Telef. 4 82 58

CURSOS

DACTILOGRAFIA
ESTENOGRAFIA
MECANOGRAFIA

- Grátis, manual completo do curso
- Condições especiais para estudantes



Av. Defensores de Chaves, 60-3.º, D.º
Telef. 77 65 77 Lisboa

ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA

Alunas que, tendo apenas a 4.ª classe primária, se inscreverem no

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

cumpram legalmente aquela obrigatoriedade com a frequência dos dois primeiros anos e concluem o curso com economia dum ano

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

R. DONA ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila)
Tels. 44730 e 553575

restaurantes arameiro

LISBOA
Restaurantes
Trav. S. Antão, 21
PRÊMIO DO S. N. L.



MAIA

O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705
Mariscos recebidos directamente da origem



VIRIATO

SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 53 07 58

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 790211

JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(M/ 15 anos)

Parque automóvel privativo

Premiado pelo SNI

Em três linhas

O sr. dr. Alvaro Bebiano Costa e Moura foi nomeado para exercer o cargo de director-adjunto do Instituto das Industrias de Pesca de Angola.

O sr. eng. agrónomo António Guedes Barjona de Freitas foi contratado como equiparado a professor extraordinário do Instituto Superior de Agronomia.

O sr. dr. António Manuel da Assunção Brás Teixeira, vogal do conselho de administração do Instituto de Crédito de Moçambique foi designado vice-presidente do mesmo conselho de administração.

tarias numeros 17 636 e 378/70 que tornaram extensivos a todas as provincias ultramarinas os Decretos numeros 41 806 e 40 323 (aluguer de automóveis ligeiros de passageiros e motocicletas sem condutor).

VAI SAIR UM L. P. DE JOSÉ MÁRIO BRANCO

José Mário Branco nasceu em Portugal há cerca de 28 anos. Está há muito tempo radicado em Paris. Aí tem desenvolvido um importante trabalho como compositor e orquestrador. Nos últimos meses tem colaborado com Sérgio Godinho, um português, igualmente radicado em Paris. Colabora actualmente como responsável pela parte musical num espectáculo comemorativo da Comuna, que está a ser apresentado em todas as cidades e vilas de França.

José Mário Branco concluiu recentemente um L.P. para a editora Sassetti, com a qual há poucos meses celebrou contrato.

Conhecíamos já dois discos seus. O primeiro patrocinado pelos Arquivos Sonoros Portugueses e o segundo em edição do autor e distribuído pelos circuitos paralelos.

A obra que vamos ouvir em Portugal a partir de Outubro é não só o seu mais importante trabalho, como uma das mais representativas peças da nova música portuguesa. No disco há poemas de Sérgio Godinho, Natália Correia e Alexandre O'Neill.

Vamos pois ouvir José Mário Branco com muita atenção principalmente pela qualidade que o seu trabalho apresenta no quase total marasmo da nossa música.

///

O sr. eng. José Correia da Cunha Barros foi nomeado, em comissão ordinária de serviço, para o cargo de engenheiro chefe de serviço da Junta Provincial de Electrificação de Angola.

///

A Federação das Caixas de Previdência (Habitacões Económicas) abriu concurso para a construção de um grupo de estabelecimentos no agrupamento de casas de renda económica de Oeiras

///

Foi suspensa na provincia de Macau a applicação das Por-

///

As novas taxas que entram em vigor em 1 de Setembro, para os telegramas destinados ás terras austrais e antárcticas francesas — Kerguelen (arquipélago), ilhas St. Paul e Amsterdão são as seguintes: telegramas ordinários, do continente e ilhas, 18\$00 por palavra; telegramas Etat, 16\$00.

///

Na Junta Autónoma de Estradas está aberto concurso para adjudicação da empreitada de construção da ponte da barra, sobre o canal de Mira, na estrada nacional n.º 109-7. Preço base: 43 052 099\$.

DIFICULDADES PARA PEÕES NA AVENIDA DO BRASIL

Do nosso estimado leitor sr. Arnaldo Pinto recebemos a carta que, a seguir transcrevemos na íntegra:

«Em face do que se passa na Avenida Brasil, parece-me legítimo perguntar se essa movimentada artéria da cidade se destina a ser utilizada exclusivamente por veículos motorizados. Como não existem polícias-cinaleiros, nem sinais luminosos nos cruzamentos, sempre que um peão tem de atravessar aquela artéria expõe-se a graves riscos, pois o trânsito automóvel é incessante e nada o obriga a deter-se.

A situação é extremamente grave e traduz-se em acidentes diários, por vezes mortais

(sobretudo quando os peões são crianças). As principais vítimas deste estado de coisas são, naturalmente, os moradores da várias transversais daquela avenida.

Conscientes dos perigos a que estão sujeitos, os moradores da rua onde residio (Rua Jorge Colaço), enviaram, já há mais de dois meses, uma petição ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, requerendo que a sinalização automática se tornasse extensiva á Avenida do Brasil, o mais rapidamente possível. Até hoje, porém, nada se alterou nem os petiçãoários obtiveram qualquer resposta.

Por isso, recorro hoje ás colunas do conceituado jornal que V. tão proficientemente dirige, na esperança de alertar as autoridades competentes para este problema, de tão urgente solução.»

ELECTRODOMÉSTICOS INDESITE

Aproveite a nossa campanha de preços, com facilidades e os nossos prémios.

CASA MAX

2-C — Av. Praia da Vitória — 2-F
193-A — R. D. Estefânia — 193-D

CASA MAX e DARDO

Mais um estabelecimento desta organização

FÁBRICA DE MALHAS «ÚLTIMO MODELO, LDA.»

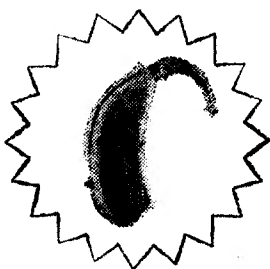
Comunica aos s/ estimados Clientes e Amigos, que se encontram na

AV. DUQUE DE LOULÉ, n.º 105-1.

Grande sortido: de malhas a metro e exteriores p.º homens, senhoras e crianças — Soutiens e cintas Triumph — Meias exclusivas Colans C. D.

PREÇOS DE FÁBRICA AO PÚBLICO

Executam-se trabalhos por medida e fazem-se as entregas no prazo de 48 horas.



SURDEZ

1.º ANIVERSÁRIO DO CENTRO AUDITIVO
— a casa mais moderna em aparelhos para correcção da surdez —

RUA AQUILES MONTEVERDE, 32-1.º — Telef. 5 95 97
(frente ao Jardim Constantino — à Estefânia)

A Gerência do CENTRO AUDITIVO deseja expressar publicamente o seu grato reconhecimento a todos os estimados Clientes e Amigos pela preferência que têm dado aos seus serviços, permitindo aumentar e valorizar ainda mais a moderna organização que se dedica inteiramente ao serviço dos deficientes de audição

Durante o 1.º ano de trabalho, orientado pelos 23 anos de especialidade, foram desenvolvidos todos os serviços prestados por técnicos especializados:

- Testes de audiometria e aplicação correcta da prótese auditiva.
- Execução de próteses auriculares.
- Assistência técnica.
- Assistência e demonstrações em todas as Provincias de Norte a Sul.
- Assistência e demonstrações nas Provincias de Angola e Moçambique.
- Representações exclusivas de excelentes marcas e garantia técnica.

MARCANDO A DATA DO 1.º ANIVERSÁRIO

O CENTRO AUDITIVO APRESENTA A ÚLTIMA NOVIDADE EM APARELHOS AUDITIVOS

- A técnica mais avançada em aparelhos de prótese auditiva.
- Não utiliza pilhas porque possui um novo sistema de alimentação por acumulador eléctrico.
- Cómodo, leve e de modelo usado atrás da orelha.

Uma visita ao CENTRO AUDITIVO é ficar conhecendo uma organização completa em toda a aparelhagem auditiva.

DIRECÇÃO DE FRANCISCO MARCÃO — 23 anos de especialidade

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berto Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais * Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo, 60\$00 * Rua das Toipas 14 * Tel. 327256.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga Tocam: Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal * Encerra aos domingos *

Consumo mínimo 90\$00 * Beco das Cortumes, 10 * Tel. 860816.

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

Canções do Minho por Quim Barreiros * Cons. min., 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rolz, 24 * Telefones: 676655 e 672431.

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Francisco Martins e Alando Carvalha. Tocam: Jaime Santos e An-

tónio Preença Danças regionais por conjunto privativo * Rua «Diário de Notícias», 107 * Telef. 328307 * Consumo mínimo: 60\$00 * Encerra aos domingos

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal, Tina

Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeraldo Amado Fados da Coimbra por Loubet Bravo Tocam: Liberto Conde, Américo Silva e Vítor Ferreira Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Os Arautos. Encerra às 2.ª-feiras. Consumo mínimo, 70\$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telef.: 264521-264526-264596-264621-264946.

ADAGIO

A presença de JOSÉ LETRIA, Pop-Soul e Underground * Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Aberto todos os dias, das 16 às 24 e das 22 às 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695.

TAMILA

Marão e s/ Conjunto * Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos.

CLUBE ANDALUZ

Bolte com atracções espanholas * Música constante * Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 * Telef. 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoço e Jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA—LISBOA — Tel. 861633

D. QUIXOTE — Bar-Bolte

com Carlos Villaret e Tony Vieira * Aberto até às 5 da madrugada * Rua da Trindade, 9—Telef. 327109 * Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa —

Musica constante * Av. Marechal Carmona * Tel. 367136 * Encerra às 3 horas

MAXIME

Conjuntos * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A * Telef. 48384 * Conj. Hélder Reis * Encerra aos domingos.

a fuma
música gravada

ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38d
(à duque de loulé)
5344 60 5619 49

TERRAÇO DAS ESTRELAS
(HOTEL EMBAIXADOR)

CONJUNTO OLIVER * Ave-

nida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

BATACLAN

Rua Ramalho Ortigão, 39-A
Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 às 3.30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA

ENCERRADO AOS DOMINGOS

AUTO-ESTRADA DO NORTE (conclusão)

Uma alternante à estrada Lisboa-Porto poderia sustentar (para já) o agravamento do tráfego

A zona dos Carvalhos terá, em 1973, uma circulação diária de 10 mil veículos. Segundo a opinião de um técnico de tráfego, a estrada na zona dos Carvalhos aguenta mais, e a circulação automóvel a marcha de caracol?

Esta perspectiva impõe soluções rápidas. O troço de auto-estrada Aveiro-Carvalhos (56 km), cuja construção está

Alternante à estrada Lisboa-Porto

Há muito que se impõe uma alternante à Estrada Nacional

sociológicas novas impõem-na de forma mais premente.

A «civilização dos tempos livres» trouxe até Portugal os seus efeitos. Os portugueses iniciam um movimento de turismo interno, embora ainda em pequena escala. Os fins-de-semana mais longos, os subsídios de férias, a motorização individual, leva a deslocamentos frequentes que implicam estruturas em que a rede rodoviária se inclui como um dos elementos essenciais.

O automóvel individual é um «dinamizador do processo de desenvolvimento económico-social», segundo o relatório e contas (1970) do Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul. Permite uma mobilidade, aproveitada pelo trabalhador cansado pelo ritmo de vida das cidades, e implica o desenvolvimento das regiões que possam oferecer o contraponto desse ritmo, ou seja, o ar livre, o sossego, o contacto da Natureza.

estrada junto à costa marítima a ligar as duas cidades. Simplesmente, a estrada encontra-se em más condições de conservação e tem desvios que alongam o trajecto.

Essa estrada poderia, até, oferecer interesse turístico e contribuir para a promoção das regiões que atravessa. E se fossem construídos os troços Santa Cruz-Lourinhã e Peniche-S. Martinho do Porto, sem passar por Torres Vedras, o automobilista passaria a dispor de uma estrada que lhe permitiria escapar ao trânsito congestionado da estrada Lisboa-Coimbra-Porto.

Interrogámos um funcionário da Junta Autónoma das Estradas acerca da oportunidade da construção desses troços. Foi-nos dito:

— São obras caríssimas, e as realidades turísticas da zona não as justificam. O turismo, dados os nossos condicionamentos, não é interno. São turistas estrangeiros que vêm cá...

Seria, no entanto, de considerar a alternante, na orla marítima da estrada Lisboa-Porto, não só no seu interesse turístico, mas como possibilidade de descongestionar a curto prazo a Estrada Nacional

Hipótese a considerar

Não é utopia referir uma alternante para a estrada Lisboa-Porto. Existe, aliás, uma

n.º 1 (a que liga Lisboa ao Porto) principalmente de Coimbra a Porto. Condições

mas as condições de circulação vão piorar. E informa-nos, ainda, que uma estrada de duas vias pode suportar o tráfego homogéneo diário de 10 000 veículos. Como nestes 10 000 cerca de 20% são pesados, isso em automóveis corresponde a 12 000 veículos.

As condições de circulação nas zonas de Oliveira de Azeméis e Carvalhos estão já próximas do pandemónio. A estrada é estreita, o trânsito é composto por grande percentagem de camiões, o que dificulta o ritmo de marcha, dado o traçado sinuoso da via, cheia de curvas, e as camionetas seguem frequentemente em comboio. Com o aumento previsto de veículos em circulação naquelas zonas, para 1973, não será de antever para a cir-

prevista para 1974 (estará?), anuncia-se tardio. E que outra solução poderá ser adoptada?

n.º 1 (a que liga Lisboa ao Porto) principalmente de Coimbra a Porto. Condições

FÉRIAS NA PRAIA EM RIMINI

ESTÁDIAS DE 8 OU 15 DIAS
PREÇOS DESDE 2.310\$00
TUDO INCLUIDO, POR AVIAO
EXCURSÃO ACOMPANHADA
PARTIDAS TODOS OS
SABADOS

NAS CANARIAS

ESTÁDIAS DE 8 OU 15 DIAS
PREÇOS DESDE 2.020\$00
POR AVIAO-ACOMPANHADA
PARTIDAS DE SEVILHA OU DE
MADRID TODAS AS 3.ª FEIRAS

PAGAMENTOS ATÉ 12 MESES

RUA ROSA ARAÚJO, 2
TELEF. 53 69 71

Melia

BRILHANTES

De qualquer tamanho e
preço, compramos. Paga-
mos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257



Apesar de o polícia de trânsito, os veículos acumulam-se no centro de São João da Madeira. As dificuldades para o desafio dos veículos são constantes



HITCHCOCK?



No centro da vila de Oliveira

n.º 1 (Lisboa-Porto). O automobilista que seguisse em passeio para o Porto poderia seguir pela orla marítima. A estrada actual ficaria ao serviço dos automobilistas apressados e dos camiões. Não será hipótese a considerar?

NOVILHAS BRITÂNICAS PARA PORTUGAL

Adquiridas pela Sociedade Agrícola do Alentejo, no concelho de Roncaval, chegaram ao aeroporto da Portela 50 novilhas leiteiras da raça «Friesa Britânica» exportadas pela firma inglesa «United Livestock».

A importação foi feita através do agente daquela firma para Portugal, comendador Francisco José Simões.

É esta a segunda importação de bovinos leiteiros seleccionados feita por aquela sociedade agrícola, em cuja exploração está sendo instalada uma das maiores unidades leiteiras da Portugal e uma das mais modernas da Europa.

EMBARCAÇÕES PARA SOCORROS A NAUFRAGOS

PORTO, 17 — No quartel «Comandante Gabriel Cardoso», na Foz do Douro, na Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Portuenses, haverá no dia 22, às 17 horas, a cerimónia de baptismo de três novas embarcações, destinadas aos serviços de socorros a naufragos, seguindo-se exercícios de salvamentos.

Estas realizações incluem-se no programa das Festas de Verão da Foz do Douro, que começam no sábado.

Serviços Médico-Sociais Universitários

A enfermeira Alice Girard, directora da Faculdade de Enfermagem da Universidade de Montreal (Canadá) e vice-presidente do Conselho Internacional das Enfermeiras, esteve em Lisboa, a convite pessoal da enfermeira-superintendente dos Serviços Médico-Sociais Universitários, tendo efectuado diversas visitas de estudo e reuniões de trabalho.

COM DUAS TÁBUAS MEGALÍTICAS A HISTÓRIA ANTIGA DO PRÓXIMO ORIENTE É MAIS FÁCIL DE SE ENTENDER

CLAREMONT (Califórnia) — Graças a uma meia dúzia de velhas tábuas de argila — que, por caminhos tortuosos,

foram parar à Suécia vindas do Próximo Oriente — um grupo de estudiosos conseguiu resolver dois enigmas que há muito os traziam intrigados.

Um desses problemas referia-se a intrigas internacionais velhas de milhares de anos.

O outro era uma questão de ritual. O velho Testamento contém referências a esse ritual, mas os estudiosos ignoravam as suas origens e não sabiam do que realmente se tratava.

As seis tábuas de argila são ugaríticas e a mais velha delas remonta a 3200 anos.

Foram adquiridas pelo Instituto de Antiguidade e Cristianismo da Escola Superior de Claremont, na Califórnia.

Ugarit era um pequeno reino nas proximidades da actual cidade de Lattaquié, na Costa Síria, em frente da Ilha de Chipre. Tratava-se de um reino de enorme relevo para a história do Próximo Oriente — e para a história da Humanidade, em geral — embora nunca tivesse sido uma nação de grande extensão geográfica.

«Ugarit foi uma espécie de avó da Fenícia», explicou o dr. Loren R. Fisher, do Instituto de Claremont, que é um dos estudiosos que se estão a ocupar da decifração das tábuas ugaríticas. O povo era praticamente igual ao fenício e a sua língua era aparentada com a dos hebreus. Pode dizer-se que a língua de Ugarit está para o hebreu como a de Chancé para o inglês. Ugarit sobreviveu até cerca de 1500 ou 1200 a. C. e foi destruído pelos povos do Mar Egeu.

Mas a língua ugarítica tem grande interesse também para os homens de hoje.

«A sua escrita cuneiforme,

tal como pode ver-se nestas tábuas, foi exportada para Creta, onde se converteu posteriormente numa forma linear de escrita, a que chamamos linear A e linear B», informou o dr. Fisher.

«Posteriormente foi exportada, na sua nova forma, para a Fenícia e dali para a Grécia».

No decurso destas transferências, transformou-se, passando de escrita de tipo sílabico para uma escrita de caracteres individuais; foi sob esta última forma que chegou à Grécia.

Além do dr. Fisher estão a trabalhar na decifração das tábuas os seguintes estudiosos: dr. Michael Astour, da Universidade Sul do Ilinoi.

Por exemplo, os babilónios tinham uma história do dilúvio, que haviam recebido da Suméria. Esta velha história com o herói Utnapishtim assemelha-se em muitos pormenores à história bíblica do Dilúvio.

Isto demonstra que algumas das histórias do velho Testamento não eram «propriedade privada» dos hebreus, mas sim parte de uma tradição comum do Próximo Oriente. Isto demonstra, uma vez mais, aquilo que muitos esquecem — que o judaísmo e o cristianismo não nasceram do vácuo, mas provêm de civilizações e culturas complexas e requintadas.

Embora o ugarítico seja dos especialistas mundais

Por DAN THRAPP

Exclusivo «The Los Angeles Times» — «D. L.»

dr. Patrick Miller, do Seminário Teológico, de Richmond, Virginia, e o rev. Michell Dahood, S. J., da Instituição Pontifical Bíblica, de Roma.

O trabalho está a ser feito no quadro dum projecto denominado «Projecto de Estudos Comparados de Hebreu e Ugarítico», dirigido pelo dr. Fisher. Este programa pretende investigar os paralelos entre a literatura ugarítica e a bíblia hebraica.

Também serão estudados em paralelo alguns textos em acádio (babilónico). Além disso, organizar-se-ão índices multilingues, os quais serão de imenso interesse para futuros estudos linguísticos da quebra área do mundo.

As relações entre estas diferentes línguas revestem-se de grande significado e conhecem-se, de há muito, alguns aspectos desse paralelismo.

mais em evidência na matéria.

O dr. Cyrus H. Gordon, da Universidade Brandeis, que foi o mestre do dr. Fisher, organizou uma gramática de ugarítico, em 1940.

«Temos uma gigantesca bibliografia computarizada, mas mesmo assim, há muitas palavras que desconhecemos», diz Fisher.

Quatro daquelas tábuas são amarelo-acastanhadas e pesam como pedras. São verdadeiros tesouros.

«Não posso dar grandes explicações sobre a maneira como as obtivemos. Apenas posso dizer que tivemos notícia da sua existência em Paris e que as adquirimos por alto uma língua antiga, o seu estudo sistemático só muito recentemente se iniciou. O dr. Fisher é precisamente um

(Continua na página seguinte)



O dr. Loren Fisher examina uma das tábuas ugaríticas que auxiliou os investigadores a resolver alguns problemas da história da Terra Santa

QUEREMOS
CRÈME GLACE!!



é uma alegria!

Prepare em casa, económica e rapidamente,
CREMES e GELADOS deliciosos e nutritivos
(com vitaminas, proteínas e minerais) e todos
os benefícios do Iogurte Express Bévita.
Sobremesas e lanches requintados,
maior agrado para todos, mais prestígio para si.
FÁCIL DE PREPARAR BASTA JUNTAR LEITE!
ECONÓMICO!
Em embalagens de 10\$00, disponível nos sabores de baunilha, caramelo,
alperce, morango e chocolate.



Este relógio
conquistou
o Mundo inteiro

AGÊNCIAS OFICIAIS

JOALHARIA CUNHA
Rua Aurea, 201

OURIVESARIA PORTUGAL
Rossio, 121

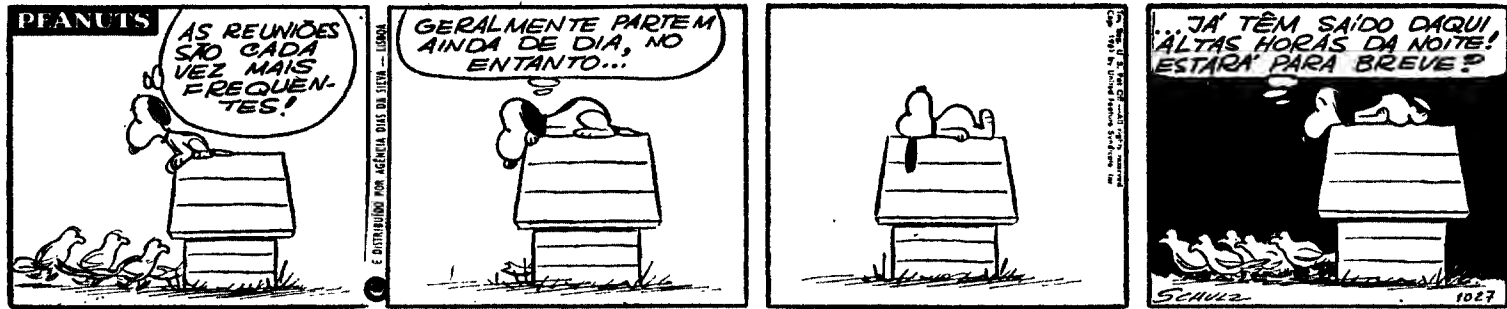
LISBOA

A C.P. INFORMA:

DESPACHO CENTRAL
DE MONTE ARNEIRO

A partir de 4 de Agosto
de 1971 todas as estações de
caminho de ferro despacham
mercadorias, incluindo pequenos
volumes para Monte Arneiro.

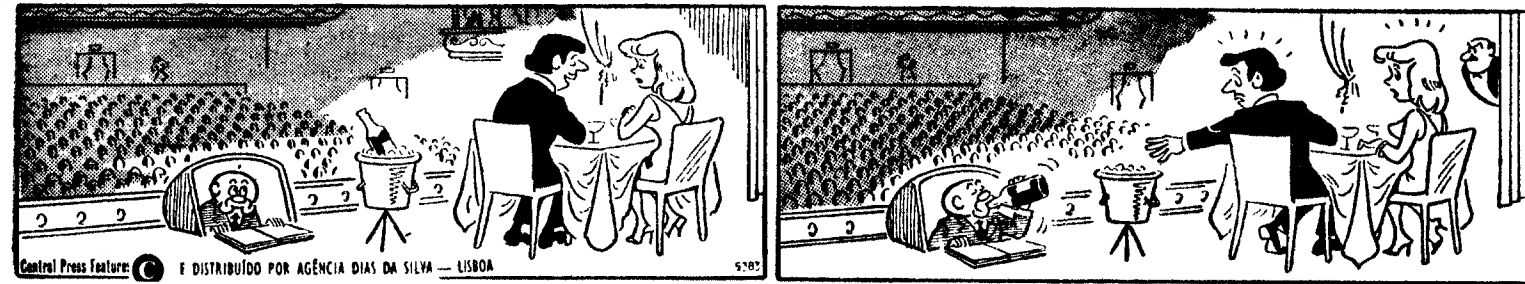
Por seu turno, no Despacho
Central de Monte Arneiro,
expedem-se igualmente,
mercadorias, incluindo pequenos
volumes, para qualquer
estação de caminho de ferro
ou para qualquer localidade
servida pela camionagem combinada.



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 17 de Agosto de 1941 publicava:

RICHMOND (Califórnia), 17 — A agência Reuter informa, pelo seu correspondente, que o contra-almirante Land, presidente da Comissão Marítima dos Estados Unidos, discursando ontem, por ocasião do lançamento do navio mercante «Ocean Vanguard», disse:

«Dois navios por dia, durante dois anos! Eis o objectivo dos Estados Unidos!»

Acrescentou que o objectivo imediato do programa de construções navais norte-americano era o lançamento de 1200 navios mercantes até ao fim de 1943.

MENSAGENS DE QUELUZ PARA QUELUZ

QUELUZ, 17 — Partiu hoje para o Brasil o sr. Alfredo Alves dos Santos, presidente da Junta de Freguesia de Queluz, que é portador de duas mensagens para a cidade brasileira de Queluz: uma daquele órgão local e outra do Bairro Administrativo.

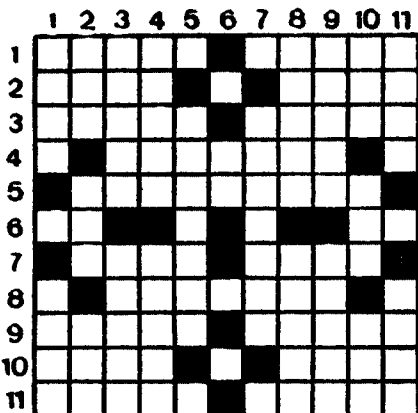
As mensagens serão entregues no dia 18 de Setembro, data em que a Queluz portuguesa ascendeu, há 10 anos, à categoria de vila.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5986

HORIZONTAIS: 1 — Covas. Estímulos. 2 — Enigmas. Calcular. 3 — A arte poética. Fíndar (fig.). 4 — Pacote grande. 5 — Mulher que serve em botequins. 6 — Boro (s.q.). Prefixo de negação. 7 — Lavra. Villa e sede de concelho (Portalegre). 8 — Acorrentes. 9 — Óleo de amendoim, preparada para calafetos. Escalarece com comentários. 10 — Comprar garrafas de ano para exportação. Partidos. 11 — Móveis sobre os quais se como. Comer à ceia.

VERTICAIS: 1 — Grito de aplauso, de vitória. Aquele que. 2 — Medida de superfície. Filtro. O vencimento diário de um soldado. 3 — Patete. Listas. 4 — Queimam. Gostara muito de. 5 — Enjeço. 6 — Sufixo que designa estado. 7 — O mesmo que ateigara. 8 — Habitai. Domina. 9 — Paixão (fig.). Separa. 10 — Levante. Suspiros. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte da África. 11 — Cura. Morada.



Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5985

HORIZONTAIS: 1 — ANTES. Pacas. 2 — Miolo. Avaro. 3 — Acrás. Romal. 4 — Dóni. Lima. 5 — Osa. Gap. SER. 6 — Serrana. 7 — QS. Pára. Ct. 8 — Au. Impem. Ar. 9 — Pesca Cossa. 10 — Sôr. Era. 11 — Sassa. Ralar.

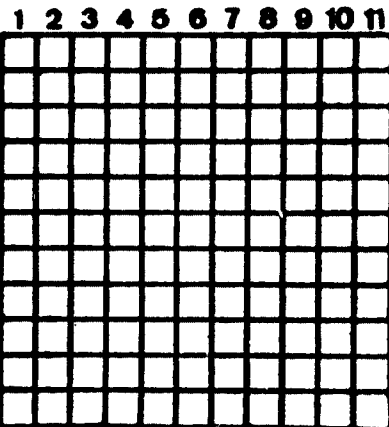
VERTICAIS: 1 — Amado. Sapis. 2 — Nicos. QUE. 3 — Torras. SSS. 4 — Elai. Épicos. 5 — Sôl. Gramora. 6 — Pirar. 7 — Par. PARECER. 8 — Aval. Namora. 9 — Camisa. Sal. 10 — Arame. Cás. 11 — Solar. Trair.

PROVERBIO: Antes ser que parecer.

NOVA MODALIDADE!
PROBLEMA N.º 9829

HORIZONTAIS: 1 — O mesmo que agros. Balança chinesa. 2 — Rebenito. Ecoara. 3 — Anagema. (As mãos (pop)). 4 — Césio (s. q.). Rol. Abreviatura de Santíssimo. 5 — Bolsa de capa, feita de fibras de caruá (Bras.). 6 — Cidade e porto de Marrocos. Porque. 7 — Cidade de Peru. Lá cardada. 8 — Mapador (fig.). 9 — Antigo definido. Nome de flor. Cálcio. (s. q.). 10 — Gozar. Voz do gato. O mesmo que bonzo. 11 — Diz-se do bai de pelo amarelo com manchas pretas (Bras.). Viela.

VERTICAIS: 1 — Moeda de prata da Índia (Ant.). No Oriente, espécie de pombo. 2 — Cruéis. alumínio (s. q.). Ente. 3 — Grande quantidade. Igual. Riado (s. q.). 4 — Corpo gordo produzido pela saponificação da cetina ou espermaceto (Quim.). Magnete. 5 — Pessoa parecida com outra. Guarnecido de arames. 6 — Consentimento. Prefixo que designa três. 7 — Peixe do género siluro. Mordamo. 8 — Costure. Cabelo. 9 — Tens. Regaço. Pronome reflexo. 10 — Deus do amor. Satélite de Jupiter. Óxido de Cálcio. 11 — Dinheiro (pop.). Rio da Checoslováquia.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9828

HORIZONTAIS: 1 — Trago. Salta. 2 — Roma. Cias. 3 — Ota. Cal. Aba. 4 — To. Autor. Ad. 5 — Ecoar. Tosco. 6 — Anão. Alho. 7 — Saca. Carvão. 9 — Trompa. late. 10 — Roer. Sondar. 11 — Assado. Sora.

VERTICAIS: 1 — Trote. Ostra. 2 — Retoca. Aros. 3 — Ama. Orações. 4 — Ga. AAA. Arma. 5 — Curo. 6 — Mat. Ocaso. 7 — Lota. 8 — AC. Rol. Rins. 9 — Lia. Silvano. 10 — Tabaco. Atar. 11 — Asado. Moera.

A HISTÓRIA ANTIGA DO PRÓXIMO ORIENTE

(Continuação da pág. anterior)

preço. Chegaram ilegalmente à Suécia e acho que o que pagamos funcionou como uma espécie de resgate. Entre as seis tábuas ugaríticas que chegaram, não sabemos como, à Suécia, descobrimos duas de tamanha importância que nem queríamos acreditar no que víamos!».

DOIS ENIGMAS DECIFRADOS

A primeira tábua importante é uma carta dum rei de Karchemish, chamado Ini-Teshub. Karchemish ficava na Turquia meridional, mesmo a norte da fronteira síria. Foi aí que em 605 a. C. Nabucodonosor travou uma importante batalha com o faraó Neco.

Ini-Teshub escreveu a Ammish Farum II, rei de Ugarit e a Sausgamuwa, rei de Amurru, (cujo povo eram os amaristas da antiga Palestina e Jordânia) a respeito de certas pressões e lutas

que então se abatiam sobre Ugarit.

«O que acontecia era que os hititas a Norte e os egípcios a Sul pretendiam que Ugarit servisse de estado-tampão contra as tentativas de expansão de uns e outros».

Trata-se de um problema que há muito intrigava os estudiosos devido à sua influência na história de Ugarit e consequentemente na história de todo o Próximo Oriente. Há muito já que os estudiosos se haviam resignado a desconhecer os portadores da questão.

Ora esta tábua fornece uma análise da situação: na verdade, o rei de Karchemish, que seria uma espécie de satrapa hitita, procede, nesta carta, a uma revisão do problema. Frisa ele que um dos reis, mercê de um casamento errado, procurou alargar a influência dos egípcios para o Norte. Ini-Teshub aconselha esse rei a divorciar-se, para evitar que a situação se agrave ainda mais.

Ao que parece, assim se fez e, pelo menos, por algum

tempo, o problema ficou resolvido.

A outra tábua importante descreve um ritual chamado *Margeah*.

«Durante anos depararam-se nos referências a este ritual, mas ninguém sabia do que se tratava. Vem mencionado em Amos VI, 7 e em Jer. XVI, 5, onde parece ser referido como uma coisa má disse Fisher.

«Quando conseguimos traduzir a tábua, vimos que o ritual em questão estava ali inteiramente descrito. Os rituais ugaríticos interessam-me muito, porque nos ajudam a compreender a história dos rituais hebraicos e podem servir de referência para datarmos os textos do velho Testamento. Mal pensava eu que estas pequenas tábuas haviam de nos ajudar a encontrar a chave de um problema de relações externas e a de um problema de ritual, um e outro tidos por insolúveis e que o eram realmente à luz das informações de que até agora dispunhamos».

APARTAMENTOS NO CENTRO DE CASCAIS

JUNTO DAS PRAIAS

E ESTAÇÃO DE C. DE FERRO

VENDEM-SE
E ALUGAM-SE

MOBILADOS
E SEM MOBÍLIA

TRATAR COM JOAQUIM BARAONA

Av. VALBOM, 28-1.º — Telef. 282345 e 282388 — CASCAIS



TERRA DOS MILAGRES

(Continuação da 1.ª página)

tanto num como no outro avião. As deficiências técnicas, descobertas durante as experiências de voo, vieram juntar-se às dificuldades comerciais. Aquando do seu terceiro voo experimental, um «Jet Commander» modificado veio esmagar-se no solo, devido ao mau funcionamento de um dos lemes de inclinação; em Novembro de 1970, foi a vez do «Arava» se esmagar, durante um ensaio de vibrações em voo, depois de um braço metálico, fixado na fuselagem, com a função de sustentar as asas, se ter partido. Estas contradições técnicas provocaram certos atrasos, demonstrando que não é fácil levar a cabo um esforço tecnológico limitado, ainda que se apoie numa investigação mais fundamental (estudo aerodinâmico, estudo de novos materiais como o titânio, as fibras decarbono, e estudos da corrosão).

Mesmo na altura em que a «Israel Aircraft Industries» se via perante aquelas dificuldades, o mercado internacional de aeronáutica, sobretudo o americano, que parecia tão promissor para os pequenos aviões, em 1967-1968, via-se perante a recessão; a cadência de produção do «Commodore Jet», cujo certificado deveria ser obtido este Verão, seria de dois aviões por mês; em Março de 1971, estavam já na fase de montagem final doze aparelhos e outros tantos começavam a ser montados. Mas, o ano passado, as encomendas garantidas não ultrapassaram a dezena. Quanto ao «Arava», que será vendido ao preço de 11 milhões de escudos, mais ou menos, a par-

tir do corrente mês de Agosto, será necessário que a «Israel Aircraft Industries» fabrique cerca de 150 para recuperar os 275 milhões de escudos investidos no seu desenvolvimento. Ora, praticamente, todas as opções tomadas (cerca de setenta), foram no pelas forças armadas israelitas. É verdade que as prensas, as máquinas-ferramentas já têm uns anos, que se estenderem nos vários hangares da «Israel Aircraft Industries» e que representam um investimento de 1250 milhões de escudos, não se destinam, apenas, à produção de aviões comerciais. Este parque que não deixa de fazer lembrar os pertencentes aos construtores europeus, permite fabricar células inteiras de aviões militares, como os Mirages. Assim, se Israel se não encontra ainda em posição de produzir reactores caros e difíceis, pode já construir células.

Ajuda-te, que Deus te ajudará

Tendo agora posto pé no mercado internacional, que lhe é necessário para sobreviver, devido à estreiteza do nacional, as firmas de electrónica e aeronáutica passaram a ver-se submetidas a todas as contingências e flutuações daquele mercado. Por outro lado, o mercado internacional fica geograficamente afastado do Próximo Oriente e vender na Europa ou nos Estados Unidos requer redes comerciais que ainda têm de ser estabelecidas. De facto, raras são as firmas como a «Elscint» que decidem criar as suas próprias organizações de venda. As outras empresas contam, a maior parte das vezes, com

a firma americana que participou com capital, na altura da fundação. O que as não impede de estabelecer acordos de venda com outras organizações, e comercializar o mesmo produto por intermédio de uma firma americana, nos Estados Unidos, e por uma firma europeia, na Europa.

Parece difícil que uma sociedade se possa realmente desenvolver mantendo-se integralmente israelita. Chegando a um certo nível, cede uma parte do seu capital a uma sociedade americana, que lhe abre mais vastos mercados. Possuindo 50% das acções da «Tadiran» desde a fundação da firma, o Ministério da Defesa cedeu, em 1969, 70% da sua parte à sociedade «General Telephone». A «Tadiran» tem agora acesso à tecnologia da «General Telephone», que, por outro lado, lhe comercializa os produtos. Em Agosto de 1970, a firma americana de ordenadores «Control Data», que já estava fortemente implantada em Israel, tomou o controle da «Elbit» e comprou-se a comercializar os produtos que aquela lançasse, posteriormente.

Até aqui a firma israelita produziu duzentos pequenos calculadores, dos quais 70% foram vendidos no estrangeiro: um resultado invejável.

«Ajuda-te, que Deus te ajudará... Israel parece hoje ter feito seu aquele velho provérbio, tanto no domínio militar como no económico. Para sobreviver e se tornar um país industrializado, entra na linha nos mercados internacionais, ganhando, assim, cada vez maior avanço sobre os vizinhos. E quando a paz regressar no Próximo Oriente,

estará aqui um novo germe de discórdia a menos que os países árabes compreendam, a tempo, que só lhes resta escolher o mesmo caminho.

Remediar a falta de engenheiros e técnicos

Em 1968, havia em Israel 9730 engenheiros, tanto imigrantes como antigos alunos do Technion de Haifa, única escola a formá-los, até 1966. Deste total, 2850 trabalhavam na indústria, que empregava 252 000 pessoas.

Redigido sob os auspícios do Ministério das Finanças, em princípios de 1970, surgiu um relatório a tentar avaliar o número de engenheiros de que o país necessitaria nos dez anos seguintes, tendo em conta o desenvolvimento da indústria civil, militar, dos outros sectores económicos, e as previsões do Ministério da Defesa.

As necessidades totais em engenheiros atingiriam 18 000, em 1975, e 28 000, em 1980. Supondo que a contribuição da imigração seja de 750 a 1400 engenheiros, por ano até 1975, para descer para 250, por ano, entre 1975 e 1980, o «déficit» actual de engenheiros — 500, em 1969 e 1970 — prolongar-se-á até 1972, passando a diminuir progressivamente; far-se-á sentir, de novo, entre 1978 e 1980, para atingir 4000 engenheiros, por ano, em 1980.

Dai a ideia do Governo de auxiliar financeiramente as universidades de Telavive, e talvez a de Holon, que querem dotar-se com uma escola de engenharia, tal como o fez, em 1966, a recente universidade de Beersheva, orientada, aliás, pelo Technion.

Apelo aos especialistas estrangeiros

Na sua maior parte, as indústrias electrónicas e aeronáuticas apelaram para especialistas estrangeiros — sobretudo americanos — para dirigirem ou enquadrarem os seus principais departamentos. Na «Tadiran», há um director americano, que tem sob as suas ordens, no departamento que lhe compete, seis engenheiros formados nos Estados Unidos. Na «Elbit», que emprega quinhentas pessoas, os directores de departamento ou de divisão são, praticamente todos imigrantes americanos, vindos de trabalhar na «Silvanian», na «Zenith», na «Sperry Rand», ou na «General Electric», ou, então, engenheiros que passaram vários anos no estrangeiro. Na «Israel Aircraft Industries», metade dos engenheiros veio do Technion, mas há uns duzentos e cinquenta a trezentos que também vieram dos Estados Unidos.

FIM

«VELHINHA SUBSTITUÍDA POR PALHA»

Para Ana Rosa Rodrigues, desalojada, como noticiámos há dias, do cubículo em que vivia na Pascoal de Melo, recebemos de uma leitora anónima a quantia de cem escudos.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 17 — (A. N. I. e L.) — Foi distribuído pelo comando-chefe das Forças Armadas em Angola o seguinte comunicado:

«1 — A actividade terrorista no mês de Julho apresentou as características mencionadas em comunicados anteriores, que em resumo se indicam:

a) Número cada vez menor de acções em Julho, houve um decréscimo de 13% em relação ao mês anterior e uma diminuição de 48% em relação a igual período do ano passado.

b) Mantém-se as tendências para evitar o contacto com as nossas tropas e os terroristas actuam predominantemente com flagelações à distância e actividades sobre as populações, promovendo raptoes, saques, sequeiros ou mortes.

2 — As acções mais significativas levadas a cabo pelo terrorismo em Julho foram, no dia 1, ataque e saque da sanzala Baizo de Mangumbo; em 6, ataque à sanzala Temotaia; em 8, rapto de 27 elementos da sanzala Quitama; em 22, saque da sanzala Qui-munga; em 26, destruições na roça Canhongua; em 29, sabotagem na linha do Caminho-de-Ferro de Benguela, que originou o descarrilamento de uma máquina e alguns vagões.

3 — Da actividade opera-

cional das nossas tropas que, no período em apreço, provocou 163 mortos e 51 feridos confirmados, destaca-se a operação «Zagaia», agora terminada. Esta operação, que decorreu no leste, teve os seguintes resultados neste período: 87 mortos e 14 feridos; a subtração de 106 pessoas ao jugo terrorista, e a captura de elevada quantidade de material.

4 — Da actividade, visando o desenvolvimento socio-económico das populações, destaca-se o esforço desenvolvido na rede rodoviária da província. Desde o início do cacimbo, as nossas tropas repararam e beneficiaram 178 quilómetros de estrada, abriram 163 quilómetros de novas vias e construíram 11 aquedutos.

5 — Mercê dos insucessos verificados, os movimentos terroristas estão a proceder ao recrutamento coercivo dos angolanos residentes nos países vizinhos, para promoção de futuras infiltrações, assim, não é de estranhar o aumento do número de pessoas que se vieram acolher à nossa protecção (969), umas vindas das matas, quer libertadas, quer fugidas aos maus tratos terroristas, e outras vindas do exterior, para evitarem fazer parte de movimentos que nada lhes dizem.

6 — As nossas forças, nas suas missões para o estabelecimento da paz, sofreram cinco mortos em combate.»

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 2.ª página)

começou pelo fim, pelas canções. Até podemos em parte concordar com ele, na verdade as canções, enfim... Mas o resto? «Canal 13» não é só isto.

É a actuação das manas Benavente, Glória (melhor relíquia) do cancionismo moderno e multisecular de Espanha.

É a actuação daquele conjunto de Cabo Verde, mornas tão langorosas, tão dolentes, tão doentes da partida...

É a entrevista com Raul de Oliveira, cheia de dados pitorescos, a quem Romano, com a habilidade por todos reconhecida, deu a machadada mortal.

É a presença daquele artista, o Kim, fabricante de cristos, autodidacta, que tem muita pechinha de ser autodidacta. O seu apelo para que, através da televisão, se facilite a sua matrícula numa escola superior de Belas-Artes, causou a maior impressão e ninguém se admira de ver o requerente satisfeito o seu apelo — e é bem feito.

É a presença daquele recitador de cotovelo, enterrado até à gola numa compota de versos. Este crítico danadíssimo vai dizer que ele pôs Sá Carneiro a tormentos de tal modo que o poeta, a estas horas, deve ter achado gostosa a estricnina, vai dizer que esfrangalhou até a mutilação mais repelante uma simples quadra de António Aleixo. A gente deixa-o dizer. O que ele quer já nós sabemos...

É a presença daquele Rosetti que a si próprio armava laços e deles conseguia evadir-se.

É a presença encantadora daquele conjunto luso-americano que tanto tem feito pela divulgação da música portuguesa na América do Norte. A sua interpretação do «Cochicho» constituiu um dos momentos mais altos da televisão portuguesa, um momento histórico,

um marco, um — Deus me perdoe! — um padrão. Causou arrepios aquele poema tão sadio, tão vivo, aquilo sim é poesia! É de estremecer quando se ouve em Portugal, de Norte a Sul, aquele apelo frenético:

Rapaziada quem é que quer assoprar no cochicho da menina!

Isto sim. Isto é música bem portuguesa, bem nossa, bem para o nosso povo. Canções eternas que se dirigem ao coração da boa gente, gente humilde e trabalhadora. Canções que merecem a melhor divulgação em todo o mundo incluindo a América. A esta hora, nos Estados Unidos, todo o mundo canta o cochicho, pois se reconheceu ser um bom antídoto para o desgosto daqueles problemas com o dólar.

Os críticos passam e o «Canal 13» fica. E ficará mesmo depois de terem acabado todos os críticos. O «Canal 13» é imortal.

O LAÇO

— Depois do que fica escrito parece que todas as palavras estariam a mais. O «Canal 13» existe para a função elevada de reconduzir o público ao encontro da canção «descompreendida», da cultura popular dos laços. Semana após semana, o programa de ouro da Televisão portuguesa justifica cada vez mais a sua existência. Até onde irá é coisa que já ninguém pergunta. «Canal 13» irá até onde for preciso. Irá mesmo até já onde não for preciso.

MARIO CASTRIM

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AQUI E EM TODA A PARTE

A MAIORIA
ESTA
DE ACORDO

EM APLICAR
OS SEUS CAPITAIS

EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

ADQUIRINDO
APARTAMENTOS MOBILADOS
PREÇOS DESDE 140 CONTOS

INFORMAÇÕES
J. PIMENTA, S. A. R. L.

P. Marquês de Pombal, 15 - Telfs. 45843-47843 - Lisboa



CAPITÃO DA AERONÁUTICA

Carlos Felner Arantes Pedrosa

FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

Sua família participa o seu falecimento ocorrido no passado dia 12 do corrente e que amanhã, dia 18, pelas 12.30 horas, na Igreja dos Jerónimos, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO — TELEF. 53 41 67

BOMBARDEAMENTOS AMERICANOS AO VIETNAM DO NORTE

HANOÍ, 17 — (F. P.) — A aviação americana efectuou, ultimamente, vários bombardeamentos na parte norte da zona desmilitarizada causando numerosas baixas entre os civis, segundo se afirma num protesto do porta-voz do Ministério Norte-Vietnamita dos Negócios Es-

trangeiros, publicado ontem em Hanoí. Os aparelhos americanos, incluindo os «B-52», atacaram, em especial, as comunas de Pung Lap e as do distrito de Vinh Linh. Cinco Comunas, pertencentes a este distrito, foram por sua vez atacadas, entre 11 e 15 do corrente, com fogo de artilharia,

proveniente de território sul-vietnamita — frisa aquele comunicado de protesto, acentuando que o comando americano pretende justificar esses actos mediante razões tendentes a preparar a opinião pública para uma intensificação das operações de guerra contra a República Democrática do Vietnam.

Actualidade internacional

POSSÍVEL CONVOCAÇÃO DO PARLAMENTO PARA DEBATER A CRISE NO ULSTER

LONDRES, 17 — (R.) — O primeiro-ministro Edward Heath afirmou, a noite passada, que o Governo britânico estava a estudar cuidadosamente a possibilidade de convocar o Parlamento para

um debate sobre a crise na Irlanda do Norte. Contudo, a convenção imediata da Câmara dos Comuns que está de férias até Outubro, não era desejada na actual situação, declarou

Heath numa carta a Harold Wilson, o chefe da Oposição trabalhista, que telefonou ontem para o gabinete do primeiro-ministro sugerindo um debate parlamentar imediato de dois dias após o feriado britânico de 31 de Agosto, para discutir a situação na agitada província.

O pedido de Wilson seguiu-se a um apelo para tal convocação feito por mais de 100 deputados da Oposição.

Na sua carta, Heath diz que não era fácil dizer como se desenvolveria a situação nas próximas duas semanas. Revelou que combinara travar conversações, ainda esta semana, com o primeiro-ministro da Irlanda do Norte, Brian Faulkner.

«Contudo, posso assegurar-lhe que continuaremos a ponderar a possibilidade de convocar o parlamento á luz destes e doutros acontecimentos» — acrescentou o primeiro-ministro.

UM DESMENTIDO DO IRA

DUBLIN, 17 — (F. P.) — O comando do Exército Republicano Clandestino (IRA «Tradicional») desmentiu, ontem, em Dublin, os relatórios do Exército inglês, quanto ás baixas sofridas na Irlanda do Norte pela organização clandestina.

Segundo o IRA, durante os recentes acontecimentos, «foram mortos dois voluntários, um ficou ferido e foram presos 56».

O punhado de colaboradores importantes perdidos nessas circunstâncias já foi substituído, segundo afirma um comunicado do IRA. O documento acrescenta que «a organização e a direcção do movimento estão intactas e prontas a enfrentar, num futuro próximo, um combate ainda mais duro».

O DR. ELLSBERG DECLARA-SE INOCENTE

LOS ANGELES, 17 — (F. P.) — O dr. Daniel Ellsberg, que ontem compareceu perante um tribunal de Los Angeles, indicou que se declarava «inocente» da acusação de posse ilegal dos documentos secretos do Pentágono sobre a guerra do Vietnam.

A PÉRSIA DECIDIU RECONHECER

A CHINA POPULAR

TEERÃO, 17 — (A. N. I.) — A Pérsia decidiu reconhecer a China Continental e o comunicado governamental, nesse sentido, deve ser distribuído hoje.

O embaixador da China insular partiu de avião para Taipé depois de ter sido informado da decisão, mas declarou ás autoridades persas: «É um equívoco sério, porque não devem confiar nos comunistas, que nunca serão amigos da Pérsia».



**viva a vida
em plena vida**

Porque a oportunidade de viver.
Abrir a porta. Nos ajudamos.
O tempo é a possibilidade
de viver em locais excepcionais
na reserva de um hotel, e de usufruir
um tempo de relaxamento anual.
Porque a vida é viva a vida em plena vida.



ARRALTA
PARA TODOS

A DECISÃO DE NIXON EM RELAÇÃO AO DÓLAR

(Continuação da 1.ª página)

O objectivo da suspensão da convertibilidade do dólar em ouro foi precisamente um desses truques, para fazer pressão sobre os outros países e obrigá-los a revalorizar as suas moedas em relação ao dólar. Os observadores pensam que os Estados Unidos levarão a melhor neste jogo de interesses entre potências por dois motivos: os outros Governos reconhecem que o dólar se encontra sobrevalorizado em relação às outras moedas e que esta situação tem de ser corrigida para se obter estabilidade monetária internacional; ao suspender a convertibilidade em ouro, o presidente deixou de garantir o valor do dólar papel, tornando-se assim menos atractivo para os bancos centrais, que até agora adquiriam grandes quantidades de dólares para manterem a paridade oficial.

COMENTÁRIOS DA IMPRENSA AMERICANA

NOVA YORK, 17 — (A. N. I.) — Comentários feitos hoje, em alguns jornais norte-americanos, ao plano de Nixon sobre a Economia: «New York Times» — «Sem hesitar, aplaudimos a presteza com que o presidente agiu em todas as frentes económicas, muito especialmente a sua ordem de serem congelados durante noventa dias os preços e os salários».

«Atlanta Journal» — «O presidente deu-nos uma grande reforma económica, necessária às actividades norte-americanas no país e no estrangeiro».

«San Francisco Examiner» — «O novo programa de Nixon é o de mais longo alcance que se anuncia nos Estados Unidos desde a década de 1930. Deve ser o forte tónico de que o país necessitava para continuar a sua evolução».

«Chicago Sun Times» — «A grandeza do novo plano económico do presidente Nixon tem sido comparada às alterações feitas por Franklin Roosevelt quando dirigiu a Casa Branca durante a grande depressão».

«Chicago Tribune» — «O valor desta iniciativa é essencialmente psicológico. Oferece a esperança de muitas melhoras, mas a certeza de nenhuma».

BONN: NÃO É DE RECEAR UMA CATASTROFE PARA JÁ

BONN, 17 — Os meios económicos de Bonn são unânimes em afirmar que não é de recear uma catástrofe para já, conseqüente das disposições monetárias e outras adoptadas pelos Estados Unidos. Não se manifestou qualquer pânico na Bolsa de Frankfurt, e se certos valores afectados pela decisão americana tiveram uma baixa de 2 a 3 por cento, outros sectores permaneceram estáveis, e mesmo firmes.

Em contrapartida, os meios industriais tiveram reacções bastante violentas. Alguns falaram, mesmo, de «ruína do comércio de exportação para os Estados Unidos».

Para Kurt Hanssen, dirigente do grupo químico «Bayer Leverkusen», segundo exportador para os Estados Unidos a seguir ao grupo «Volkswagen», a decisão americana vai certamente levar à criação de blocos comerciais proteccionistas e concorrentes.

As Bolsas das divisas permanecerão encerradas na Alemanha Federal até nova ordem. O ministro da Economia recusou-se a dar qualquer indicação quanto à data da reabertura dos mercados das divisas. Entretanto, o secretário de Estado adjunto do Tesouro americano, Paul Voleker, não irá a Bonn fornecer indicações aos dirigentes da Alemanha Federal acerca das medidas económicas e monetárias anunciadas pelo presidente Nixon.

Um porta-voz do Ministério da Economia em Bonn informou, hoje, que o Governo Federal considera-se suficientemente informado depois da conferência de Londres. No entanto, confirmou que os Estados Unidos tinham proposto a Bonn uma visita de Voleker.

OS JAPONESES QUEREM SER CONSULTADOS

WASHINGTON, 17 — (F. P.) — Os Estados Unidos e o Japão, país directamente tocado pela sobretaxa de 10% que passa a onerar as importações americanas, vão reexaminar, de 9 e 1 de Setembro, em Washington, o futuro das suas relações ao nível de delegações ministeriais.

A reunião prevista já há algum tempo, revestirá agora maior importância em face das medidas decididas pelo presidente Nixon no âmbito da sua nova política económica. Robert McCloskey, informador do departamento de Estado, confirmou ontem que se efectuará, na data prevista.

Sabe-se, entretanto, que o Governo japonês só foi oficialmente informado das principais iniciativas presidenciais no campo externo no momento em que Nixon expunha na televisão. O efeito da surpresa foi assim tão total em Tóquio, como nos próprios Estados Unidos. Os japoneses, já melindrados pelo facto de a aproximação sino-americana ter sido concluída nas suas costas, pedem com crescente insistência para serem consultados.

Asobretaxa de 10% anunciada pelo presidente Nixon aplicará-se a 90% das exportações japonesas para os Estados Unidos. A única excepção de vulto diz respeito aos têxteis de algodão que são isentos, tal como acontece com todos os produtos de importação para os quais são estabelecidos contingentes quantitativos. Em contrapartida, a sobretaxa abrangerá os têxteis de lã e artificiais, bem como toda uma gama de mercadorias como aparelhos fotográficos, televisores, transistores, etc., bem entendido, o aço. A propósito deste último produto, Nixon não deixou de agitar o espantinho da concorrência japonesa.

A sobretaxa aplicar-se-á também aos automóveis. Mas, neste capítulo, as importações beneficiarão da supressão da taxa de compra que onerava todos os veículos automóveis, que fossem de fabrico estrangeiro ou «made in USA». O efeito líquido da supressão desta taxa e da aplicação de nova sobretaxa deverá traduzir-se, na realidade, numa redução de cerca de 0,59 por cento no preço do veículo importado.

INCERTEZA NO CANADÁ

OTAWA, 17 — (F. P.) — Nos meios comerciais cana-

dianos há uma relativa incerteza quanto às consequências das decisões de Nixon em relação ao dólar canadiano e às exportações canadianas para os Estados Unidos.

Nos mercados de câmbios que permaneceram abertos em Toronto e em Montreal, o dólar registou uma ligeira baixa enquanto que as moedas europeias subiram 1 a 3 por cento.

Duma maneira geral, considerase que a sobretaxa de 10 por cento só afectará 20 a 40 por cento das exportações canadianas para os Estados Unidos.

O ENVIADO DE NIXON À EUROPA

PARIS, 17 — (F. P.) — O secretário de Estado adjunto americano do Tesouro, Paul Voleker, será recebido hoje, em audiência, em Paris, pelo

OS EUROCRATAS CONSIDERAM INACEITÁVEL A BALANÇA DE PAGAMENTOS DOS E. U. A.

BRUXELAS, 17. — (A. N. I.) — O Mercado Comum Europeu receberá geralmente de bom agrado a decisão dos Estados Unidos em fazer flutuar o dólar, tanto quanto isso conduza à solução do actual «caso monetário internacional» — disse-se hoje em círculos diplomáticos de Bruxelas.

Contudo, a primeira preocupação da Comunidade será a decisão acerca das políticas monetárias que unam os seis países que a integram, numa atitude comum — acrescentou-se nesses círculos.

O primeiro passo para uma tal política comum será uma reunião de emergência, na tarde de hoje, da comissão monetária da Comunidade, comissão essa que integra os vice-ministros das Finanças e os vice-governadores dos Bancos Centrais dos países que formam o Mercado Comum Europeu.

Reunião da Comissão Monetária, seguir-se-á imediatamente uma reunião da Comissão Executiva — declarou hoje um informador.

«Nas actuais circunstâncias, parece que os países do Mercado Comum Europeu devem adoptar uma atitude comum para se assegurar a defesa dos seus interesses e para contribuir para o restabelecimento do sistema monetário internacional» — declarou a Comissão num comunicado.

REUNIÃO PLENÁRIA DOS MINISTROS DAS FINANÇAS E ECONOMIA

Espera-se que as reuniões de amanhã abram rapidamente caminho para uma reunião plenária dos ministros das Finanças e da Economia dos países integrados na Comunidade Económica Europeia — França.

CORAÇÃO MECÂNICO COMO REFORÇO...

DETROIT (Michigan), 17 (A. N. I.) — Haskel Shanks manifestou irregularidades no ritmo cardíaco. Há cinco dias foi-lhe colocado, como reforço, um coração mecânico, permanentemente, no corpo.

Os médicos declaram que as irregularidades devem ser controladas «dentro das próximas 24 horas».

ministro francês da Economia e das Finanças Valéry Giscard d'Estaing.

Voleker vem de Londres, onde presidiu, ontem, a uma reunião monetária, depois das decisões do presidente Nixon.

MERCADOS ENCERRADOS

LONDRES, 17 — (F. P.) — O mercado do ouro de Londres manteve-se encerrado hoje, decidiram esta manhã os dirigentes do mercado, após o encerramento pelo Banco de Inglaterra do mercado de câmbios.

O Mercado dos Câmbios e do Ouro de Zurique, por seu turno, continua encerrado. Por outro lado, na Bolsa de Zurique, as transacções de valores estrangeiros continuam suspensas, bem como as de obrigações expressas em divisas.

ca, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo.

O ministro belga das Finanças, o barão Guy Snyo D'Orpues, pediu hoje essa reunião quando regressou de avião à Bélgica das suas férias na Suíça, para consultas com as entidades oficiais do Banco Central da Bélgica.

Acrescentou Guy Snyo «Os países que as decisões norte-americanas «tornam dever do Mercado Comum Europeu acelerar os seus progressos para uma união económica e monetária».

UNIDADE MONETÁRIA BÁSICA DA COMUNIDADE

Além dos extensos aspectos políticos das atitudes norte-americanas, os ministros do Mercado Comum Europeu têm também de decidir o que há a fazer acerca da unidade monetária básica da Comunidade.

As transacções efectuadas dentro da Comunidade, especialmente as de produtos agrícolas são calculadas em unidades que são exactamente iguais ao dólar norte-americano. Os ministros terão de decidir até que ponto é que têm de alterar o valor das unidades.

O ponto de vista básico da Comissão Executiva do Mercado Comum Europeu é o de que todos os problemas inerentes às divisas europeias foram causados pelos Estados Unidos.

«Não há um fundamental desequilíbrio entre as divisas dos seis» — declarou a entidade oficial da Comissão.

POLÍTICA INFLACIONÁRIA

Os «eurocratas» consideram as posições norte-americanas como um apoio ao seu próprio convencimento de que o dólar estava revalorizado, e que os Estados Unidos têm uma inaceitável balança de pagamentos e políticas inflacionárias para as quais o resto do mundo paga a conta.

«Durante os quatro ou cinco últimos anos o sistema monetário internacional tem estado numa situação caótica» — disse ontem um diplomata.

«A atitude norte-americana é boa se dela poderemos obter soluções para se pôr termo a esse caos» — acrescentou.

Os próprios planos do Mer-

A aliança Moscovo-Nova Deli pode encorajar a Índia a atacar o Paquistão

WASHINGTON, 16 — (A. N. I.) — O embaixador paquistanês em Washington, Agha Hilaly, considera o tratado de amizade russo-indiano de 9 deste mês um pacto de assistência militar mútua, no caso de guerra entre a Índia e o Paquistão.

A empresa pretende agora que o seguro a indemnize.

Quer que o seguro pague o resgate...

COPENHAGA, 17 — (A. N. I.) — Uma fábrica de cervejas da Dinamarca pagou um milhão e oitocentas mil coroas (perto de seis milhões e novecentos mil escudos) pelo resgate do seu director executivo, Viggo J. Rasmussen, que fora raptado pelos palestinos da Fatah.

Hilaly fez esta declaração no programa «Factos e Respostas» da televisão da «American Broadcasting Corporation», afirmando, simultaneamente, que o Paquistão não recebera compromisso de apoio militar da China Continental.

Entretanto, o seu colega indiano acreditado em Washington, o embaixador L. K. Jha, que compareceu no mesmo programa, afirmou a sua incredulidade, sublinhando não ter qualquer dúvida de que o Paquistão receberia uma sólida assistência chinesa se surgisse um conflito armado entre os dois países.

Disse Hilaly que o seu Governo receia que a grande aliança celebrada entre Moscovo e Nova Deli possa encorajar a Índia a lançar um ataque ao Paquistão.

O seu país — o menor dos dois — não seria o primeiro a atacar.

«A guerra é a Índia que decide» — disse Hilaly.

O embaixador paquistanês rejeitou as acusações de o seu Governo pretender transformar o Paquistão Oriental em colónia.

Mais declarou Hilaly que o número de vítimas do conflito verificado no Paquistão Oriental era muito reduzido, refutando a acusação de não ter sido dado ao «leader» paquistanês oriental, o xeque Mujibur Rahman, um julgamento imparcial.

Entretanto, não respondeu quando lhe perguntaram porque é que não foram admitidos a esse julgamento observadores internacionais.

Caças-bombardeiros americanos para a Jordânia

BEIRUTE, 17 — (A. N. I.) — Sessenta e cinco caças-bombardeiros «F 104» de fabrico norte-americano chegaram a Jordânia, nas duas últimas semanas, alguns vindos da Turquia — declarou-se em círculos diplomáticos de Beirute.

A notícia dada pela «Columbia Broadcasting System» de que duzentos aviões de guerra tinham chegado à Jordânia, fora ontem desmentida nos círculos oficiais de Amã.

Há informações de que a Jordânia reabriu ao serviço alguns aeródromos da segunda guerra mundial. Além dos aviões, os Estados Unidos forneceram à Jordânia uma rede de radar que está a ser instalada a nordeste do país, para cobrir a área da fronteira com a Síria e o Iraque.

FECHADOS (ONTEM) OS MERCADOS MONETÁRIOS EUROPEUS

A maioria dos grandes mercados monetários europeus conservaram-se ontem fechados, ou por ser o dia da festividade da Assunção de Nossa Senhora, ou devido à acção governamental, dando às autoridades tempo para considerarem qual a acção que devem tomar.

Em toda a Europa, as Embaixadas e missões diplomáticas norte-americanas apresentaram aos Governos junto dos quais as mesmas estão acreditadas, textos com o discurso do presidente Nixon e as informações adicionais das razões desse mesmo discurso.

Disse-se em círculos belgas que a exposição procurou a compreensão europeia da situação que forçou os Estados Unidos a revogarem um acordo internacional, existente há 25 anos, acerca do dólar e das vendas do ouro.

O JULGAMENTO DO CAPITÃO MEDINA

FORT MCPHERSON (Geórgia), 17 — (F. P.) — O julgamento do capitão Ernest Medina acusado de assassinato deliberado de 102 habitantes da aldeia sul-vietnamita de My Lai, em 16 de Março de 1968, começou ontem perante um tribunal marcial de Fort McPherson, na Geórgia.

Medina, que se declarou culpado, corre o risco de prisão perpétua. O tenente William Calley que se encontrava sob as ordens de Medina, já foi condenado, sob a acusação de ter assassinado pelo menos 22 civis.

DESPORTO

FUTEBOL DE «RODAGEM»

EXCELENTE EXIBIÇÃO DO BELENENSES E VITÓRIA SOBRE O BEERSCHOT (2-1)

Com a nova época á porta, as nossas equipas de futebol — as que podem ou conseguem — lá vão passando a fronteira com objectivos múltiplos: jogar, «rodar» e entrar as suas equipas — e, naturalmente, amealhar alguns dólares.

O Belenenses, sob o comando do técnico Zé Moreira, encontra-se em Espanha. Jogou ontem. E, tal como no primeiro encontro frente a Las Palmas, os «azules» voltaram a exibir-se em bom plano, agora contra a equipa belga do Beerschot, vencedora da «Taça» do seu país. Apenas com uma diferença: é que no caso do Las Palmas o Belenenses perdeu, e ontem ganhou.

Começando ao ataque, a turma do Restelo acabou o ataque. E foi tal a pressão exercida durante os noventa minutos de jogo — que a sua vitória tangencial (2-1) acabou



Vitor Cabral: estreia no Boavista

nio Peixoto, motorista; e 18 jogadores: Conhó, Palma Lopes, José António, Rodrigues, Vitor Marques, Castro, Esteves, Sérgio, Vitor Pereira, Vitor Gomes, Vitor Manuel, Fernando, Arnaldo, Monteiro, Juvenal, Capitão-Mor, Eduardo e Manuel Fernandes.

O BOAVISTA

A equipa treinada por Meirim chegou ontem à noite a Madrid. Dois jogos em dois dias seguidos: hoje, às 21 horas, frente aos espanhóis do Rayo Vallecano e amanhã, à mesma hora, contra os polacos do Ovornic. E dos resultados feitos sair o passo seguinte.

Viajaram: Dirigente — Silva Reis, presidente de Direcção.

Treinador — Joaquim Meirim.

Médico — D. Acácio Lelo. Massagista — Hélder Marques.

Jogadores (17) — Vitor Cabral (ex-Belenenses), Luz, Gaspar, Mário João, Lino, Celso, Barbosa, Zeca Pereira, Moínhos, Fragueto, Moura, Toi, Augusto, Ciborro (ex-Varzim), Amândio (ex-Moncorvo), Branco (ex-Limianos) e Aleixo (ex-Varzim).

O ATLÉTICO

Juntamente com a OUF, também o Atlético se encontra em Sevilha com vistas ao mesmo Torneio Quadrangular.

Os alcantarenses actuarão amanhã, frente aos espanhóis do Triana — e voltarão depois a jogar ou depois de amanhã (no caso de perderem) ou na sexta-feira (no caso de ganharem o primeiro encontro).

A caravana alcantarense é composta por: Vera Cruz e João Pernão, dirigentes; Peres Bandeira, treinador; Rosa, massagista; Alvaro, roupeiro; Arnaldo, motorista; e 17 jogadores: Carvalho, Vitor Manuel, Durand, Bernardo, Candeias, Esmoriz, Valdemar, Pedras, Orlando, Semedo, Raul, Prieto, Leitão, Raimundo, Rui Vieira e Nogueira.

O F. C. PORTO

Também o F. C. Porto actua amanhã — embora no seu Estádio das Antas — para derrotar o forte conjunto jugoslavo do Olimpija de Ljubliana.

Dadas as credenciais das duas equipas, o encontro promete revestir-se de uma feição verdadeiramente espectacular, sendo grande a expectativa que o rodeia.

Concentrados em Vila do Conde (os «portistas») e no Porto (os jugoslavos) — prevê-se, para amanhã, a seguinte constituição das duas equipas:

F. C. PORTO — Rui; Gualter, Manhiça, Rolando e Leopoldo, Bené, Pavao e Ricardo; Lemos, Abel e Nóbrega. Suplentes — Armando, Vieira Nunes, Oliveira, Pinto e Joaquinzinho.



Laurindo: dois golos em Las Palmas

OLIMPIA — Sarap; Milevoj, Dimitrije, Marjan e Soskic; Kapidze e Dekic; Rozic, Pejovic, Becejac e Oblak.

«Europeu» júnior de hóquei em patins PORTUGAL: 16 GOLOS À EQUIPA DE FRANÇA

Em Iserlohn (Alemanha Ocidental), para o Campeonato Europeu de Júniores de Hóquei em Patins, Portugal estreou-se com uma vitória categórica sobre a França: 16-1.

Exibição magnífica, como se depreende do próprio resultado, a mostrar que os jovens portugueses têm possibilidades de revalidarem o título que ostentam.

As equipas alinharam assim:

PORTUGAL — Elias; Manuel Pereira (2), Quim (1), Virgílio (4), Chana (4), Fernando Costa (2) e António Costa (3).

FRANÇA — Diot; Ledoley, Andrieux, Heron (1), Cartan, Markurs e Droustand.

Resultados dos outros encontros: Holanda-Bélgica, 5-2; Itália-Suíça, 9-0; Espanha-França, 3-0; Inglaterra-Bélgica, 5-2; Alemanha-Holanda, 2-2.

Hoje, os juniores portugueses enfrentam a Itália, às 21 e 40.

Novo «escândalo» no futebol alemão

MAIS DE 300 CONTOS PAGOU O ARMINIA POR UMA «VITÓRIA»

Ainda mal se extinguíram os ecos do escândalo do Kickers Offenbach, já nova «história proibida» aparece no futebol alemão.

Foi o caso que o jogador Jürgen Neumann que, devido a grave lesão, apenas jogara uma vez pelo Arminia Bielefeld, procurou, antes do jogo Arminia-VfB Stuttgart, o jogador deste último clube, Hans Arnold. Encontraram-se num hotel de Estugarda e Neumann entregou a Arnold

45 000 marcos (cerca de Esc. 369 000\$00), o qual lhe passou um recibo. Este foi guardado num cofre e seria destruído se o jogo tivesse o resultado desejado.

Sucedeu, porém, que havia um duplicado do recibo que Arnold não sabia existir. Além disso Neumann fizera fotografar a entrega do dinheiro, por um fotógrafo escondido.

A coisa começou a constar devido a uma carta anónima enviada de Vairserlautern, terra natal de Jürgen Neumann. Quando os homens do VfB Stuttgart tiveram conhecimento da denúncia, interrogaram Hans Arnold, cuja confissão esclareceu tudo. O jogador informou que dividira o dinheiro com Hartmut Weiss (agora jogador do Kickers de Estugarda) e com Hans Eirele (agora representando o Alpina Donawitz).

Como se vê além do caso já julgado parece haver outros tanto mais que uma outra vitória do Arminia Bielefeld, a obtida contra o Schalke 04 por 1-0, também, murmurava-se ter sido igualmente comprada.

O Arminia figura em dois casos de suborno, um provado (a vitória sobre o Stuttgart por 1-0) e outro não provado (o triunfo contra o Schalke 04).

O ambiente do futebol profissional alemão está, como se vê, muito perturbado.

O Rot-Weiss de Essen, que desceu de Divisão, anunciou pela boca do seu presidente, Dr. von Wick que vai processar a Federação Alemã por não vigiar melhor as manobras antidessportivas dos clubes que, por meio de subornos, obtiveram os pontos necessários para não descerem de Divisão.

OS JUIZES ENGANARAM-SE: DEZ ANOS É DE MAIS

Bernd Patzke, um dos condenados no caso de suborno do Kickers Offenbach, foi punido com 10 anos de suspensão. Porém o jogador do Hertha protestou, pois o Regulamento Disciplinar da Federação Alemã de Futebol, no seu artigo 43 prevê, só-

mente, castigos até um máximo de 2 anos ou irradiação. Como não há nada autorizando uma tão longa pena de suspensão, Patzke recorreu da pena que lhe foi aplicada.

Resta saber qual será a decisão do Conselho Superior de Justiça da Federação Alemã de Futebol; ou reduzem a pena de suspensão ao máximo legal de 2 anos ou transformam os 10 anos numa pena de irradiação.

Na verdade, dez anos de suspensão para um futebolista com 26 anos era praticamente uma irradiação. Mas não há dúvida que houve erro na sentença pronunciada contra o jogador do Hertha. Patzke espera ver o seu castigo modificado de harmonia com o regulamento...

Campos relvados para o futebol da I Divisão

Através do «Diário do Governo» de hoje (I série, n.º 193) o Ministério da Educação Nacional publicou o decreto n.º 356/71 que, entre outros considerandos, determina:

Art. 45.º — Os campos de futebol pertencentes aos clubes da 1.ª Divisão são arrelvados.

1 — A obrigação imposta no corpo deste artigo deverá ser cumprida pelos clubes que venham a ter acesso à 1.ª Divisão, no prazo de dois anos, a contar da sua nova classificação.

2 — O prazo estabelecido no parágrafo antecedente será reduzido a um ano sempre que ao clube seja facultada pela Federação Portuguesa de Futebol a verba necessária para o arrelvamento do campo.

Tirsense e Farense têm, portanto, mais uma época para procederem ao arrelvamento do seu campo de futebol, uma vez que cumpram a segunda temporada na divisão principal.

HORA DE ATLETISMO

Enquanto as grandes vedetas do atletismo europeu jogavam as cristas em Helsinquia, o campeonato lisboeta de equipas (II divisão) levava um pouco de animação às pistas do estádio da F. N. A. T. Nas imagens, dois vencedores em acção: ao lado está o cufista António Maruta (52,1 s nos 400 metros); em baixo fixa-se o arranque do belenense António Ricardo nos 1500 m (4 m 10,6 s)



por ser escassa e pouco demonstrativa do que se passou.

Laurindo foi a «estrela» do encontro, através da excelente exibição produzida durante todo o tempo e culminada pela obtenção de dois golos.

Enfim, neste dealbar de época, o Belenenses promete. Sem palavras. Mas o certo é que o seu futebol se aproxima, já, de um cunho qualitativo suficientemente válido para justificar aspirações.

As equipas e os golos: BELENENSES — Mourinho; Pena, Quaresma, Freitas e Murça; Pedro (Estêvão) e Quinto; Zézinho, Carlos Serafim, Laurindo e João Cardoso.

BEERSCHOT — Brosch; Collet, Salden, Vanguich e Optort; Belini e Szojband; Kasperezac, Tolva, Emmerich e Mallant.

Marcaram: Laurindo (2) e Emmericht.

Ao intervalo: 1-1.

A C. U. F.

A C. U. F. está em Sevilha, após uma viagem de doze horas no autocarro privativo do clube, a fim de participar num Torneio Quadrangular em que intervêm, também, as equipas do Sevilha Atlético, do Triana (ambos da III Divisão espanhola) e a do «nosso» Atlético, uma vez mais na I Divisão portuguesa.

Ord. m dos jogos: hoje, frente ao Sevilha Atlético; amanhã, Atlético-Triana; dia 19: encontro para definição dos 3.º e 4.º classificados; dia 20: «final».

A caravana cufista integra os seguintes elementos:

O Desportivo da C. U. F. levou a seguinte comitiva: Leopoldo Vilarinho e Domingos Barriga, dirigentes; Fernando Caiado, treinador; Cosme Garcia, massagista; Inácio Oliveira, roupeiro; Antó-

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O RÂGUEBI PROCURA FIXAR-SE NO ULTRAMAR

O raguebi é uma modalidade que vive, em todo o mundo da carolice dos seus adeptos. É um vírus terrível que nunca sai do sangue de quem, alguma vez, o praticou. Onde houver um antigo raguebista mais cedo ou mais tarde, aparece um «quinze». Isso vem acontecendo no nosso Ultramar. Já falámos, nas nossas

colunas, dos esforços de Henrique Manuel Claro, em Lourenço Marques, do dr. Caetano Nunes, na Huila, no eng.º Milho, na Escola Agrícola de Tchiviviliro, nos do dr. Grandão, em Nova Lisboa.

Agora vimos, mais uma vez falar de uma tentativa de implantar o raguebi no Ultramar. A terra parece seca, pouco adubada, mas os semeadores possuem a persistência típica dos raguebistas. Lutam até ao fim. Não haverá geada de desinteresse, inundação de cepticismo, que faça desanimar os «homens do melão».

No passado dia 10 de Julho, na cidade da Beira, efectuou-se um festival a favor da Cruz Vermelha Portuguesa. O programa não continha futebol. Apenas raguebi. Foram disputados dois jogos. O primeiro entre um «quinze» de «veteranos» e outro de rapazes da Beira, que estudam na Rodésia. Os «veteranos» venceram por 16-3, com pontos marcados por Raul (ex-jogador do Benfica e de Direito, «internacional» junior) 11, Cipriano (ex-jogador do Benfica e «internacional» junior) 8. Alinharam também, pelos «veteranos» o dr. Malaquias de Lemos (o popular «Bob» Malaquias de Direito), Rodrigues (ex-Económicas) e o prof. José Félix Mendes (ex-Belenenses e «internacional»). Este encontro durou, apenas, meia hora em dois tempos de 15 minutos.

A seguir defrontaram-se dois «quinzes» do Stellenboch

e da Rodésia. Os sul-africanos venceram os rodésianos por 35-3, graças à sua grande superioridade em «três-quartos». Os avançados rodésianos tiveram poder para aguentar os sul-africanos, mas os seus «três-quartos» foram de uma pobreza de imaginação confrangedora. Os sul-africanos, pelo contrário, fizeram todas as jogadas possíveis e imaginárias pelas linhas atrasadas, limitando-se os avançados a ganhar bolas nas «touches» e «melées».

Após os jogos como é tradicional, em encontros de raguebi, houve um «churrasco», no Automóvel Clube de Moçambique.

A alma de toda esta organização foi Adelino Serras Pires, antigo jogador e autêntico ca-



RAGUEBI NA BEIRA (MOÇAMBIQUE) — No primeiro plano os novos, no segundo os «veteranos». Assinalados nomes conhecidos no raguebi metropolitano: prof. José Mendes, dr. Malaquias de Lemos, Cipriano e Raul Patrício Alvares

rola da modalidade.

Dada a boa receptividade do público local, demonstrada pelas 8 mil pessoas que acorreram ao festival, a facilidade decorrente do facto de muitos rapazes da Beira estudarem na Rodésia e o facto do prof. Jo-

sé Mendes estar no Liceu da Beira, fazem-nos esperar que com a colaboração de Rodrigues, do dr. Malaquias de Lemos e de Raul Patrício Alvares, o raguebi se venha a fixar na Beira. Em Cipriano não falamos, pois terminou a sua co-

missão de serviço e deve regressar, muito em breve à Metrópole.

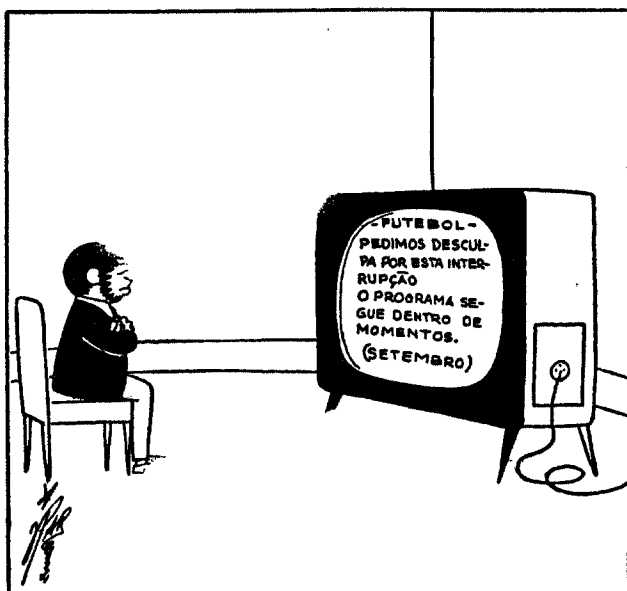
Se todos colaborarem com o típico espírito raguebístico o raguebi será, dentro em breve, uma realidade na Beira.

PATRICIO ALVARES

A entrevista com Cordeiro do Vale

Na entrevista que ontem publicámos com o comentador da R. T. P. Cordeiro do Vale, um aspecto, insuficientemente exposto, pode dar lugar a uma interpretação menos certa.

Efectivamente, quando o nosso entrevistado afirmou que, no atletismo, houve «evolução» no aspecto técnico; evolução nas condições de trabalho e nos métodos de treino, apelidando essa evolução de extraordinária, queria referir-se exclusivamente ao atletismo no plano internacional com total exclusão do caso português. Este, no seu entender, não acompanha, mesmo nestes aspectos, o surto de progresso que se tem verificado além-fronteiras. Aqui fica a rectificação.



Sem legenda

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

C. E. A. L.
S. A. R. L.

CAPITAL: 70.000.000\$00

SEDE: Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 23-A, 6.º LISBOA

Obrigações de 4 %, 1956 — 22.º sorteio
Obrigações de 4 %, 1958 — 19.º sorteio

Para os devidos efeitos se comunica que o sorteio de obrigações a amortizar em 1 de Setembro próximo, se realizará na sede desta sociedade, no dia 26 do corrente pelas 11 horas.

Lisboa, 12 de Agosto de 1971.

O PRESIDENTE DO CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO,
Aliança Eléctrica do Sul, S. A. R. L.
Francisco Corrêa Figueira

Castrol CRX (especial) uma reparação sensacional

É um facto. O óleo CASTROL CRX mantém ainda no mercado a mais alta cotação de qualidade e agora, mais actualizado, obedecendo às mais modernas especificações, mas mantendo as suas características tradicionais, o óleo CASTROL CRX conquista de novo a sua posição de incontestável prioridade na lubrificação de todos os motores Diesel.



A VENDA EM TODAS AS GARAGENS E OFICINAS



Com um CONDICIONADOR DE AR

Terá em sua casa,
durante a estação calmosa,
um ambiente à temperatura ideal,
que lhe proporcionará um repouso
mais completo e um sono tranquilo



mesmo nos dias
de maior
calor

VENDAS COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

CONSULTE AS CASAS DA ESPECIALIDADE
OU AS

COMPANHIAS REUNIDAS GAS E ELECTRICIDADE - LISBOA

Boisa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etec.	Compra	Venda	Ultramarina	Etec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% ...	450\$	—	43\$	Ag. 3 Tomé e Príncipe	—	195\$	105\$
Consolidado 3% ...	462\$	—	462\$	Boror	—	70\$	71\$
Consolidado 2 3/4% ...	580\$	—	—	Buz	—	175\$	85\$
Centenários 4% ...	1.318\$	—	1.318\$	Cabinda	1.980\$	980\$	990\$
Obriga. Tesouro 5% ...	1.000\$	—	1.000\$	Diamante, Angola	600\$	580\$	—
Externo 3% Série A ...	—	575\$	—	H. E. Revue	—	570\$	—
Externo 3% Série B ...	—	585\$	—	Ilha do Príncipe	—	78\$	80\$
Externo 3% Série C ...	700\$	700\$	750\$	Moçambique	—	385\$	—
Externo 3% Série D ...	—	730\$	—	Sonete n	395\$	392\$	400\$
Cautelas 3% Série A ...	—	60\$	70\$	Sonete p	65\$	65\$	65\$
				Zambezia	—	—	—
OBRIGAÇÕES							
Agua. Lisboa 5% ...	—	—	—	Diversas			
A P I 5% 56 ...	—	865\$	—	Ciclo Leiria	—	4.000\$	4.350\$
A P I 5% 58 ...	—	865\$	—	Cim. Tejo	—	460\$	490\$
C P 4 1/2% 65 ...	—	840\$	—	Co. Navegação	1.460\$	460\$	490\$
C P 5 1/2% 67 ...	—	950\$	970\$	C. U. F.	—	360\$	400\$
C U F 6% 68 ...	950\$	940\$	950\$	TAP	—	—	—
Gás Elect 4% 48 ...	—	850\$	870\$	Ind. Aliança	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51 ...	—	870\$	—	Nac. Navegação	3.700\$	—	3.750\$
Gás Elect 5% 52 ...	880\$	875\$	—	Petroquímica	1.200\$	200\$	1.210\$
Gás Elect 5% 53 ...	—	—	840\$	Port. e Colónias	—	980\$	—
Gás Elect 5% 54 ...	—	—	840\$	Port. Celulose	3.700\$	3.700\$	3.750\$
Gás Elect 5% 55 ...	—	—	961\$	Port. Pesca	—	570\$	575\$
Gás Elect 5% 56 ...	—	—	950\$	Port. Tabacos	573\$	3.850\$	3.900\$
Gás Elect 5% 57 ...	—	—	—	Sacor	—	2.410\$	2.430\$
H. E. A. Alentejo 5% ...	—	—	—	Siderurgia Nac.	2.420\$	3.350\$	3.500\$
H. E. Cávado 5% ...	—	750\$	760\$	Soc. ...	—	—	—
H. E. Cávado 6% ...	980\$	—	—	Tabacos de Portugal	6.100\$	6.050\$	6.200\$
H. E. Douro 5% ...	—	750\$	760\$	Tabaqueira	6.45\$	6.45\$	6.49\$
H. E. Douro 6% ...	—	970\$	980\$	U. F. Azoto	—	—	—
H. E. Norte Port 5% ...	—	—	—				
H. E. S. Estrela 6% ...	—	—	775\$				
H. E. Zêzere 5% 55 ...	—	—	—				
H. E. Zêzere 5% 57 ...	—	—	—				
Lisnave 5% ...	—	—	950\$				
Metropolitano 4% ...	—	885\$	900\$				
Metropolitano 5 3/4% ...	—	985\$	—				
Moçambique 5% ...	—	—	660\$				
Nac. Elect 5% ...	—	750\$	—				
Nitratos 5% 60 ...	—	—	—				
Petroquímica 5% ...	—	—	—				
Port. Celu 5% ...	—	—	—				
Sacor 5% 54 ...	—	840\$	—				
Sacor 5% 60 ...	—	740\$	—				
Siderurgia 5% 2 ...	—	740\$	760\$				
Siderurgia 5% 3 ...	—	740\$	—				
Siderurgia 5% 4 ...	—	740\$	—				
Sonete 5% ...	—	810\$	—				
T. A. P. 4% ...	—	910\$	760\$				
Termoelec. Port 5% ...	—	750\$	—				
U. E. P. 3 3/4% ...	—	—	935\$				
U. E. P. 4% ...	—	—	—				
U. E. P. 4 1/2% ...	—	75\$	—				
U. E. P. 5% ...	—	140\$	750\$				
U. E. P. 5% 60 ...	—	—	—				
U. E. P. 5% 63 ...	—	—	—				

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/1
Teleg. ALMEIRO — Telex 47 ALAPI P

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65=100)

	10/8/71	16/8/71	17/8/71
GERAL	149,9	151,1	152,0
METROPOL.	147,8	149,0	150,0
ULTRAM.	155,5	166,6	170,3

ACCÕES

Bancos

Agricultura	2.130\$	2.140\$	2.160\$
Alentejo	1.148\$	1.147\$	1.150\$
Angola	—	4.080\$	4.120\$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	9.020\$	9.010\$	—
E. Santo	6.950\$	6.950\$	6.960\$
E. Santo n	—	25.000\$	26.900\$
Fonseca s. p.	—	2.820\$	2.840\$
Fomento	2.840\$	2.820\$	2.840\$
L. & Açores p.	—	—	—
L. & Açores n	—	—	—
P. Atlântico p.	6.700\$	6.680\$	6.750\$
Portugal n	—	—	3.500\$
Portugal p	—	3.950\$	4.000\$
Totta Alcança	4.600\$	4.600\$	4.605\$
Ultramarina n	4.100\$	4.080\$	4.100\$
Ultramarina p	4.500\$	4.460\$	—

Seguros

Agentej	1.415\$	1.41\$	142\$
Douro	—	—	—
Mundial	965\$	960\$	970\$
Sogres	—	3.000\$	3.500\$
Transunidade	—	85.000\$	—
Ultramarina	—	—	—

Ultramarinas

Acúcar de Angola	700\$	700\$	710\$
Ag. Cascaçuel	730\$	720\$	730\$
Ag. Incornat	—	—	1.850\$
Ag. Neves	—	—	—

PAISES

	Compras	Vendas
Africa do Sul — Ranc	35\$00	37\$50
Alemanha — Marco	85\$00	85\$45
América:		
— Dollars de 8 e 4 ...	—	28\$30
— " de 5 e 20 ...	—	28\$60
— " de 50 e 100 ...	—	28\$70
Argentina — Peso Novo	45\$00	55\$50
Austria — Schilling	\$ 4	\$ 9
Bélgica — Franco	\$ 56	\$ 59
Brasil — Cruzeiro	35\$70	58\$00
Canadá — Dólar	27\$40	48\$00
Dinamarca — Coroa	35\$70	45\$00
Espanha — Peseta	\$ 405	\$ 42
Francia — Franco	55\$00	55\$30
Holanda — Florim	17\$90	85\$25
Inglaterra — Libra	68\$30	105\$30
Itália — Lira	\$ 044	\$ 047
Marrocos — Dirham	55\$00	55\$60
Naruega — Coroa	55\$35	55\$65
Suécia — Coroa	35\$85	45\$15
Suiza — Franco	65\$95	15\$20
Ouro		
Inglaterra — Libra — Isobar	305\$00	325\$00
Inglaterra — 7/2 Libra	305\$00	325\$00
Ouro fino — Barra	39\$50	4\$ 50

J. BURNAY, L. DA Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Notas estrangeiras
Tel. 23 12 78

LUSTRES

de confecção esmerada. cores maravilhosas. fazem cores lindas.
Fábrica. Av. 5 de Outubro, 208, r/c., 25q. (Ao Campo Pequeno).
Telefone 77 16 39

VENDA AO PÚBLICO

TRES HORAS NO TEJO

A C. P., concretizando uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa organiza aos domingos desde 30 de Maio até 29 de Agosto, passeios no Tejo numa das suas modernas embarcações

PREÇO POR PASSAGEIRO 12\$00

Embarque na estação de Terreiro do Paço 15 h

Desembarque na mesma estação 18 h

Estas reservas podem ser pedidas à EGT — Agência de Viagens, Rua do Arsenal, 124 — Lisboa

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Direcção dos Serviços Técnico-Especiais

BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que se encontra aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até dia 30 de Agosto de 1971, inclusive.

São condições essenciais para admissão a este concurso, ter a 4.ª classe de instrução primária e mais de 18 anos de idade e menos de 30 à data do encerramento do concurso.

Os sapadores bombeiros recrutados terão o vencimento mensal líquido de 2000\$00 durante o período de oito meses (instrução de recrutados) e de 2400\$00 após esse período, tendo ainda direito a fardamento e alojamento

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida D. Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, em 4 de Agosto de 1971.

O VICE-PRESIDENTE,

Segismundo do Carmo da Câmara de Saldanha

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«AMBOIM» a sair em 18 de Agosto	Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES.
«PATRIA» a sair em 23 de Agosto às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 28 de Agosto às 16 horas	Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. Carrega em Lisboa de 23 a 26 de Agosto
«PORTO» a sair em 9 de Setembro	Com escala por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário).
«GANDA» a sair em 10 de Setembro	Com escala por Leixões para: PRÍNCIPE (se necessário), S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, PORTO ALEXANDRE (se necessário) e PORTO AMBOIM.
«UIGE» a sair em 24 de Setembro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES.
«VERA CRUZ» a sair em 25 de Setembro às 16 horas	Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO.
«IMPÉRIO» a sair em 28 de Setembro às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 29 de Setembro às 12 horas	Com escala por Funchal para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 27 de Setembro às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).
---	---

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

CARTAZ DOS CINEMAS



*** TIVOLI**
Tel. 50595
(Grupo D-18 anos)
As 15, 18.15 e 21.30
INGRID BERGMAN
e **ANTHONY QUINN**
num êxito que regressa
A VISITA
Cinemascope

*** APOLO 70**
Av. Júlio Dinis — Tel. 763319
Grupo D (18 anos)
As 14.30, 18.45 e 21.45
6.ª SEMANA
A REVELAÇÃO DO CINEMA
CHECOSLOVACO
OS AMORES
DE UMA LOIRA
Uma obra-prima
de **MILOS FORMAN**
HOJE, às 19 h.: **SANGUE NO**
DESERTO; de Anthony Mann,
com Henry Fonda, Anthony
Perkins, etc.
(M. 10 anos)

*** CONDES**
Teleta 322523-326710
(Grupo B-M. 10 anos)
4 SESSÕES
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Charles Bronson, em
O CALIFORNIA
COLORIDO

*** LIDO**
Grupo B — (M. 10 anos)
As 21.30
Alberto Sordi é o melhor
remédio para rir!
O MALANDRO
DA BATA BRANCA
Uma comédia muito no gosto
do público!

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
É NO SEU PANORAMA DE CONJUNTO E EM
TODOS OS ASPECTOS A DIVERSÃO QUE O
POVO NÃO DISPENSA

«STANDS» DAS MAIS CONCRETUADAS FIRMAS
APRESENTAM PRODUTOS FAMOSOS
NUMA DEMONSTRAÇÃO DE ELEVADO VALOR

Todos os requisitos de conjunto ao ar livre
Requintado Serviço de Restaurantes
TODAS AS ATRAÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
ABERTURA AS 19 HORAS

*** ALVALADE**
Tel. 717480
(Grupo D-18 anos)
As 15.30 e 21.45
Uma comédia picante onde o
amor pela mulher é mais forte
que o amor pelo dinheiro
D. JUAN NA SICILIA
c/ Lando Buzzanca, Stefania
Caredo e Katia Cristina

*** POLITEAMA**
Tel. 326305
NOVOS FILMES NO CICLO:
SEMANA DO BOM COW-BOY
As 14.30 e 17:
A obra-prima de Howard Hawks
CÉU ABERTO
com Kirk Douglas
As 19 e 22:
A epopeia de John Ford
FORTE APACHE
com John Wayne e Henry Fonda
1.º PRÉMIO DO FESTIVAL
DE LUCARNO
Grupo B — M. 10 anos
Preços Especiais de Verão

*** ESTUDIO 444**
Tel. 779095
(Adultos)
As 15.30-18.30 e 21.45
Um filme de Jean-Luc Godard
PEDRO, O LOUCO
c/ Jean-Paul Belmondo
e Anna Karina
Techniscope-Technicolor

*** ROYAL**
Tel. 865037
As 15 e 21 h
(Grupo B — M. 10 anos)
A GRANDE COMPETIÇÃO
O SEGREDO
DA ILHA SANGRENTA

*** SÃO JORGE**
Grupo B 10 anos Tel. 54153
As 15.15-18.15 e 21.30
Rosaling Russell, Mata que
se farta!
A INCRIVEL
AVENTURA
A Mata-Hari das comédias!

*** ODEON**
Tel. 326283
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Grupo D. (Maiores 18 anos)
5.ª SEMANA — 17.ª SEMANA
DE ÊXITO SENSACIONAL
COM O ARROJADO FILME
A PISCINA
com Alain Delon
e Romy Schneider
UM APAIXONANTE DRA-
MA DE AMOR, CIOME E
CRIME
Eastmancolor

*** MONUMENTAL**
Tel. 555131
Grupo B — (M. 10 anos)
Hoje às 21.30 — Sensacional
regresso. Uma obra-prima da
Cinematografia
RIO BRAVO
com John Wayne, Dean Mar-
tin e Rick Nelson
Technicolor
As 15.15
UMA ROSA PARA TODOS

*** SATELITE**
Tel. 562632
(Adultos)
As 15.30, 18.30 e 21.45 h.
25.ª SEMANA
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy
Schneider
Situado no edifício
do Monumental

*** RESTELO**
Tel. 610375
As 21.30 horas
(Grupo D — M. 18 anos)
JOHNNY HAMLET
com Gilberto Roland e Andrea
Giordana

*** LIZ**
Tel. 68560
As 21 horas
4.ª semana de «Sussex»
AGÊNCIA DE VIGARICES
Duelo sem tréguas
(Grupo D-M. 18 anos)

*** BERNA**
Tel. 776098
(M. 10 anos)
5.ª SEMANA A RIR!
As 18.30 e 21.45
Woody Allen e Janet Margulim
na sensacional comédia colorida
onde o imprevisível
acontece sempre!
O INIMIGO PÚBLICO
Um êxito de gargalhada!
— Ar condicionado —

*** EDEN**
Tel. 320768
(Grupo B-10 anos)
As 15.15-18.30 e 21.30
Um homem e uma mulher! Uma
terra violenta onde construíram
um mundo! Uma aventura que
se tornou uma epopeia!
OS CONDENADOS
c/ John Miles-Beau Bridges-Jane
Marrow.
Colorido Panavision

*** IMPERIAL**
Tel. 821933
(Grupo C — M. 14 anos)
As 21 horas
MACHO CALLAHAN
O GRANDE AMOR
DA MINHA VIDA

*** MUNDIAL**
Tel. 538743
(M. 18 anos)
As 18.30 e 21.45
Renaud Verley, **Florence Lafuma**
e **Janet Agren** na comédia senti-
mental
ACONTECEU
NO VERÃO PASSADO...
Um filme colorido de
Michel Boisrond
Ar condicionado

*** ROMA**
Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
Grupo D — (M. 18 anos)
A divertida história
2.ª SEMANA
DOIS A ITALIANA
com Sophia Loren e Vittorio
Gassman
Technicolor

*** CASINO ESTORIL**
Tel. 26462176
Grupo B — (M. 10 anos)
As 17 e 21.30
FALSA TESTEMUNHA
com George Kennedy, Anna
Jackson, Eli Wallach, Steve
Innot e William Marshall
Penavision - Metrocolor

*** AVIS**
Tel. 47163
(Grupo B-M. 10 anos)
As 15.30 e 21.45
Deliciosa comédia musical
ROUBARAM
O MEU CORAÇÃO
Gianni Morandi, Elisabetta Ws
Nino Taranto

*** VOX**
Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO!
Grupo D — M. 18 anos
JEAN-PIERRE CASSEL
e **STÉPHANE AUDRAN** num
filme onde o amor, o ódio e o
oportunismo se conjugam ali-
mentemente!
A RUPTURA

*** EUROPA**
Tel. 661016
(Grupo B-M. 10 anos)
As 15.15-21.30
70 mm - Metrocolor
A maior aventura jamais filmada
A CONQUISTA
DO OESTE
c/ Carroll Baker-Lee J. Cobb
e Henry Fonda

* outros espectáculos

* LISBOA

TEATROS

ESTUFA FRIA (C. M. L.) — As 21
e 30: «Bata» (18 anos).
GIL VICENTE — As 22 h.: «Ivone,
princesa de Borgonha» (18
anos).
TEATRO MONUMENTAL — As 21
e 45: «Uma cama para toda
a gente» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A
querida mãe» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — As 21: «O silêncio
do amor» (14 anos).
MOSAVIDE — As 21: «O Sésia»
(17 anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «Águia
Negra, o cossaco» (10 anos).
IDEAL — As 21: «Coluna de Cin-
zas» (14 anos).
ARCO IRIS — «Matar ou não
matar» (10 anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «Em-
boscada na sombra» (10 anos).
OLIMPIA — As 19: «Ciclo per-
do... eu não» (10 anos).

* Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «Diaburas dos anos re-
belles» (6 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTU-

* CASCAIS

ALGÉS — STADIUM — As 21 e
30: «Em 3 um é demais» (17
anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As
21 e 15: «Quem dispara pri-
meiro» (10 anos).
PARADE — ROYAL-CINE — As
21 e 15: «Escândalo ao Sol»
e «A força para um inocente»
(17 anos).

ESTORIL — CASINO — As 17 e
21 e 30: «Falsa testemunha»
(10 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — As 21 e
30: «Rainha por mil dias» (17
anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «A testemunha» (18 anos).

* Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21
e 15: «Encruzilhada para uma
freira» (10 anos).
COSTA DA CAPARICA — COPA-
GABANA — As 21: «Water-
loo» (10 anos).

* PORTO

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Con-
vite ao pecado» (18 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «O gran-
de Caruso» (10 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Amor de
vampiros» (8 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «O Pa-
tife» (18 anos).
AGUIA D'OURO — As 21 e 30:
«A honra da família» (17 anos).
ESTUDIO — As 21 e 30: «Discussão
no quarto» (18 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «A
padeira da escândalo» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «Hém-
cules contra o Filho da Seta»
(10 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30:
«O destino marca o hora» (10
anos).
JÚLIO DINIS — As 21 e 30: «Ve
se te avoas» (10 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «Os do-
minadores» (17 anos).
CINEMA DO TERÇO — As 21 e
30: «Uma questão de honra»
(17 anos).

* COIMBRA

TIVOLI — As 21 e 30: «Gigantes
em furia» (10 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS
VOLUNTARIOS — As 21 e 45:
«Não espere, D. Jango, Dis-
pare!» (10 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C

ALCANTARA — Dilema,
R. Alameda Operária, 49-B
(t. 636620) * Costa, Rua
dos Lusitãos, 32 (telefone
636704) * Vieira da Rosa,
Rua Prior do Crato, 74
(tel. 660187).
ALTO DO PINA — Ibéria,
Rua Barão de Sabrosa,
235-A (tel. 728277).
ALVALADE — Aeropo-
rta, Avenida Almirante
Gago Coutinho, 01-D (da
Avenida D. Rodrigo do
Cunhal) (tel. 722384) *
Sanex, Avenida da Igreja,
31-C (tel. 717505) *
Rio de Janeiro, Avenida
do Janeiro, 4-C (da
Avenida Estados Unidos da
América) (tel. 721409).
AMEIXOIRA — S. Bar-
tolomeu, Vila Paulo Jor-
ge, (da Galinheira) tel.
790969).
ARCO DO CEGO — S.
Jorge, Avenida Rovisco
Paiz, 32-A (tel. 534027).
AREIRO — Algarve,
Avenida de Roma, 7-B
(tel. 777478).
ARROIOS — Pançada,
Rua Rebelo da Silva, 11
(tel. 43340) * Castro,
Avenida Almirante Reis,
(tel. 44373).
AVENIDA DA LIBERDADE — Liberal, Avenida
da Liberdade, 219 (tel. 43641).

AVENIDAS NOVAS —
Figueiras, Avenida Mar-
quês de Tomar, 20 (tel.
44995) * Cruz Nunes,
Praça Duque de Saldanha
14 (tel. 41845).
BAIRRO ALTO — San-
tas, Praça Luís de Camões,
24 (telefone 32298).
BAIRRO DA ENCARNACÃO —
Cão, Ascensão, P. do
Norte, 1 (tel. 311216
e 310172).
BAIXA — Silva Carve-
ira, R. dos Fanqueiros,
126 (tel. 326375).
BELEM — Bom Sucesso,
R. Bartolomeu Dias, 63-A
(telefone 611454).
BENFICA — Santa Cruz,
Avenida Gomes Pereira,
34-B (tel. 704828).
CAMÕES — Sanitas,
Praça Luís de Camões, 24
(tel. 322798).
CAMPOLIDE — Oliveira,
Rua de Campolide, 54-A
(tel. 684424).
CAMPO DE OURIQUE —
Elma, Rua D. Mano Pío,
358-A (tel. 686176) *
Urbano de Freitas, Rua
Silva Corvalho, 5 (tel.
662838) * Tagus, Praça
da Rua Possidónio da Sil-
va, 162-A (tel. 669485).
* Pinheiro, R. de Com-
polide, 31 (tel. 686640).
CARNIDE — Ribeiro,
Estrada da Luz, 99-A
(tel. 780969).
JANELAS VERDES —
Reis Garrido, R. das Ja-

nelas Verdes, 90 (telefone
562327).
LAPA — Mota Capitão,
Rua de S. Félix, 45-B (tel.
560720).
LUMIAR — Central, R.
do Lumiar, 75 (t. 790480).
MARQUES DE POMBAL —
Liberal, Avenida do Li-
berdade, 219 (tel. 43641).
MOURARIA — Silva,
Calçada de Santo André,
16 (tel. 862074).
OLIVAS — Antunes
Rosa, Praça da Cidade do
Luso, lote 99 (Olivais-
-Sul) (tel. 313610) *
Central dos Olivais, Rua
Alfereis Barrilho Ruas,
7-C (Olivais-Norte) (tel.
315539).
PENHA DE FRANÇA —
Bastos, Rua Morais So-
ares, 91-D (tel. 844350) *
Branquinho, Rua de Sapo-
dores, 87 (te. 842725).
PICHELEIRA — Luzmar,
R. João Nascimento Costa,
16-A (telefones 720703-
728395).
RATO — Vicente de
Jesus, Largo do Rato, 3-C
(tel. 681947).
RESTELO — Belém, Rua
Tristão Vaz, 0-A (da en-
costa do Restelo) (tele-
fone 612248).
SANTO AMARO — Go-
mes, Rua da Junqueira,
326 (tel. 638193).
S. BENTO — Félix, R.
da Cruz dos Poiais, 52
(tel. 678531).

S. MIGUEL — S. Miguel,
Praça Francisco de Moraes,
1 (tel. 771469).
**S. SEBASTIÃO DA PE-
DREIRA** — Novais, Ave-
nida Luís Bivar, 11 (tel.
44324).
SETE RIOS — Curie, Av.
Madame Curie, 15-A (te-
lefone 778439) * Laran-
jeiras, Rua Figueira da Mata,
60 (tel. 761035).
SOCORRO — Silmar, R.
de S. Lázaro, 128 (telefo-
ne 42829).
XABREGAS — Conceição
Calçada de D. Gastão, 30
(tel. 381279).

* Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R.
Ernesto Silva, 81 (tel. 21048).
CAXIAS — Nova — R.
Bernardim Ribeiro, 1-A
(tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Go-
dinho da Silva — Av. Pa-
trício Lopes, 4 (t. 2432039).
OEIRAS — Alcântara
Guerreiro — Bairro Resi-
dencial Dr. Augusto de
Castro — Lote 0 (tel. 243059).
PARADE — Grincho —
Av. da República, 87 (tel.
2471204).
S. PEDRO DO ESTORIL —
S. Pedro (tel. 263052).
ESTORIL — Ostende —

R. de Espinho, 1 (Telefo-
ne 2603 91).
ESTORIL — S. João (Tel.
261186).
CASCAIS — Cordeiro —
Av. Com. G. Guerra, 40
(tel. 280170) * Nova —
Est. de Avelas — Panta-
nhas (telefone 281044).
*** Linha de Sintra**
AMADORA — Cavaco —
Rua Elias Garcia, 209 (tel.
930019) * Flame — Rua
Elias Garcia, 18-B (tel. 932485).
CONFANÇA —
Av. D. Nuno Álvares Pe-
reira, 15-A (tel. 93849).
DAMAIA — D. João V —
Av. Gurgel do Amaral,
2-A (tel. 970461).
QUELUZ — André — Av.
Elias Garcia, 5 (tel. 950043).
QUELUZ — Av.
Miguel Bombarda, 129-A
(telefone 951841).
CACÉM — Central —
R. Elias Garcia, 55 (Tele-
fone 2940034).
MEM MARTINS — Qui-
mia, Est. Mem Martins,
285 (tel. 290021).
S. PEDRO DE SINTRA —
Valentim (tel. 980456).
SINTRA — Marraxos —
L. Afonso de Albuquerque
(tel. 980058).
VENDA NOVA — Nova
— R. Elias Garcia, 10
Tel. 972530).

COLARES — Colares —
Abreja (tel. 299088).

* Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes —
L. Coronel Ramos da Cos-
ta, 10 (tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Ges-
mão — Rua Cândido dos
Reis, 30 (tel. 224020).
ALMADA — Algarve — R.
Fernão Lopes, 1 (telefone
270271).
BAIXA DA BANHEIRA —
Alfama — Est. Nacio-
nal, 74 (tel. 224302).
BARREIRO — Moderna —
R. D. Henriqueta Gomes
de Avelas, 12 (telefone
2273443).
COVA DA PIEDADE —
Castro Rodrigues — L. 5 de
Outubro, 62 (tel. 270121).
MOITA — Silva Rocha,
P. da República, 16 (Tel.
239029).
MONTIJO — Moderna —
R. Buião Pato, 60 (Tel.
230156).
SESIMBRA — Leão, Av.
Salazar (Tel. 229471).
SETUBAL — Bocageana —
R. do Romeu (Tel. 23425).
* Baitros — B. Santos
Nicolau (Tel. 23330).
SEIXAL — Soromenho,
R. Paulo Coelho 38 (Tel.
2218560).

* PORTO

Anacleto de Barros, Rua
do Loureiro, 0 — (Tel.
85075).
Cumeira, Rua
do Heroísmo, 10 (Telefo-
ne 54583).
Canavieira,
Rua do Restauração, 53
(tel. 60754).
Confiança,
Rua de Santa Catarina,
960 (tel. 22834).
Costa
Cabr. Rua de Costa Ca-
bral, 112 (tel. 40780).
Costa
Cabr. Lda., Rua de
Cedofeita, 25 (T. 21620).
* Fonte da Moura, Rua
de Argente, 463 (Telefo-
ne 3444).
* Monte do
Burrão, Rua do Monte dos
Burrões, 802 (Tel. 62279).
* Monte Cativeiro, Rua Monte
Cativeiro, 444 (T. 41687).
* Nova Avenida, Av. Fernão
de Magalhães, 692 (Tele-
fone 52250).
* Pedra, L.
do Padrão, 342 (T. 52149).
* Parente, Rua dos Flo-
res, 14 (Tel. 21611).
* Pombal, Campo das Ma-
rões, 52 (Tele-
fone 3295).
* S. da Bn-
deira, Rua de S. da Bn-
deira, 236 (Tel. 22164).
* Nacional, Rua Senhora da
Luz, 56-Fox T. 680833).

* COIMBRA

Solum — Rua D. Caro-
lina de Michoëlis (tel.
33120).
Nazeré — Rua Ferreira
Borges (tel. 22605).
Santa Isabel — Avenida
S. da Bandeira (t. 24916).

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



O tempo

INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO

RAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado nas regiões do Sul; o vento noroeste de Oeste geralmente fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL

ATE AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 35°; mínima: Montalegre e Penhas da Saúde, 10°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 18°; Penhas Douradas, 10°; Coimbra, 9°; Portalegre, 17°; Lisboa, 20°; Faro, 23°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar: 16,8°; na atmosfera: 20°.

PREVISÃO GERAL
ATE AS 24 HORAS
DE AMANHÃ:

A norte do sistema montanhoso Montejunto - Estrela, períodos de céu muito nublado; vento geralmente fraco de Sudeste; possibilidade de aguaceiros fracos. A sul do mesmo sistema, céu geralmente pouco nublado; vento fraco de Noroeste.



Amorém
Nascer às 6 e 52
Ocaso às 20 e 29



Die 20 Die 29 Die 5 Die 11

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 1 e 40 (3,3 m); Dia 18 — 2 e 41 (3,5 m); 15 e 13,8 m; Dia 19 — 3 e 32 (3,7 m); 15 e 51 (4 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 7 e 12 (1,6 m); 19 e 54 (1,4 m); Dia 18 — 8 e 10 (1,5 m); 20 e 47 (1,2 m); Dia 19 — 8 e 51 (1,3 m); 21 e 27 (1,1 m).

NAUFRÁGIO

(Continuação da 1.ª página)

tes de os anemómetros se partirem. Hong-Kong ficou mergulhada na escuridão durante duas horas, tendo havido um incêndio e uma explosão na central eléctrica. Ruiu também um edifício de seis pisos.

O «FAT SHAN»
AINDA FLUTUA

Apesar do tufão que soprava violentamente, o draga-mina «Kirkston», da Marinha britânica, fez-se ao mar em socorro dos naufragos do «ferry-boat» e conseguiu recolher quatro homens, prosseguindo as buscas.

As últimas informações recebidas do «Fat Shan» dizem que ele ainda flutua, embora

O CHEFE DO ESTADO VAI À MADEIRA

FUNCHAL, 17. — (A. N. I.) — A nova central hidroeléctrica da Fajã da Nogueira, erguida pela Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, da presidência do coronel Fernando Homem da Costa, está praticamente pronta e será inaugurada com a presença do Chefe do Estado, ministro das Obras Públicas e secretário de Estado da mesma pasta, em cerimónia solene que decorrerá entre 18 e 20 de Setembro próximo.

Inquérito sobre um naufrágio ocorrido ao largo de Vila Nova de Milfontes

Já por ser rotina em casos desta natureza, já porque o director do Instituto de Socorros a Náufragos pediu que o inquérito fosse apressado para averiguação dos factos, a verdade é que estão a decorrer, na Delegação Marítima de Sines, as diligências para apuramento de responsabilidades sobre um naufrágio ocorrido ao largo de Vila Nova de Milfontes, de que resultou a morte de duas pessoas (mãe e filho) no dia 8 deste mês, e em que estiveram em perigo mais duas pessoas da mesma família.

O caso provocou grande consternação em Sines e particularmente em Vila Nova de Milfontes, tendo, desde logo, nascido uma onda de protesto contra o patrão do barco de socorros, sr. Reinaldo de Almeida Rocha, que se mostrou, diz-se, indiferente

Uma jovem morena de 19 anos chegou, hoje, a Lisboa, ostentando a faixa de «Miss Cabrilho 1971» e a coroa de «rainha» dos portugueses radicados na Califórnia.

A jovem «Miss Cabrilho 1971» é Jeanne Lynn Baptista, é filha de um proprietário de barcos de pesca em San Diego, natural de Ilhavo, mas ali radicado há um bom par de anos. A mãe, Mary Elsie

Baptista, que a acompanhou, agora, a Portugal, é natural da Nazaré e também já vive há muito tempo nos Estados Unidos.

Jeanne é estudante (gostaria de ser professora) nas horas vagas, trabalha como rececionista, num restaurante de San Diego.

Segundo declarou aos jornalistas, no Aeroporto, a jovem Jeanne já o ano passado esteve à beira de ser eleita «Miss

REPRESÁLIAS DA ZÂMBIA CONTRA A INGLATERRA

LUSAKA, 17. — (ANI) — O presidente Kenneth Kaunda declarou que a Zâmbia se

encontra «profundamente preocupada» com a possibilidade de a Inglaterra «se render aos rebeldes na Rodésia», pois considera muito grandes os perigos que essa decisão de Londres teria para a Zâmbia.

«O meu governo — disse — está profundamente preocupado com a possibilidade do Governo britânico se render aos rebeldes da Rodésia. O perigo da segurança para a Zâmbia seriam grandes. Se assim acontecer, a Zâmbia tomará as medidas apropriadas.

Os observadores políticos tomam esta frase como indicio de represálias económicas contra a Inglaterra, que recentemente compra na Zâmbia 40 por cento do cobre de que necessita.

Morreu o homem que recebera coração e pulmões

CIDADE DO CABO, 17. — (R.) — Adrian Herbert, o primeiro homem que na África do Sul sofreu uma transplantação simultânea do coração e dos pulmões, faleceu hoje, anunciou o Hospital Groote Schuur.

Herbert, um mestiço de 49 anos, sobreviveu 23 dias à operação, tornando-se assim o recordista mundial de sobrevivência após uma transplantação múltipla.

Até agora, só se efectuaram em todo o mundo quatro transplantações simultâneas do coração e dos pulmões, sendo as três restantes nos Estados Unidos. O recorde de sobrevivência era apenas de oito dias.

Não há, por enquanto, qualquer comentário do professor Barnard sobre a morte do seu paciente.

Cidade de Lisboa
BOND STREET
APROVEITE AGORA OS
SALDOS SENSACIONAIS
ATÉ 30 DE AGOSTO

BOUTIQUE HIPPIES
JACQUES ESTEREL
RUA RODRIGO DA FONSECA, 82-A
LIQUIDAÇÃO TOTAL

aos pedidos de socorro, e a afirmação de um homem que declarava ter ouvido gritos lancinantes de alguém que estava em perigo.

Segundo se afirma em Vila Nova de Milfontes, o sr. Reinaldo de Almeida Rocha é proprietário de uma taberna que, à hora tardia em que foi dado o alarme, ainda estava aberta e com muita freguesia, que ele não queria deixar de atender, tanto mais que era dia de festa na localidade. Começou, segundo ali se acrescenta por não ter pressa em fazer sair o barco salva-vidas. Depois não se afoitou ao largo, com receio do estado do mar, acabando por não sair em condições de prestar os devidos socorros. Os sobreviventes não foram salvos pelo barco salva-vidas, mas sim por outra embarcação.

Pelo que afirmam, o sr. Almeida Rocha alegava que não acreditava no aviso dado pelo homem que dizia ter ouvido os gritos, contrapondo que se trata de um bêbado. A triste verdade é que havia gente em perigo e houve gente que morreu. Reinaldo de Almeida foi, no entanto, louvado há tempos e recebeu uma medalha do Instituto de Socorros a Náufragos por feitos cometidos, mas desta vez diz-se que foi negligente. O inquérito está a fazer-se na Delegação Marítima de Sines, para lhe ser aplicada a devida expulsão, se se verificar que teve culpa, além das implicações de ordem criminal.

Festival Cabrilho» mas acabou por ser ultrapassada por Diane Francisco. Mas, este ano, venceu o certame, realizado no «Cabrilho Club», de San Diego.

Ao perguntarem-lhe se gostaria de casar com um português, respondeu, sorrindo, que ainda é cedo para pensar nisso.

«Mas pode ser...» — acrescentou.

A representante da grande colónia luso-americana da Califórnia foi recebida, no Aeroporto, pelo almirante Sarmiento Rodrigues, director honorário do Festival de Cabrilho, por um representante da Direcção-Geral de Turismo, das Relações Públicas da TAP e da direcção do Aeroporto, que lhe ofereceram lindos ramos de cravos.

Nesta viagem à terra dos seus antepassados, a gentil «Miss Cabrilho 1971» visitará os avós paternos, residentes no Norte, tal como já o fez o ano passado.

O concurso de eleição de «Miss Cabrilho» teve origem, há anos, quando luso-americanos residentes na Califórnia quiseram recordar a chegada àquelas paragens da América do navegador português João Rodrigues Cabrilho, há 428 anos.

O secretário de Estado da Agricultura vai a Chaves

A fim de visitar a Cooperativa Agrícola e o Grupo de Agricultores da Veiga de Chaves, desloca-se amanhã àquela cidade o sr. eng.º Vasco Leô-nidas, secretário de Estado da Agricultura.

Aquele membro do Governo aproveitará a estadia para visitar, também, obras relativas a infra-estruturas do desenvolvimento regional.

FABRICADA PELA NIKON A PRIMEIRA CÂMARA FOTOGRÁFICA VERDADEIRAMENTE REFLEX MONO-OBJECTIVA DO PROGRAMA APOLLO



A câmara fotográfica NIKON PHOTOMIC FTn de 35 mm, reflex mono-objectiva, foi virtualmente, o primeiro aparelho utilizado no programa APOLLO segundo afirma o Sr. Joseph Ehrenreich, Presidente da Ehrenreich Photo-Optical Industries, Inc. conhecida por EPOI. O Sr. Ehrenreich assinou recentemente um contrato com a NASA (National Aeronautics and Space Administration) na qualidade de Presidente da EPOI e como representante exclusivo para os Estados Unidos das câmaras, objectivas e equipamento óptico NIKON.

Posta na lista dos acessórios de bordo da APOLLO 15, escalada para a viagem à LUA em meados de 1971, a máquina fotográfica NIKON do módulo lunar de comando teve de sofrer ligeiras alterações para satisfazer as exigências de segurança de operação impostas pela NASA, visto que deveria trabalhar numa atmosfera de oxigénio puro e possuir possibilidades de manobra no espaço.

A alavanca para o avanço do filme que simultaneamente

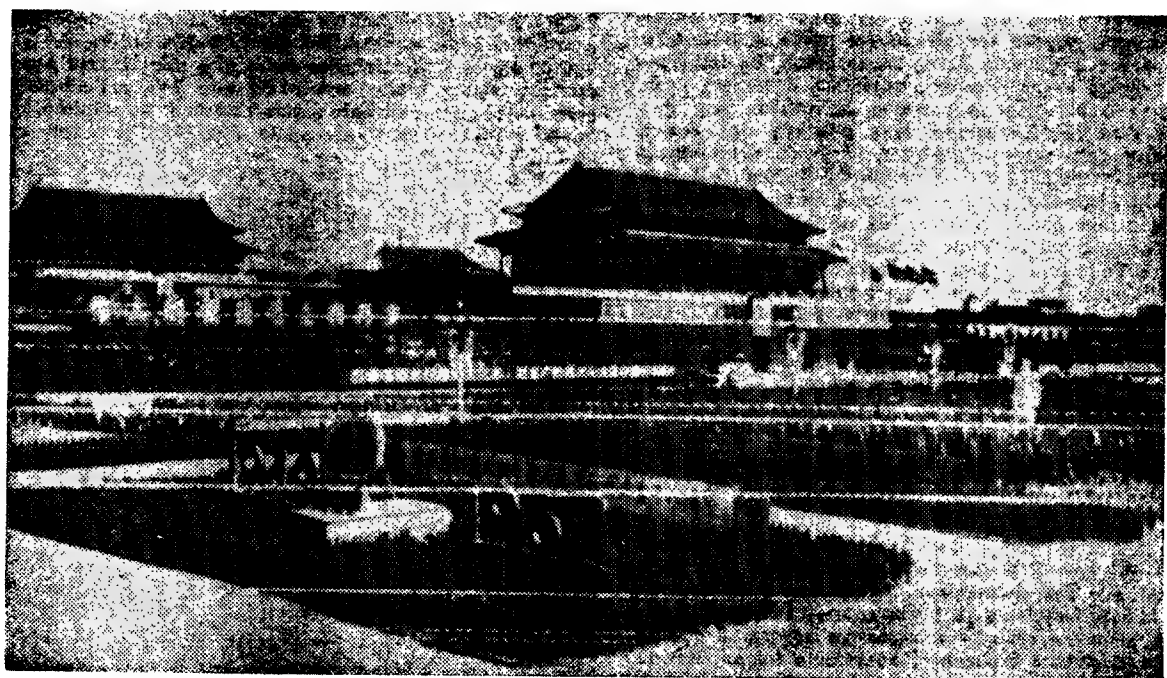
te arma o obturador foi alargada para permitir ser manobrada pelos astronautas que normalmente usam luvas. A NIKON equipada com a objectiva NIKKOR 1: 1,2/55 mm contribuirá para a execução da experiência S 178 — fotografia do fenómeno Gegenstein — ou seja a fotografia dos reflexos da luz solar vindos da Terra e tomados, num ponto do espaço.

As fotografias foram captadas do módulo de comando por Al Worden no lado escuro da Lua, enquanto a tripulação do módulo esteve no lado lunar.

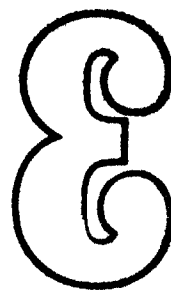
A experiência foi destinada a determinar que espécie de partículas do espaço reflectem essa luz. A conjugação de uma película de extra sensibilidade e a objectiva NIKON 1:1,2 de grande luminosidade, tornaram possível fotografar com luz extremamente fraca dentro do módulo de comando.

A NIKON foi assim, a primeira câmara fotográfica, verdadeiramente reflex mono-objectiva, a figurar no programa APOLLO.

Exclusivo



PEQUIM
WASHINGTON



ENCONTRO EM PEQUIM

Por MICHEL TATU

(EXCLUSIVO «LE MONDE» - «D. L.»)

O PRINCIPAL ADVERSÁRIO

Pouco mais de duas semanas depois do anúncio da visita de Nixon a Pequim, pode dizer-se que, em parte, a febre baixou, tendo a exaltação inicial dado lugar a comentários mais sóbrios, cépticos até. Esta evolução, aliás, foi encorajada pelos dois protagonistas do acontecimento. Enquanto a imprensa chinesa regressava aos seus temas familiares contra o imperialismo americano, a Casa Branca, por seu lado, foi-se dedicando a acalmar a euforia dos primeiros dias e a desencorajar as especulações: a viragem é muito importante, afirma-se em Washington, mas há ainda um longo caminho a percorrer, antes de se chegar a uma autêntica normalização das relações entre os dois países.

Este regresso à sobriedade explica, sem dúvida, o carácter limitado que, no fim de contas, assumiram as reacções estrangeiras. Taipé não foi ao ponto de chamar o seu embaixador em Washington, como parece que tencionava fazer, nos primeiros dias. Embora se tenha vibrado um severo golpe nas relações nipo-americanas, nada de irreparável se verificou, também, entre Tóquio e Washington. De igual modo, no campo comunista europeu, a primeira reacção foi a de «esperar e ver no que as coisas param». Se o Kremlin, após uma boa semana de reflexão, acabou por anunciar que o acontecimento não

era «sensacional», o que quer dizer, por outras palavras que achava que esta nova «longa marcha» reserva ainda muitas outras surpresas.

O menos que se pode afirmar, no entanto, é que os dirigentes soviéticos não estão contentes. Viu-se isso ao ler-se o artigo da «Pravda», de 25 de Julho. Um processo muito comum na imprensa de Moscovo para dizer certas coisas sem, no entanto, se comprometer oficialmente é o de citar, com largueza, a «imprensa progressiva». Quando esta imprensa é representada por jornais tão fiéis à ortodoxia soviética como são os de Sófia, Praga ou Budapeste, quase nada resta de misterioso quanto à verdadeira opinião do Kremlin.

Fica-se a saber por aqueles jornais, citados por «Alexandrov», na «Pravda», que existem «razões mais do que suficientes para se duvidar das reais intenções de ambas as partes» (China e Estados Unidos), que a sua aproximação «reflecte as tendências hegemónicas dos meios dirigentes daquelas duas potências», ou, ainda, que «todas as forças progressistas e pacíficas dão mostras de séria atenção e vigilância para com as manobras de certos meios que não desdenhariam utilizar a normalização das relações sino-americanas em detrimento dos interesses do socialismo e do movimento comunista internacional». Por

outras palavras, Moscovo sente um complexo de «cerco», bastante natural em tal circunstância: desde que o antagonismo quase simétrico que caracterizava as relações das três grandes potências, depois de ter surgido o eisma soviético-chinês, há uma dezena de anos, se modifique graças à aproximação de dois antigos inimigos, o terceiro interveniente será fortemente tentado a ver nisto um «concluído» contra ele. A China denunciara da mesma maneira a política de aproximação com os Estados Unidos praticada por Khroutchev, e os Estados Unidos experimentariam um sentimento análogo perante uma reconciliação soviético-chinesa.

ANTI-COMUNISTA OU ANTI-SOVIÉTICA?

No caso presente, as inquietações do Kremlin não são sem fundamento. Embora Nixon não tivesse deixado de declarar que a sua política de normalização com a China não é dirigida seja contra quem for, o «Nepszabadsag» — citado pela «Pravda» — tem, provavelmente, razão ao escrever que «o anti-sovietismo é um dos elementos da

VIRAGEM À DIREITA NOS PAÍSES ÁRABES

Por MAXIME RODINSON

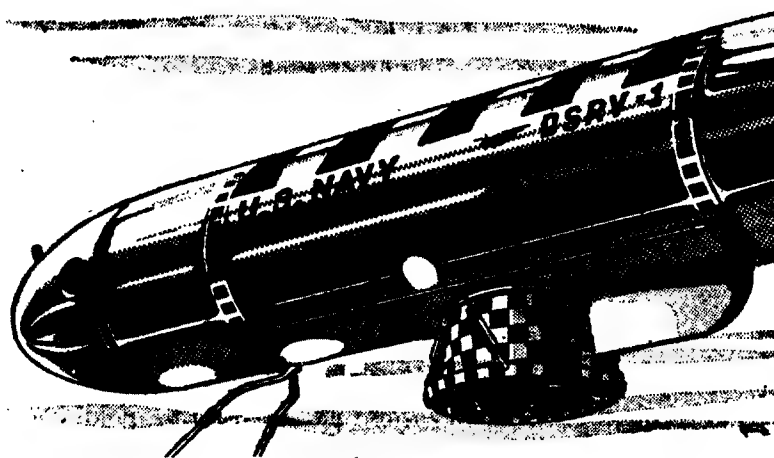
(EXCLUSIVO «LE MONDE» - «D. L.»)

Tal como há poucos meses, era sacrilégio, aos olhos de um sector maioritário da esquerda francesa evocar tendências contraditórias no pensamento político israelita (um povo duro e puro defendendo-se com as armas da inocência... e era tudo), também, nestes últimos tempos, para uma importante fracção dessa mesma esquerda, era um crime falar de outras orientações no mundo árabe que não fossem a da fidelidade à causa nacional (revolucio-

nária em si mesma) e a da traição. Para os diversos delírios ideológicos, o cordeiro que luta contra a fera não podia ter manchas nem sequer cambiantes na sua brancura imaculada.

Esta visão maniqueísta é perfeitamente normal numa visão nacionalista das coisas. Era mais curioso vê-la malgamar-se com uma grande incoerência à visão marxista uni-

Cont. na pág. 3



SUBMARINOS DE SALVAMENTO

Um pequeno submarino de quinze metros de comprimento (o «D. S. R. V. 1») é o primeiro especialmente construído para operações de salvamento a grandes profundidades. Na página central deste suplemento publicamos um completo estudo sobre o «D. S. R. V. 1»

ENCONTRO EM PEQUIM

plataforma sobre que se efectua a aproximação sino-americana». Em Washington, o actual presidente difere do «velho Nixon» dos anos 50 na medida em que o seu anticomunismo se tornou mais subtil, melhor informado.

Tendo tamarado consciência das gradações entre os diversos regimes do Leste, tendo podido, também, apreciar o comportamento dos dirigentes de Moscovo — que visitou duas vezes, primeiro como vice-presidente, em 1959, depois como personalidade privada, em 1967 — e, especialmente, a brutalidade daquelas para com os seus vizinhos, parece ter-se tornado mais anti-soviético do que anticomunista. Por um curioso paradoxo, ele é, de todos os presidentes americanos que se sucederam depois do fim da guerra, o único que ainda não teve nenhum contacto «em posição cimeira» com os dirigentes soviéticos, desde o início do seu mandato, e, ao mesmo tempo, o primeiro a ter visitado já por duas vezes, nessa qualidade, um país comunista, a Roménia primeiro, depois a Jugoslávia, tencionando agora dar uma saltada à China. Não é «por acaso», como se gosta de dizer em Moscovo, que estes três países são, precisamente, os que dão mais preocupações aos dirigentes soviéticos...

Procurará, deliberadamente, Nixon ofendê-los? E mais do que certo que não, tanto mais que nunca rejeitou qualquer oferta de negociações com Moscovo sobre assuntos

«sérios». Mas o presidente americano não se esquece, sem dúvida, de que se a Rússia é um parceiro necessário para toda a espécie de problemas não deixa de ser, também, o principal rival, aquele com que topa no seu caminho na Europa, no Próximo Oriente e até nas Caraíbas. Daí o procurar quando não enfraquecê-lo pelo menos pagá-lo na mesma moeda, pisando as suas plataformas do «campo socialista». Passo que foi alegremente dado.

O anti-sovietismo está, por certo, ainda menos ausente dos cálculos chineses. A aproximação sino-soviética estava contida, em germe, na desavença entre Pequim e Moscovo, quando se tornou evidente que a China não hesitava em quebrar a «solidariedade socialista», apesar da «política de agressão» americana. Aquela tornou-se ainda mais plausível depois da vitória de Mao na revolução cultural, a qual parece ter girado em parte, sobretudo a princípio, sobre a questão de se saber quem, do imperialismo americano ao revisionismo soviético, devia ser designado como o principal adversário da China. Sem que isso fosse dito explicitamente, Mao pensava que era o segundo, enquanto outros dirigentes, particularmente Peng Chen, antigo presidente do município de Pequim, e talvez também Liu Shao-Chi, parecem ter sido sensíveis aos apelos soviéticos da época, a favor da «unidade de acção» contra os americanos no Vietnam. Seja como for, a escolha de Mao Tse Tung foi amplamente justificada pela intervenção soviética na Checoslováquia — aquilo a que se chamou a «doutrina Brejnev»; por outras palavras, a argumentação invocada em apção do «golpe de Praga» era perfeitamente aplicável à China — e também pela dura pressão militar exercida pela U.R.S.S. sobre Ussuri, em 1969 e posteriormente.

POUCO PROVÁVEL UM ENDURECIMENTO SOVIÉTICO

Dito isto, que podem fazer os dirigentes soviéticos perante o que não é, por certo, uma coligação, mas pode muito bem ser um «concluído»? As opções e os contra-ataques são perceptíveis já nesta primeira fase:

1) A primeira reacção consiste em esperar o que se segue, com cautela e esperança, ao mesmo tempo. Reside aqui, como já vimos, a primeira lição a extrair do artigo da «Pravda», de 25 de Julho, anunciando que o partido e o Estado soviético «terão em conta todas as consequências possíveis dos contactos sino-soviéticos». A advertência aos Estados Unidos mal se disfarça, mas a partida não é considerada perdida, por enquanto. O Kremlin aclamará todo e qualquer malogro na aproximação entre Washington e Pequim, com a «Schadenfreude» que se adivinha.

2) Um endurecimento das posições soviéticas perante os Estados Unidos é, apesar de tudo, pouco provável. Claro, para Moscovo, um bom meio de fazer pressão sobre Nixon seria fazer-lhe saber que um namoro demasiado chegado com Pequim complicaria as relações soviético-americanas e as negociações Leste-Oeste em que o Kremlin participa. Talvez fosse isto o que Kossyguine tinha em mente quando lembrou a um senador americano de passagem por Moscovo, aqui há uns tempos, que as conversações estratégicas SALT («são as mais importantes das que se desenrolam no Mundo, actualmente»). Por outras palavras, não seria bom abandonar o principal pelo secundário. Mas se esta pressão não produzir rápido resultado — vê-se mal como é que ela bastaria para dissuadir o presidente Nixon de prosseguir na sua política para com a China — o certo é que não deve ser mantida por muito tempo: a sua única consequência seria, com efeito, acentuar o isolamento da U.R.S.S., agravar, portanto, o mal que se quer curar.

Em todo o caso, as primeiras manifestações da aproximação sino-soviética, em particular a «diplomacia do pingue-pongue», desta Primavera, não tiveram influência negativa sobre as relações soviético-americanas. Muito pelo contrário, as conversações SALT e as travadas sobre Berlim progrediram bastante depois daquela data, ao mesmo tempo que o Kremlin multiplicava as ofertas de negociações sobre a redução de forças na Europa, nas marinhas de guerra, etc. Além disso, a viagem à China não comprometerá uma posterior visita de Nixon a Moscovo: tal viagem parece mesmo ser mais frutuosa que as clássicas conferências cimeiras do passado, mantidas com menos ideias preconcebidas mas bastantes mais ilusões.

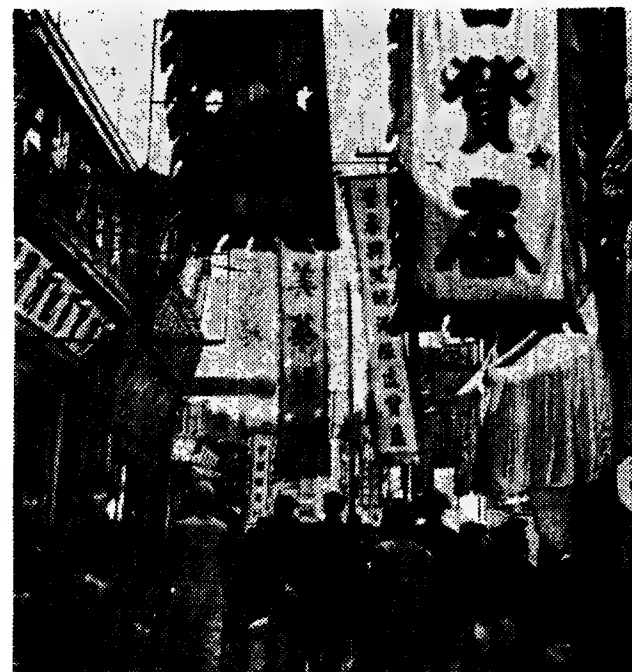
UMA PARADA

3) Moscovo dispõe, apesar de tudo, de uma parada, que consiste em se dirigir aos «postos de lado», ou tidos como tal, por esta grande viragem da política mundial, isto é, aproximar-se dos Estados que se arriscam a ser quer as vítimas quer os espectadores passivos da aproximação sino-americana. Seria de espantar, por exemplo, que a diplomacia soviética não encontrasse novas perspectivas no Japão, depois do desvelto tratamento a que este País foi submetido por Washington e as inquietações que nele provoca a entrada em força da China na arena internacional.

Na Europa, o acontecimento foi acolhido, um pouco por toda a parte, com satisfação, e foi por isso que o comentador soviético Georges Dadianis teve de insistir na denúncia desta «combinação», efectuada «nas costas da Europa», «pesada de consequências», especialmente para os países desejosos de praticar «uma política diferente da do atlantismo puro». É verdade que os dirigentes soviéticos podem ter-se sentido lisonjados com as declarações de Maurice Schumann, em Copenhague, ao procurar sossegar a desconfiança soviética, e talvez mais ainda pela resolução, proclamada por Brandt, de não tomar a iniciativa de uma normalização com Pequim para não comprometer a sua política de boas relações com Moscovo. No entanto, a «solidariedade» invocada pela U.R.S.S. é bastante artificial, e é pouco provável que o desanuiamento Leste-Oeste

possa progredir muito na base de uma hostilidade comum aos Estados Unidos e à China.

Os parceiros mais prometedores poderiam surgir na Indochina, mas ainda aqui as possibilidades de acção do Kremlin se mostram muito limitadas. Quando Georges Dadianis escreve que a visita de Nixon a Pequim encobre uma tentativa «de partilhar as esferas de influência na Ásia à custa dos países vizinhos da China» e que aquela suscitou, por isso, «ansiedade em vários países do Sueste asiático», é muito provável que pense em Hanói, em primeiro lugar. Um jornal húngaro, o «Magyar Hirlap», foi, de facto, directo ao afirmar que a iniciativa sino-americana «não tinha sido coordenada entre Pequim e Hanói» e se «arriscava a causar um grave prejuízo e novos sofrimentos ao povo vietnamita». Daí, os primeiros comentários norte-vietnamitas, nomeadamente o do jornal «Nhan Dan», acusando Nixon de «tentar chegar a um compromisso entre as grandes potências de maneira a forçar os pequenos países a inclinarem-se perante os acordos estabelecidos entre aquelas». Temos, também, as numerosas declarações do G.R.P. afirmando que a sorte do Vietnam não será regularizada «senão entre os imperialistas americanos e o próprio povo vietnamita», de preferência em Paris em vez de Pequim, declarações essas que não deixam lugar a dúvidas. Basta muito menos do que isto, em linguagem comunista, para exprimir sérias reservas; no mínimo, deve ver-se nisto um insistente apelo a Pequim para que nada



decida sem o completo acordo de G.R.P. e de Hanói. O simples facto de Kissinger ter considerado inútil encontrar-se com Le Duc Tho, em Paris, quando, afinal, tinha passado vinte e quatro horas com Chu En-Lai, era, evidentemente, um mau sinal, embora resultasse de uma ideia preconcebida americana.

AS RELAÇÕES COM HANÓI

Os dirigentes norte-vietnamitas parecem ter sido sossegados, depois disso, com as garantias recebidas de Pequim. Aliás, a viagem de Nixon não deixa de ser vantajosa para eles. Concebe-se mal, por exemplo, que a viagem tenha lugar com as tropas americanas a baterem-se no Vietnam. Nixon deverá, pois, acelerar a retirada daquelas, tanto mais que o ritmo de partida dos G. I. é bem capaz, dentro em breve, de tornar sem objecto a querela sobre a data limite para a evacuação total. Bastará que aquele ritmo se processe, no ano que vem, ao nível de vinte mil homens, por mês, para a evacuação poder dar-se por finda no Outono de 1972. Isto constitui uma diferença de nove meses entre o calendário americano e o pedido pelos norte-vietnamitas, diferença essa, que, como o faz notar o «New York Times», «se torna difícil dizer que não é negociável».

Claro que não são de excluir dificuldades entre Hanói e Pequim quando se tratar da questão do futuro regime em Saigão. A China poderá mostrar-se mais inclinada do que o seu vizinho norte-vietnamita a aceitar um sistema neutro, mas relativamente pró-occidental, e bater-se-á com menos ardor para reservar os lugares-chaves para os membros do G. R. P. Indo mais longe, alguns responsáveis americanos são de opinião que Pequim procurará, activamente, impedir que toda a península indochinesa venha a cair sob a influência de Hanói, tal como Estaline se opôs, no seu tempo, a uma federação balcânica que seria dominada por Tito.

Será, sem dúvida, ir demasiado longe. De qualquer forma, o próprio facto de Pequim se pronunciar, agora, claramente, a favor de uma regularização política do conflito constitui uma prova de aproximação com Hanói, se nos lembrarmos de que a China tinha mostrado má cara, há três anos, perante a abertura das conversações de Paris. Quanto aos soviéticos, não estão muito à vontade para tirar partido da situação actual, pois foram os primeiros a exporem-se nos reparos que hoje formulam contra a China. Nem a guerra da Indochina nem mesmo as bombas que caíram, durante três anos, sobre o Vietnam do Norte impediram Kossyguine de se encontrar com o presidente Johnson, em Glassboro, no ano de 1967.

Em resumo, as reacções são, pelo menos, mitigadas, no campo socialista, e nenhuma delas está isenta de ideias preconcebidas.

O «jogo triangular» é sempre sedutor, desde que se não seja a vítima, mas o parceiro que tem mais possibilidades de beneficiar com ele é, de há muito, a América do Norte, em detrimento da U. R. S. S.

A cisão sino-soviética é demasiado profunda e a rivalidade soviético-americana demasiado aguda para que Moscovo não venha a ser designada, a certa altura, pelos seus dois parceiros, ao mesmo tempo, como o «adversário principal».

NOVO POR O VELHO

HO!! HO!!

UM CARRO NOVO EM TROCA DO SEU SEM GASTAR UM CENTAVO

ZODIAS

para tentar a possibilidade de trocar o seu carro por outro, novinho em folha, sem gastar um centavo!

Basta dirigir-se a um dos salões de Vendas Automóveis abaixo indicados e inscrever-se até 20 de Agosto.

AUTO INDUSTRIAL, S.A.R.L.
(Av. Duque de Loulé, 93 - Lisboa)

ou na

MARTICAR, S.A.R.L.
(R. Almirante Barroso, 9-A - Lisboa)

UMA BELA OCASIAO EM 20 DIAS DE VERÃO!
Sorteio a realizar em 31 de Agosto de 1971

CARTUM



Por MAXIME RODINSON

VIRAGEM À DIREITA NOS PAÍSES ÁRABES

Cont. da 1.ª página

versalista. Nesse ponto ultrapassa-se, aliás, e muito, o simples mundo árabe. A luta do mundo subdesenvolvido pela sua liberdade de opção, pela sua dignidade e pela melhoria da sua sorte era pura e simplesmente assimilada a uma luta de classes. É certo que a importância e a legitimidade desta luta não são de negar. Podemos mesmo entender, com certos argumentos sérios, que ela tem, em grande parte, um papel comparável ao que a luta de classes tinha no interior da sociedade europeia-americana. Podemos reconhecer-lhe laços com uma luta mundial contra os privilégios capitalistas.

**

Mas se uma luta nacional pode misturar-se com uma luta de classes, nunca é redutível a esta última, e, se uma luta de nações desfavorecidas contra nações ricas evoca forçosamente um paralelismo com uma luta de classes, não pode assimilar-se a esta. Pode subordinar-se uma à outra durante uma etapa estratégica, mas todo o homem «engagé» deverá fazer, no seu íntimo, uma escolha profunda por uma ordem de prioridade essencial. Querer fugir a isso, como tantos militantes árabes fazem, é expor-se a ser arrastado cegamente por uma dinâmica ideológica que pode ir muito longe.

Isto porque as lutas mais legítimas dão normalmente origem a perniciosas exscrecências ideológicas. O sono da razão engendra monstros, dizia Goya, e a ideologia é necessariamente um sono parcial (pelo menos) da razão.

No mundo árabe surgiram duas tendências diversas visando ambas iludir o conflito profundo entre visão nacionalista e visão universalista e social. De um lado, um nacionalismo puro utilizava justificações de tipo marxista e recrutava apologistas formados pelo marxismo. O desenvolvimento desta tendência era evidentemente favorecido pela intransigência arrogante de Israel, cuja filosofia se inspirava mais no gaulês Brennus que em Isaías. Ai dos vencidos! Estes apologistas afastavam-se do comunismo em cujas fileiras haviam amadurecido, mas que mostrava um passado recente demasiado carregado de pecados contra as aspirações nacionais legítimas, e que no plano de ideias era ainda demasiado fiel ao internacionalismo das suas bases intelectuais e que no plano das táticas se evidenciava tocado pela tradução deste internacionalismo em «sovietocentrismo» (se assim o posso dizer). Todos os regimes na-

cionalistas intransigentes se vêem só por isso coroados da auréola da luta pela sociedade justa que o proletário europeu santificava outrora. O sofisma justificativo não era difícil de encontrar. Já tinha sido arvorado por regimes europeus, que ainda há poucos decénios se haviam qualificado a si próprios de nacionalismos «proletários» em luta contra a plutocracia hegemónica e cosmopolita.

Por outro lado, o esquerdismo internacional, desgostoso, ele também, não sem fartos motivos, com as táticas do mundo comunista, não abandonava com tanta desenvoltura a fixação na luta interna de classes. Denunciava vigorosamente os regimes nacionalistas puros, qualificados de pequeno-burgueses, censurando-lhes, também com bons argumentos, a sua casta burocrática de Estado. Mas nem por isso renunciava à prioridade atribuída à luta nacional. O artifício justificativo consistia aqui em postular a fidelidade intransigente das «massas» à causa nacional, sob a sua forma mais exterminista. As «massas» representam uma entidade cômoda e vaga, de que os práticos marxistas usam e abusam. Portanto, as massas, chegadas ao poder («as massas representam cerca de 5 por cento da população», dizia-me um esquerdista libanês num acesso de lucidez) travariam sem compromisso a batalha contra o «imperialismo». A revolução social é situada numa óptica, na última análise, nacional. Por isso expõe-se a ficar-lhe subordinada.

A dificuldade teórica está em que nenhuma doutrina sólida explica como é que o novo mundo, criado por estas massas, poderia deixar de desembocar na dinâmica das lutas nacionais irreconciliáveis. Marx, pelo menos, dava-se ao trabalho de teorizar a ultrapassagem das lutas de classes pela supressão das classes. Aqueles esquerdistas que adoptam esta posição encontram-se desarmados perante a influência da óptica nacional pura, e são, pouco a pouco, devorados por ela.

O comunismo clássico, de influência soviética, representa, no mundo árabe, e, sem dúvida, noutras latitudes, uma opção média. Sabe manter (pelo menos enquanto o regime comunista não está instalado) uma certa fidelidade à luta social e aos valores universalistas e, ao mesmo tempo, uma apreciação realista do equilíbrio das forças à escala mundial. Estas contestações não implicam nenhuma ilusão. A luta social pode ser manipulada; os valores universais muitas vezes só se conservaram na mesma medida muito fraca em que os prelados batalhadores da



SUDÃO: um forte partido comunista abatido por inépcia de uns tantos

Idade Média e os inquisidores aspiravam ao ideal da doçura e da pobreza evangélicas e o realismo levava, muitas vezes, a sórdidos cálculos «sovietocentristas». Mas devemos deixar para o idealismo juvenil ou para a esclerose ideológica senil a ideia de que uma ideologia pode difundir-se e mobilizar as massas, permanecendo plenamente fiel a si própria como a concepção (recoberta paradoxalmente sob o nome de dialéctica) de uma luta e de um mundo sem contradições profundas.

As contradições explodiram agora do modo mais visível, simbolizadas por uma potência sob o sol de fogo de Cartum. Não receio a maioria dos ideólogos, que certamente vão continuar a encontrar motivos para continuarem a delirar. Um deles, perante as minhas censuras, declarou-me que «era demasiado pobre para deixar de recorrer ao delírio». Como se todas as lutas (e a dos pobres, em primeiro lugar, precisamente por ser o menos difícil) não exigisse um mínimo de lucidez!

Ricos ou pobres, todos têm de encarar as coisas de frente. Não tenho informações especiais sobre os acontecimentos do Sudão. Parece provável que o poderoso P. C. sudanês tenha sido ultrapassado por iniciativas inábeis de militares bem intencionados, mas pouco razoáveis. Os dirigentes aproveitaram-se disso para abaterem o P. C. Muitos depressa se conformaram com o caso, pensando que Abd el-Khalek Mahjoub era um chefe «estalinista». Não tenho nenhuma ternura pelo estalinismo. Mas não foi pelos crimes de Estaline nem sequer por uma eventual obediência brejneviana que ele foi enforcado. Foi enforcado por representar uma opção que dá prioridade à luta social e a uma abertura universalista, isto é, menos predisposta a recorrer aos alibis mortais do chauvinismo para mascarar os problemas reais. Entre outros, evoca-nos o suplício paralelo de Joseph Garang, comunista, campeão dos direitos das tribos do Sul. Um dia virá em que a união fraterna na morte do árabe do Norte e do negro do Sul servirá de símbolo. Ninguém sabe o que eles fariam, se tivessem chegado ao poder. Mas os mártires têm o direito de ser julgados como Jesus pelo balanço da sua vida e só por isso.

**

O nacionalismo árabe encontra-se perante dilemas, que as forças não poderão resolver. O bloco dos militares no poder no Egipto, Líbia

e Sudão não é a pedra angular dum Estado unitário cujo superarabismo resolveria mágicamente todos os problemas. É apenas a união conjuntural de equipas agrupadas provisoriamente por uma orientação mais ou menos paralela perante problemas mais ou menos comuns e análogos. Esta união só pode desejar a paz e só pode obter esta paz em condições relativamente honrosas se contar com o auxílio soviético, — que lhes garanta uma capacidade defensiva suficiente — e com o auxílio americano — que pesa sobre a intransigência israelita. Pretende manter um domínio de classe que representa na economia (é a isso que chamam socialismo) com uma abertura maior ou menor, segundo o país em questão a economia liberal de efeitos tão sedutores para esta classe. Quer também manter o poder das equipas assim representadas sem o partilhar com outras equipas tácticas ou ideologicamente ligadas a Moscovo.

Daí a necessidade de uma política retorcida e complexa a dois (ou mais) níveis de discurso. Manter uma intransigência verbal tanto no plano nacional como no plano social, aguardando as concessões necessárias, lutar, brutal ou subtilmente, contra toda a tendência para desencadear lutas internas ou para subordinar o combate nacional seja ao que for. Manter, no entanto, o apoio, benevolente ou constrangido dos soviéticos. Tarefa difícil de equilibrar expostos constantemente à queda.

Os perigos ideológicos não são menores. Contra o esquerdismo e o comunismo, só há dois abrigos, no plano ideológico: o nacionalismo e a religião que, no Islão de hoje, é, em si mesma, uma forma de nacionalismo. Mas não se podem fixar facilmente limites à força do fanatismo nacional. A evolução para a direita é quase fatal. O chauvinismo tacanho, o obscurantismo medieval, a demência sanguinária dos coronéis, e a degenerescência moral e intelectual desses árabes ex-marxistas que se deixaram apanhar no jogo dão-nos já uma imagem muito clara dessa evolução para as direitas.

«Não pintem o nacionalismo de vermelho», já dizia Lenine a Zinoviev e seus companheiros quando iam pregar o Jihad a Bakov, em 1920. A legitimidade das lutas nacionais não está em causa, mas o perigo é demasiado grande para que o possamos esquecer. Talvez um dia, num derradeiro sobressalto de consciência marxista, alguns se venham a recordar da força de Mahjoub «uma força solitária donde pendia a imagem deles».

OS D. S. R. V., PRIMEIROS SUBMARINOS DE SALVAMENTO

E. U.

Por DOMINI

Em 1 de Maio de 1971, era lançado à água, em San Diego, na Califórnia, um pequeno submarino de 15 metros de comprimento e com o peso de 32 toneladas; um primeiro submersível deste tipo tinha já sido lançado à água em 24 de Janeiro de 1970. Estes dois barcos não chamariam a atenção se não se tratasse dos dois primeiros e únicos submarinos de salvamento existentes em todo o mundo. A sua construção foi decidida, em 1966, pela marinha americana Designados por D. S. R. V. (Deep submergence rescue vehicle: veículo de salvamento a grande profundidade) a sua missão é trazer à superfície, sãos e salvos, os 150 homens que constituem a tripulação de um submarino nuclear.

De todos os submarinos desta envergadura, os D. S. R. V. são os mais complexos até agora construídos. Cade e aperfeiçoados pelo «Massachusetts Institute of Technology» que já imaginara a electrónica da cabina «Apolo», os de bordo do D. S. R. V. basear-se-ão, em larga medida, na tecnologia desenvolvida para os engenhos espaciais. As experiências serão, aliás, extremamente demoradas.

As que se realizaram com o primeiro submarino início em Outubro último, sob a direcção da firma «Lockheed» que construiu os dois barcos. Vão agora, ser continuadas pela marinha americana. O D. S. R. V. 1 poderia tornar-se operativo em fins de 1972 ou princípios de 1973, e o segundo algum tempo mais tarde.

SOCORRER 150 HOMENS A CERCA DE 1100 METROS DE PROFUNDIDADE

calização instalados a bordo entram em acção a fim de localizarem com extrema precisão os destroços. O D. S. R. V. tem, então, o seu primeiro encontro debaixo de água: aproxima-se dos destroços e pouso o seu sino de junção precisamente por cima da escotilha; a tripulação do submarino sinistrado passa então para o D. S. R. V. Este regressa à superfície e leva a efeito um segundo encontro, desta vez com o submarino transportador, o qual não cessou de cruzar por cima da zona do acidente, aguardando os tripulantes salvos.

Na realidade, o D. S. R.

V. é tão pequeno que apenas pode transportar vinte e quatro homens de cada vez para salvar toda a tripulação de um submarino nuclear, deve efectuar sete viagens de ida e volta entre os destroços e o submarino comboieiro, cada uma com a duração de cerca de três horas. A duração total da missão não deveria ultrapassar vinte e duas horas; aliás, o D. S. R. V. apenas possui a bordo, como fonte de energia, duas baterias, com uma duração de funcionamento de oito horas a velocidade de 8,6 km/h.

Quando a marinha ame-

cana pôs o programa em execução, previa que o veículo desceria até 1800 metros e que seriam construídas cinco unidades semelhantes, o que lhe deveria ter permitido intervir em menos de vinte e quatro horas em qualquer ponto do globo onde um submarino se encontrasse em dificuldades. Hoje em dia, o programa, que de 119 milhões de dólares, em 1965, passou para 450 (2500 milhões de francos), apenas compreende dois D. S. R. V.; o primeiro custou 41 milhões de dólares e o segundo 20. O resto do dinheiro foi gasto no estudo e desenvolvi-

Em 10 de Abril de 1968, um submarino nuclear americano «Thresher» desapareceu com cento e vinte e nove homens a bordo, acabando por encalhar a cerca de 600 metros de profundidade. Um relatório elaborado após o acidente revelou que, mesmo que o submersível tivesse encalhado apenas a cerca de 900 metros de profundidade, a tripulação, segundo todas as probabilidades, não teria podido ser salva. Foi o desaparecimento deste submarino que levou a marinha americana a elaborar um vasto programa em cinco pontos: os dois projectos principais deste programa eram «O homem no mar» — trata-se das experiências «Sealab» — e «Os veículos de salvamento a grande profundidade».

A missão particularmente delicada confiada ao D. S. R. V. — salvar os membros da tripulação de um submarino nuclear em dificuldades — exige duas condições prévias:

● O submarino deve encontrar-se encalhado a uma profundidade inferior à que em que a pressão da água se torna tão grande que o casco é esmagado, aproximadamente a 600 metros. Não era, portanto, necessário que os D.S.R.V. pudessem descer abaixo dos 1500 metros, e na prática, não deveriam ultrapassar os

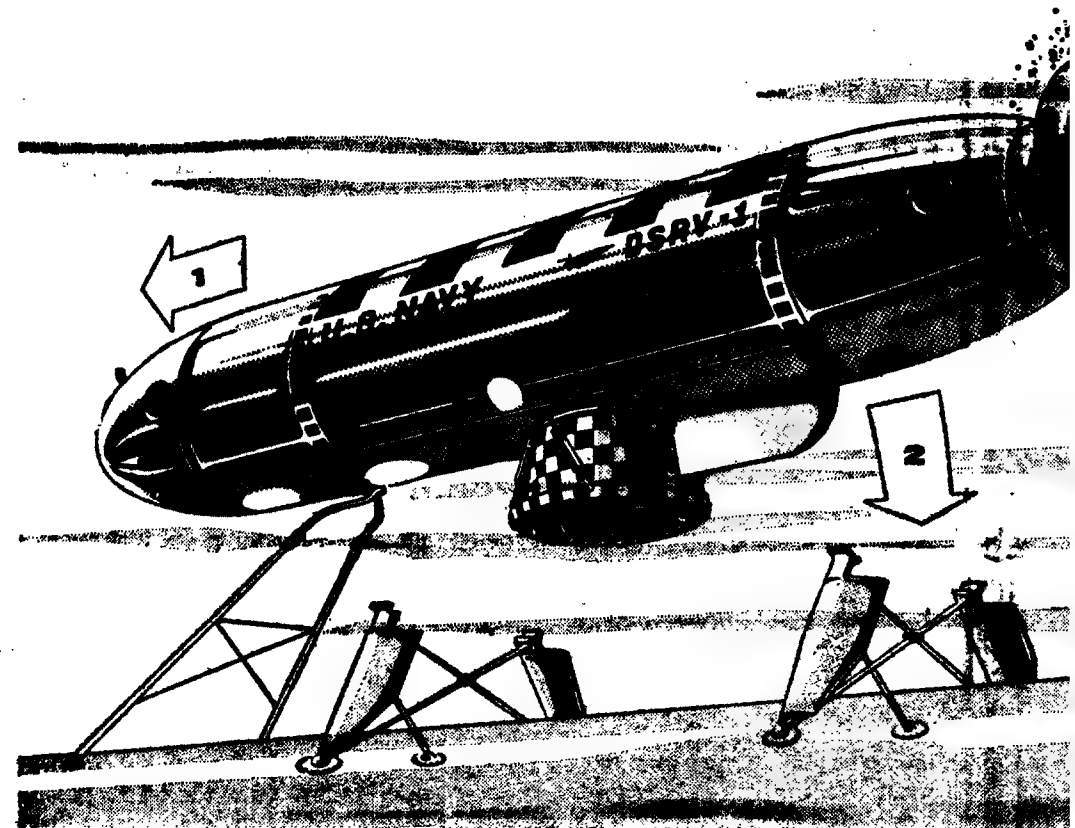
1100 metros. Efectivamente, o segundo submarino nuclear americano, o «Scorpion», dado como desaparecido em 27 de Maio de 1968, afundara-se a uma profundidade ainda maior — 3000 metros — do que o «Thresher».

● O D. S. R. V. deve chegar junto do submarino em dificuldades pouco tempo após a avaria ou acidente, antes de o ar faltar a bordo. Este facto explica a necessidade de localizar os destroços, chegar junto deles e salvar toda a tripulação num espaço de tempo inferior a cinquenta horas após o afundamento. Ora, o D. S. R. V. tem uma velocidade máxima de 8,6 km/h (5 nós); não se pode, portanto, pensar em fazê-lo chegar ao local do acidente pelos seus próprios meios, a menos que a avaria se verifique muito perto da costa. É preciso transportá-lo o mais rapidamente possível ao local do acidente.

Daí a sequência das operações imaginadas pela marinha americana. Logo que um submarino nuclear é dado como desaparecido, o D. S. R. V. é colocado sobre um rebocador, é primeiramente embarcado num avião de carga C-141 e transportado pelo ar para o porto mais próximo do sinistro. Dois outros aviões

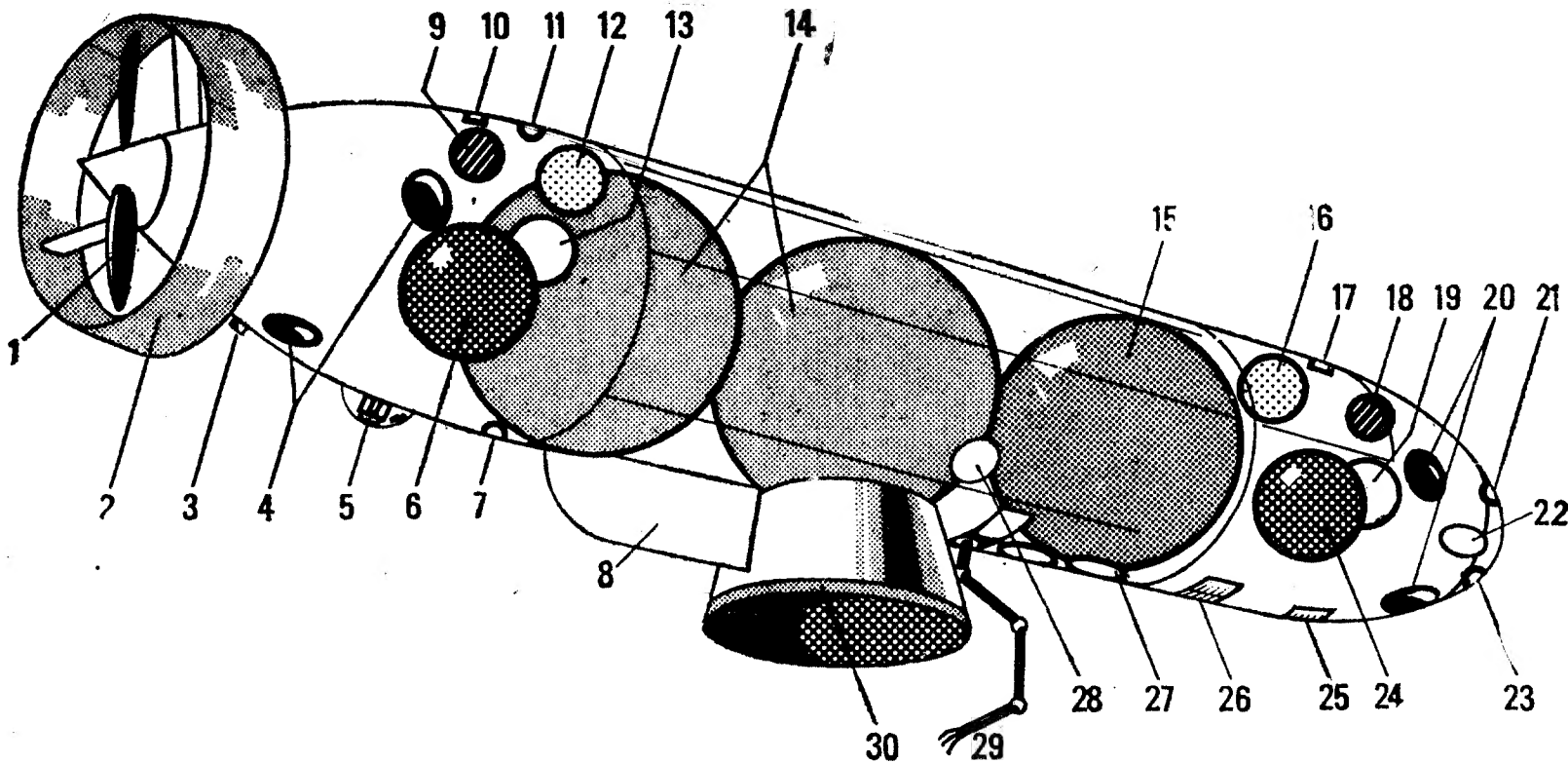
C-141 trazem, o primeiro, o rebocador, a cobertura de protecção, o leme, e o segundo, um camião de equipamentos complementares com baterias para recarregar as do D. S. R. V., um gerador de electricidade, peças sobresselentes, garrafas de oxigénio e de azoto... Simultaneamente, um submarino especialmente equipado é desviado da sua rota e enviado para o mesmo porto; aí embarcará, graças a um dispositivo especial (ver desenho acima), o D.S.R.V., que transportará debaixo de água para o local provável do sinistro, à velocidade de 27 km/h.

Este submarino transportador (chamado «mother sub» pelos americanos) é quase tão essencial como o D. S. R. V. para a missão de salvamento; de futuro, os dois submersíveis vão trabalhar em conjunto. O submarino transportador auxilia, em primeiro lugar, o D. S. R. V. a localizar o submarino em dificuldades, o qual, em princípio, largou uma bóia no momento do acidente; aviões previamente chegados ao local tentaram localizar a bóia. Em seguida, é a vez de o D. S. R. V. agir: desembarca-se do seu «berço» e inicia a descida em direcção aos destroços à velocidade de 4,5 km/h. Simultaneamente, os sistemas electrónicos de lo-



O D.S.R.V. fixa-se ao submarino comboieiro, após deixar os destroços e subir à superfície. Esta acostagem é particularmente delicada, em virtude de os dois veículos se encontrarem em movimento; o submarino comboieiro desloca-se à velocidade mínima de 2,7 km/h, enquanto que o D.S.R.V. chega acima dele à sua velocidade máxima de 8,6 km/h. (para economizar a electricidade de bordo) e o ultrapassa, após o que diminui a velocidade e tenta ligar uma

espécie de gancho no trapézio erguido do submarino comboieiro (fase 1). Nesta manobra, o D.S.R.V. retilineia sobre as duas estruturas metálicas e «berço» do submarino «transpassa». Quando pretende partir de novo, eleva sobre o «berço» e começa a avançar, o gancho se separa do trapézio.



COMO UMA CABINA ESPACIAL...

Com o comprimento de 15 metros e um diâmetro de apenas 2,4 metros, o D. S. R. V. pesa, fora de água, 32 toneladas.

Sentados diante de um quadro de bordo copiado do das cabinas «Apolo», dois homens da tripulação pilotam o D. S. R. V. na cabina da frente (15); as duas outras cabinas esféricas (14), muito exíguas, podem abrigar, cada uma, outro membro da tripulação e doze náufragos.

Um dos principais problemas dos submersíveis de grande profundidade foi sempre o seu peso. Os batiscafos — por exemplo o «Trieste» — que tem de atingir profundidades muito grandes e suportar pressões extremamente fortes, possuem um casco muito resistente. O casco de pressão — com um peso superior à água que desloca — é, portanto, muito pouco manejável. Por conseguinte, devem estar munidos de uma grande quantidade de material mais leve do que a água — uma espécie de grande flutuador. Para os pequenos submarinos de pressão construídos actualmente, como o D. S. R. V., fazem-se, hoje em dia, cascos de pressão duas vezes menos pesados do que o peso da água que deslocam, o que torna o engenho muito mais manejável a grande profundidade.

O D. S. R. V., o casco de pressão que desce, a 1500 metros de profundidade, resiste a uma pressão de 150 quilos por centímetro quadrado, é formado por três esferas. Depois de ter considerado o emprego do titânio, «Lockheed» optou por um aço especial. Os sistemas de bordo continuam a ser pesados, pelo que se torna necessário prever uma pequena quantidade de material de flutuabilidade (mascos plásticos de alta densidade). Por outro lado, o D. S. R. V. está equipado com dois pequenos reservatórios de balastro variáveis (12 e 16).

A água penetra entre os três compartimentos e o casco exterior, o qual suporta, portanto, uma pressão idêntica sobre as duas faces; pode, por conseguinte, possuir uma forma hidro-

dinâmica e ser fabricado numa material muito menos resistente, um plástico armado em fibras de vidro (deve, todavia, suportar o choque das vagas quando o D. S. R. V. é transportado pelo submarino).

A ACOSTAGEM

O D. S. R. V. deve poder atracar a um submarino em dificuldades, mesmo que este se encontre num fundo marinho inclinado a 45 graus ou esteja ele próprio deitado sobre o seu flanco a 45 graus. O facto explica a grande capacidade de manobra exigida do engenho, o qual comporta, como uma cabina espacial e outros pequenos submarinos de pesquisas, um sistema de comando de posição graças a quatro reservatórios especiais (9, 18, 19 e 20) situados à proa e à popa do submarino e a um sistema de propulsão duplo.

O D. S. R. V. possui, também, tal como uma cabina «Apolo», um sistema de propulsão principal — uma hélice clássica (1) rodeada por uma protecção (2) inclinável para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita — e um sistema secundário de propulsão muito preciso: dois pequenos propulsores (um motor eléctrico ligado a uma hélice) encontram-se situados no centro de dois túneis que vão de um lado ao outro do casco e podem expulsar a água quer lateral, quer verticalmente (4 e 20); permitem ao D. S. R. V. deslocar-se à velocidade de 1,8 km/h.

Quando o D. S. R. V. desce ou volta à superfície (fase de cruzeiro), é comandado por um piloto automático e apenas utiliza a hélice e o leme (8). Os pequenos propulsores por jactos só funcionam no momento em que efectua uma acostagem, o que lhe assegura seis graus de liberdade. É então que o D. S. R. V. necessita de toda a sua agilidade para não falhar a manobra. Admitindo, por exemplo, a possibilidade de existir nas proximidades do submarino uma corrente de 1,8 km/h, esta corrente será desviada do submarino, de ambos os

lados do qual se encontram as escotilhas de salvamento.

ALTA PRECISÃO

Se a corrente for inclinada em relação ao eixo do submarino, empurrará o D. S. R. V. de lado, se a corrente for paralela ao submarino, o D. S. R. V. encontrará-se no sulco de turbulência criado pela torre; se procurar pousar sobre a es-

cotilha da proa e se visar a escotilha da popa será empurrado contra a torre... Por outro lado mesmo que a corrente não exista verificar-se-á sempre um efeito de sucção entre os dois veículos à medida que o D. S. R. V. se aproximar da escotilha.

No momento da acostagem e do alinhamento sobre a escotilha que deve fazer-se com uma precisão de 2,5 cen-

tímetros a velocidade do D. S. R. V. pode ser ainda de 60 centímetros por segundo; um anel metálico (30) montado sobre um amortecedor e situado em redor do sino de junção absorverá o choque. A água será então bombeada do sino de junção para dentro de dois reservatórios de transferência (6 e 24) e depois quando o D. S. R. V. partir será reenviada para o interior do sino.

ENCONTRO NO FUNDO DO MAR

Quando um veículo leva a efeito um encontro no espaço ou debaixo do mar deve poder cumprir cinco funções: o comando dos movimentos do veículo; a navegação — o veículo deve saber onde se encontra relativamente ao engenho ao qual vai atracar; a percepção — o veículo deve determinar a geometria e as descontinuidades do meio em que evolui e detectar os obstáculos e o engenho que procura; as comunicações; a pressão — o veículo deve poder estabelecer ou cortar os laços físicos que o ligam a um outro veículo ou desembaraçar-se de objectos estranhos.

Todavia, o espaço e o mar são meios tão diferentes que estas diversas funções não podem ser asseguradas da mesma maneira, sobretudo a percepção e as comunicações. No espaço, os telescópios e as vigias permitem facilmente observar o meio ambiente e descobrir o objecto procurado; no fundo dos mares, em contrapartida, a visibilidade não ultrapassa algumas dezenas de metros, mesmo com projectores potentes. Enquanto que, no espaço, os sinais de rádio percorrem distâncias imensas sendo relativamente pouco enfraquecidos, na água do mar o seu alcance é muito limitado (o mesmo acontecendo com o dos si-

nais acusticos) em virtude de fenómenos de enfraquecimento e da dispersão.

TRES SISTEMAS DE NAVEGAÇÃO

Mesmo a navegação, a qual, todavia, recorre a sistemas baseados no mesmo princípio no espaço e debaixo de água, torna-se mais delicada no fundo dos mares. O D. S. R. V. não só não pode orientar-se regularmente em relação às estrelas e regular os seus sistemas de bordo a fim de evitar que os erros se acumulem, mas também lhe é impossível contar com um navio de superfície para determinar a sua posição. Por este motivo, recorre a três sistemas de navegação diferentes.

Em primeiro lugar, encontra-se equipado com um sistema por inércia: dois acelerómetros medem as suas acelerações e três giroscópios os seus movimentos em três direcções. O terceiro acelerómetro é substituído por sonares de altitude (7) e de profundidade (11) que fornecem a terceira coordenada (ver o esquema acima à direita). Medindo o tempo de ida e volta dos sinais dos sonares no fundo do mar e à superfície da água, obtém-se uma medida da distância do D. S. R. V. em relação ao fun-

do e à superfície. Se se medir a aceleração do engenho numa direcção dada pelos giroscópios, determina-se a sua velocidade, e, conhecendo-se a sua posição de partida, calcula-se a sua trajectória. Mas a actual precisão dos sistemas por inércia, cerca de um quilómetro por hora, é extremamente reduzida para as necessidades da missão. É quase um sistema inútil.

O segundo sistema de navegação é, felizmente, mais preciso: um sonar Doppler (5) emite quatro feixes de sinais em direcção à proa e à popa do engenho; como o D. S. R. V. está em movimento, a frequência do sinal reflectido pelo fundo do mar é diferente da frequência de emissão (efeito Doppler). Com quatro feixes de sinais conhece-se a velocidade horizontal, vertical e lateral do engenho, num sistema de referência ligado a este último; mas é ainda necessário efectuar um segundo sistema de referência, fornecido pelos giroscópios do sistema por inércia, que sabem em qualquer altura como o engenho está orientado. Caso se pretenda detectar o sinal reflectido, a frequência escotilha deve ser bastante

Cont. na pág. seguinte

U. A.

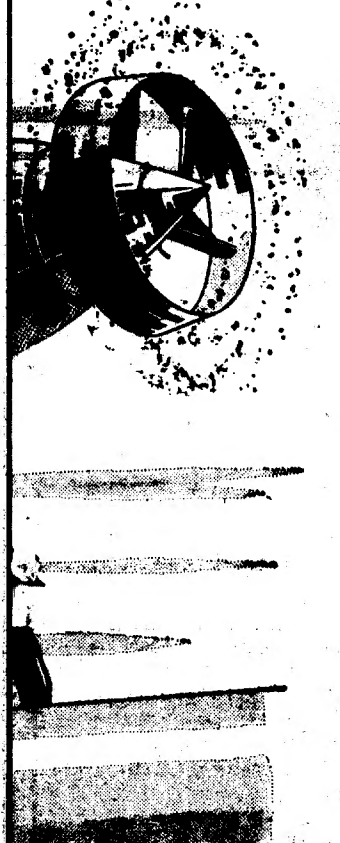


MINIQUE VERGUÈSE

os dois D. S. V. Concebidos f Technology, », os sistemas lida, na tecno- s experiências

arino tiveram a «Lockheed», tinuadas pela se operacional o alguns meses

mento dos sistemas de bordo, bem como para equipar dois submarinos nucleares comboieiros, modificar os submarinos nucleares a fim de que se torne possível uma acostagem e construir dois navios de superfície de apoio logístico (os quais podem transportar a bordo dois D. S. R. V. com as peças sobresselentes e dirigir um salvamento). Há quatro meses e meio, o D. S. R. V.-1 realizou o seu primeiro encontro experimental a cerca de 48 metros de profundidade; outras experiências permitiram-lhe mergulhar a 1100 metros de profundidade.



erguido sobre o dorso e 1). Levada a efeito lentamente e pousa álicas que constituem transportador (fase 2). ro, eleva-se lentamente avançar a fim de que

ENCONTRO NO FUNDO DO MAR

Cont. da pág. anterior

baixa e o engenho deve encontrar-se a menos de 150 metros do fundo. Por outro lado, ruídos parasitas provocam sempre erros nos cál-

culos — cerca de três metros por hora.

Isto explica a existência de um terceiro sistema de navegação — o das bóias acústicas — só ele é capaz de proporcionar a precisão

necessária de alguns metros. O navio de superfície de apoio logístico ou o D. S. R. V. largam na zona do acidente algumas bóias cuja ancora desce até ao fundo do mar, mas que, munidas

de emissores-receptores, voltam a subir até aproximadamente 100 metros do fundo. Um sonar (25) a bordo do D. S. R. V. interroga estes emissores-receptores separados de 2 a 5 quilómetros, e

calcula-se a distância do engenho em relação a, pelo menos, três bóias. Para encontrar o submarino nuclear «Scorpion», perdido em 1968, o engenho «Trieste», que desceu a 3000 metros de profundidade, operou deste modo com três bóias acústicas.

Como é evidente, não são os homens que fazem todos os cálculos da trajetória e

de posição do veículo: um calculador de bordo, análogo aos das cabinas «Apollo» (30 quilos) encarrega-se do trabalho; como acontece a bordo das cabinas espaciais, o calculador apenas concede dados uma certa confiança e trata-os em função dos erros intrínsecos que contém.

A DESCIDA

O encontro verificar-se-á da maneira seguinte: ao começar a descida em direcção ao submarino, o D. S. R. V. liga os seus hidrofonos a fim de escutar os sinais dos sinistrados, e o seu telefone submarino (3). Desce segundo uma trajetória em espiral, programada, ajustando constantemente o seu lastro às alterações de pressão e densidade da água. O comando do sistema principal de propulsão, tal como o comando de orientação do engenho, é assegurado pelo piloto automático, munido de três giroscópios trabalhando independentemente da central por inércia. Um sonar vertical (21) e um sonar horizontal (22) de detecção de obstáculos entram então em funcionamento: com os seus feixes de ondas acústicas, varrem a água horizontal e verticalmente; se forem reflectidos sinais em direcção ao D. S. R. V., isso indica que se encontra um obstáculo no caminho.

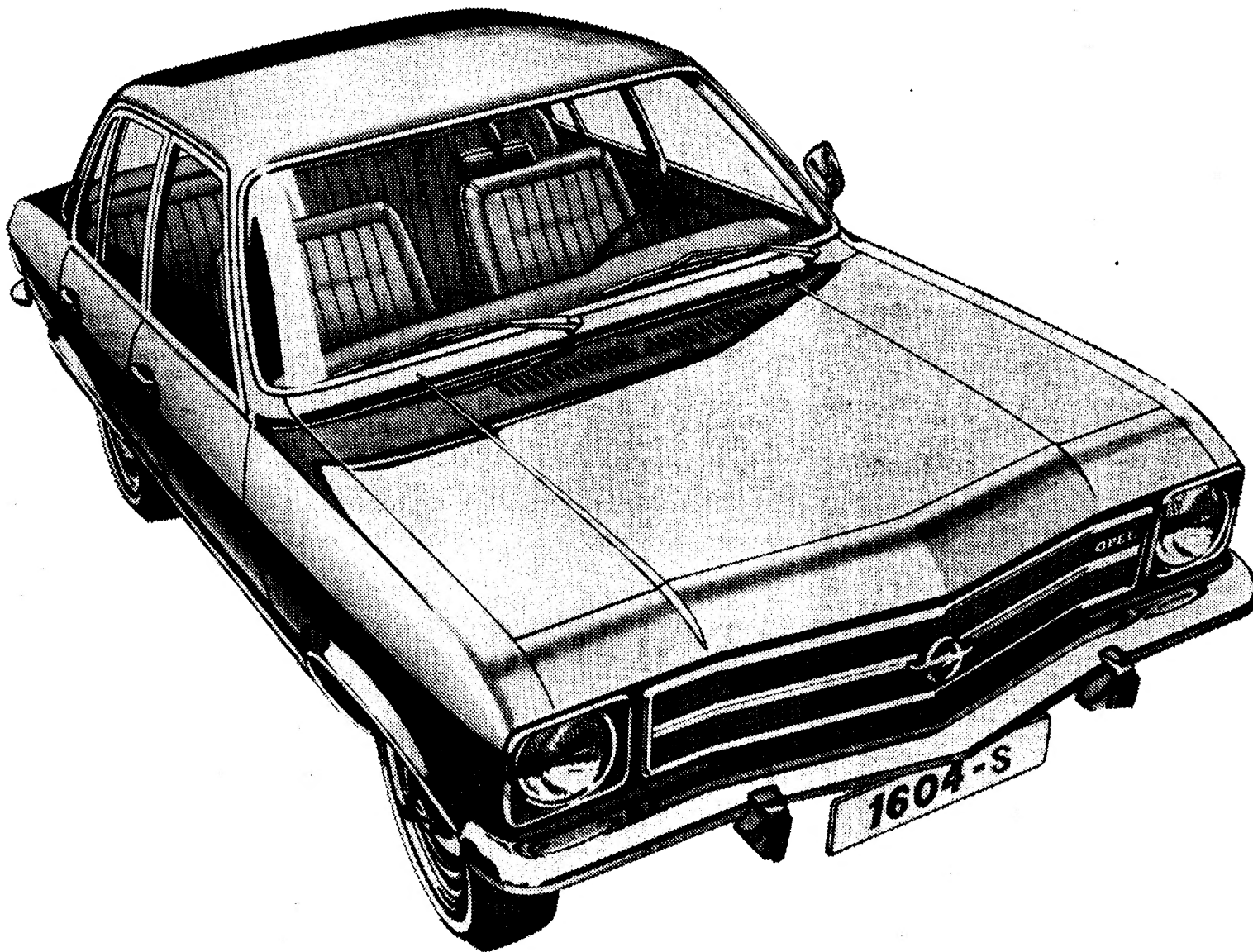
Chegado próximo do fundo, o piloto liga o sonar Doppler e um sonar do fraco raio de acção abrigado no sino de junção. É a estes dois sonares que cabe o papel de localizar o submarino em dificuldades. Uma vez feita esta localização, é ainda preciso encontrar a escotilha. Quando a água não permite a utilização dos projectores (23 e 28) e das câmaras de televisão (10, 17, 26) o sonar de curto raio de acção percorre a água por meio de dois feixes paralelamente ao eixo do D. S. R. V. e numa direcção perpendicular com uma resolução de 4,5 metros primeiro, e, depois, de 4,5 metros.

Quando o D. S. R. V. se encontra mesmo por cima do submarino, todos os projectores, incluindo o que se situa no dispositivo de junção, tentam iluminar os destroços e as câmaras de televisão retrácteis e móveis — não podem ver para além de 10 metros — saem para a água, particularmente duas câmaras colocadas sob o D. S. R. V. (26), junto de um braço manipulador (29). Com o auxílio deste braço o trabalho diante de um «écran» de televisão, ou olhando através da sua visão (27), o piloto do D. S. R. V. pode cortar o cabo da bóia largada pelo submarino sinistrado, a qual poderia incomodá-lo. Depois, verifica-se a acostagem, devendo a orientação do D. S. R. V. fazer-se com uma precisão de mais ou menos dois graus.

CAMINHOS DE FERRO

Comunica-nos a CP, que graças a acordos estabelecidos com os Caminhos-de-Ferro Franceses e Ingleses, podem reservar-se em Portugal lugares para carros, autocarros e passageiros nos Car-Ferries e Hovercraft («barcos-voadores») que asseguram a ligação Continente/Inglaterra/Irlanda e vice-versa, através do Canal da Mancha, quer os interessados sigam no Auto-Expresso Lisboa/Paris, quer desejem apenas a ligação cidade.

Opel 1604 S



● **NOVO ESTILO OPEL** — puro e harmonioso, desde a grelha negra ao pára-choques traseiro. Um estilo que agradará amanhã, tanto como hoje.

● **SUSPENSÕES INTEIRAMENTE NOVAS** — molas helicoidais de acção progressiva e barra estabilizadora de torção, à frente; tirantes longitudinais, tensor de segurança, estabilizador de torção e amortecedores telescópicos verticais, atrás — conforto em qualquer piso, aderência perfeita e estabilidade incomparável.

● **MOTOR DE 1548 cc** — desenvolvendo 92 HP de potência às 5800 r.p.m. — árvore de cames à cabeça, para

comando mais directo, com menos peças em movimento e menor desgaste; cambota com cinco apoios para maior duração e funcionamento mais equilibrado.

● **TRAVÕES** — hidráulicos de circuito duplo, de disco à frente e polias atrás, assistidos por servo-freio — menos esforço para travar em menor espaço.

● **ARRANQUE RÁPIDO** — 14,5 seg. de 0/100 Km/h; facilidade de condução no trânsito; margem extra de segurança nas ultrapassagens.

● **CONSUMO E MANUTENÇÃO** — incrivelmente económicos, na boa tradição Opel.

2 PORTAS — 4 PORTAS — VOYAGE

Peça uma demonstração ao seu Concessionário Opel.



Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em toda a rede

Opel. Sempre mais carro pelo seu dinheiro.

Concessionários OPEL em Lisboa: **LICAR, S.A.R.L.** Av. Casal Ribeiro, 48 A * **SOREL, S.A.R.L.** R. Tomaz Ribeiro, 97 A



O PRESIDENTE KENNEDY FOI AVISADO DO PERIGO

DALLAS



Por JULIUS WITCEUR

QUE CORRIA SE VISITASSE DALLAS

WALTHAM (Massachusetts) — Soube-se, pela leitura dos documentos relativos aos Anos Kennedy e agora postos à disposição dos investigadores pela Casa Branca, que o presidente John Kennedy foi advertido, com bastante antecedência dos perigos pessoais e políticos em que incorria, se insistisse em visitar o Texas, no mês de Novembro de 1963.

Esses documentos que se encontram guardados nas instalações provisórias, da Biblioteca John Kennedy indicam que o presidente começou a pensar na sua visita ao Texas logo no mês de Junho de 1962. Os democratas do Estado do Texas encontravam-se então enredados numa luta interna entre duas facções do Partido: uma encabeçada pelo governador John Connally, aliado do então vice-presidente Lyndon Johnson, e outra, encabeçada pelo senador Ralph Yarborough, grande inimigo de Johnson.

(Lembre-se, a propósito, que Connally foi atingido quando viajava no carro presidencial em Dallas e é actualmente secretário do Tesouro da Administração Nixon).

No dia 5 de Junho de 1963, Kenneth O'Donnell, assistente especial do presidente, escreveu uma carta a Byron Skelton, o comissário nacional do Partido Democrático no Texas, anunciando-lhe que o presidente «esperava efectuar uma visita ao Texas, daí a meses, e estamos a trabalhar neste projecto, com o vice-presidente».

Como se deduz da leitura destes documentos o presidente Kennedy procurava levar a cabo uma política de firmeza em relação às duas facções democráticas que se guerreavam no Texas. O clima público do Texas era de grande tensão, em parte como reflexo da luta que dividia os democráticos. No mês de Outubro o embaixador dos E.U.A. junto da ONU, Adlai Stevenson, tinha sido atacado em Dallas. Numa carta datada de 28 de Outubro e dirigida ao secretário de Imprensa do presidente, Pierre Salinger, a senhora Nelle Doyle, de Dallas, referia-se a esse incidente e escrevia:

«Embora não me considere uma alarmista, espero que o presidente seja dissuadido de aparecer em público na cidade de Dallas. O meu desejo de o ver e de o ouvir é tão grande como o desejo de que ele não venha ao Texas.

«Estes vingativos mafiosos de Dallas estão desvariados e furiosos porque o seu ataque do dia 24 contra o embaixador Adlai Stevenson lhes saiu pela culatra. Ouvi dizer que alguns deles apregoam que isto foi apenas o começo.

«Não há polícias, soldados nem milícias por mais numerosos que sejam, capazes de controlar isto, sr. Salinger. Este pensamento horroriza-me, mas ninguém pode esquecer o destino do presidente McKinley (assassinado em 1901). Esta gente é louca ou está enlouquecida e sou de opinião de que não devemos

esquecer que as suas acções futuras são imprevisíveis».

No dia 8 de Novembro, isto é, duas semanas antes do assassinio do presidente, Salinger escreveu à sr.^a Doyle.

«Agradeço imenso a sua carta de 20 de Outubro. Penso que seria profundamente lamentável haver nos E.U.A. uma cidade que o presidente não pudesse visitar. O presidente espera decerto poder ir a Dallas: se o não puder fazer agora, decerto o fará no futuro».

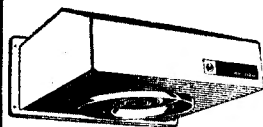
A correspondência referente aos acontecimentos que culminaram com a morte do presidente é uma diminuta parte dos 3,3 milhões de documentos que abrangem 62 diferentes categorias de assuntos e que agora foram postos à disposição de estudantes, professores e outros investigadores.

Cerca de cinco por cento dos papéis de Kennedy na Casa Branca continuam vedados ao público, por razões de ordem pessoal. Mas não existem quaisquer documentos que tenham de manter-se secretos por motivo de segurança nacional.

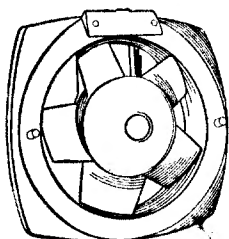
Os documentos estão agora guardados no Centro Federal de Registo, juntamente com recordações várias do presidente Kennedy, tais como a cadeira de balanço que ele utilizava no seu escritório da Casa Branca e muitos quadros e esculturas. Tudo isto será transferido para a Biblioteca John Kennedy de Cambridge, Massachusetts, cujas instalações começarão a ser construídas no ano que vem.



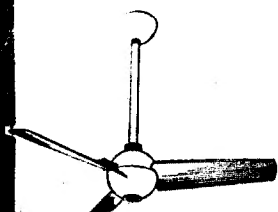
VENTOINHA DE MESA



MINI-HOTTE



EXAUSTOR



VENTILADOR DE TECTO

TUDO EM VENTILAÇÃO



IMPORTADOR
ELMA, L. Porto-Lisboa

O POETA E O COMISSÁRIO

HAVANA



Por JUAN ARCOCHA

Acaba de se passar em Cuba uma coisa muito grave: o poeta cubano Heberto Padilla fez autocritica, renegou a sua obra e, acima de tudo, acusou K. S. Karol e René Dumont de serem «agentes da C. I. A.».

Conheço Heberto Padilla há doze anos. Trabalhámos no mesmo jornal, travámos as mesmas lutas; durante um ano, em que vivemos ambos em Moscovo, fui recebido, quase todos os dias, no seio da sua família, que me considerava mais um irmão do que um amigo. Em Padilla admirei sempre o talento do poeta e a honestidade, a lucidez, a coragem e o sentido de justiça do homem. Tudo isto me permite afirmar, com a morte na alma, que esta autocritica não pode ter sido assinada senão numa única circunstância: sob tortura.

Só uma violência a tão repugnante grau pode ter forçado esse poeta reparador de «venturosos» a renegar uma obra poética de que estava firmemente convencido ser a melhor contribuição que poderia oferecer.

Os que leram «Fora de jogo», a recolha de poemas que estão na origem das dificuldades actuais, terão, sem dúvida, sentido a angústia do poeta, que via formigar, à sua volta, os oportunistas, os burocratas, os esbirros — os únicos atacados nos seus poemas.

Não, Heberto Padilla não pode ter renegado a sua obra, pois seria renegar-se a si próprio como homem.

Não pode ter assinado, de livre vontade, esta acusação demencial dirigida contra um dos seus melhores amigos, K. S. Karol, nem a que diz respeito a René Dumont, com quem Padilla nunca se encontrou. Karel, bem entendido, saberá compreender, tal como eu compreenderia se Padilla assinasse, amanhã, uma outra declaração em que me acoisasse de agente da C. I. A. Não me mostraria ressentido.

E porque conheço Heberto Padilla, repito que uma única violência o poderia levar a isso: a tortura.

Ao escrever os seus poemas, Heberto Padilla, no entanto, tinha consciência dos riscos que corria, seguinte, a não ser sob coacção.

Mesmo assim, foi preciso um longo mês para que Heberto Padilla assinasse a sua confissão. Tremo ao pensar nas horas de interrogatório que passou na companhia do comissário. Tremo, também, quando penso nos «outros intelectuais» cubanos que, segundo Fidel Castro, estariam comprometidos no caso Padilla. Já vimos, noutros lugares, até onde podem levar semelhantes procedimentos.

Não se consentiu ao poeta o reparar «venturosos». Foi o comissário a ganhar.

*) Romancista cubano, antigo colaborador do jornal «Revolución», de que foi correspondente em Moscovo. Foi o intérprete de Jean-Paul Sartre quando este visitou Cuba. Abandonou o país, sem romper com as autoridades cubanas.

RIO DE JANEIRO



SOB A NUDEZ FORTE DA... ETC.

Por CHIANCA DE GARCIA

VERDADE — 1

Como o leitor sabe (ou se não sabe fica sabendo agora) um grupo de cientistas soviéticos descobriu, agora, que a existência do homem pode facilmente estender-se à faixa dos cem ou cento e vinte anos. E juram que vai dar certo. Na Rússia parece que a hipótese foi recebida com entusiasmo (talvez relativo). Em outros países não sei. Dizem as gazetas que, nos Estados Unidos, o problema (porque é na verdade um problema) foi encarado com desconfiança.

VERDADE — 2

Aqui no Rio de Janeiro desencadeou, simultaneamente, ondas de aplauso e de indignação. Por isso, Ipanema, bairro que no arquipélago carioca representa a ilha do faz-de-conta intelectual, resolveu promover uma espécie de plebiscito, onde, a favor ou contra, cada um pudesse dar a sua dica. Marcaram a data. Copacabana aderiu, mas avisando logo que não ia em babados. Já no tradicional bairro da Tijuca, onde o espírito de família forma a ilha grande da veneração ao passado, a ideia dos russos foi considerada genial (embora no mais a população seja em tudo e por tudo honestamente anticomunista) tendo mesmo afirmado uma veneranda e aristocrática senhora:

— De os homens de sessenta anos que nos governam, estão erguendo tão nobremente o nome do Brasil, porque não haveremos de os aceitar por mais sessenta, se for possível conservá-los na flor da idade, e no espírito revolucionário?

— Viva o cidadão de cento e vinte anos! Mas, na zona sul, berram os adversários: — Todo o homem de mais de trinta e cinco anos, é uma exerecência!

VERDADE — 3

E foi assim que a beira da lagoa Rodrigo de Freitas (você conhece dos cartões postais, não é, Zulmira?) foi instalado o plebiscito:

— Quem é contra? Quem é a favor? Indagam os interessados: — E como podemos defender as nossas teses?

— Uai, cada orador para provar que não é careta, mas um cobra, antes de competir tem de beber treze «chopes» de enfiada, ou sete doses de «whisky». Esta é a condição sine qua, non (este sine qua, non funcionando como nova giria ipanemense) para que cada orador suba ao alto do tobogan largando-se lá de cima, para encher os pulmões de ar, usando da palavra depois da queda. Tá?

O regulamento era duro, mas atractivo. Tanto mais, que a babida era de graça.

Fui ver, é claro. Estavam mais de mil pessoas na expectativa. Na maioria o mundinho característico de Ipanema: intelectuais, psicólogos, romancistas, economistas, teatrólogos, play-boys, poetas concretistas, enfim, tudo que na nossa *Greenwich Village*, se pode entender por humoristas, para não dizer amigos de um bom piloque.

VERDADE — 4

Gente de todas as idades. Cavalheiros de colarinho duro, gravata e cartola, ao lado das mais avançadas mocinhas em trajes sumariamente alceiantes. Uma orquestra à direita tocando valsas (ainda na semana passada o Rio de Janeiro delirou com as velhas operetas de Strauss e Franz Lehár, nos remotos filmes da *Metro*). À esquerda, a ensurdecadora banda dos boêmios do bairro, desafiando por vocação. E entre gritos, insultos, ameaças, valas, e aplausos, começaram deslizando do alto do tobogan os candidatos, já melos de porre (embragados, né?), que erguendo-se e limpando-se da poeira, se dispunham a fundir a eua da assistência.

O negócio durou horas. Inúteis, é claro. Não se ia chegar, tá na cara, a coisa nenhuma. Mesmo porque no fim (não conhecesse eu os cariocas) velhos e novos iam terminar cantando, em coro, os mesmos velhos sambas. De carnaval.

VERDADE — 5

Mas não perdi meu tempo, não. Fui anotando para vocês (ai, nessa por certo ainda pacata Lisboa) um bem fornecido esboço do que me pareceu mais colorido naquele gigantesco espectáculo de marionetes...

PRIMEIRA JÓIA

Rolando no Tobogan sobre si próprio, um jovem, enrodilhado em vestes hindus, ergueu-se do chão falando às pampas:

— Foram vocês, sim, os velhos, que poluíram o mundo. A lagoa poluída. O mar poluído. A atmosfera poluída. Tudo poluído. Poluíram as cidades. Poluíram a paisagem. Poluíram as palavras. Poluíram o heróismo. Poluíram a guerra. Poluíram o fanatismo. E não contentes em terem poluído a Terra em que vivemos, já estão agora poluindo a Lua. O homem na Lua é o começo da poluição do universo.

SEGUNDA JÓIA

Ainda crepitavam os aplausos quando um sujeito, com toda a dignidade, desceu no

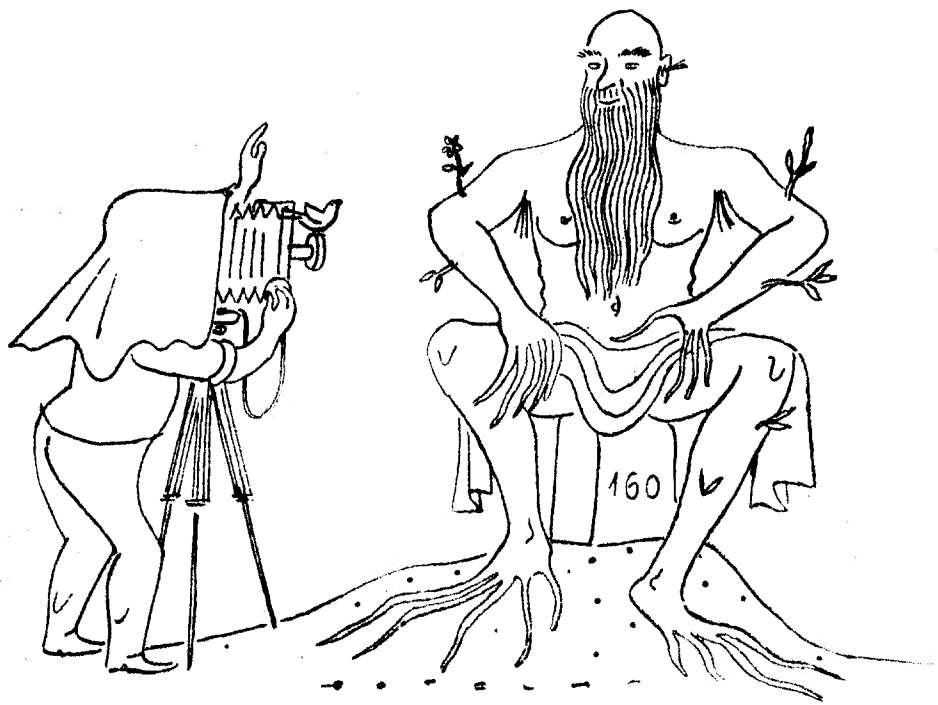
pada, afirmou após longas e confusas divagações:

— O homem não tem idade. Que importância ter vinte anos, ou cento e tantos? Só uma coisa é sagrada: — a eternidade das nossas almas.

QUINTA JÓIA

De barbas, calvo, de óculos, envergando ainda a bata branca dos sábios nos laboratórios, desceu agora um professor de voz abaritonada:

— Protesto. Não há eternidade. Todos os seres vivos como disse num livro recente o biólogo Jacques Mossod, todos os seres vivos são obra de duas classes de moléculas e macromoléculas, isto é, proteínas e dos nucleicos, e têm os mesmos grupos de átomos: vinte aminocidos para as proteínas, e quatro grupos de nucleótidos para os ácidos nucleicos. Por tanto, nascida por acaso (palmas e valas) sim, nascida por acaso, a humanidade é uma coisinha à toa, frágil e transitória. Para quê, pois, defendermos a longevidade do homem? O homem não é. Abaixo a mentira convencional da alma!



(Ilustração de Carlos Botelho)

Tobogan, de chapéu de chuva funcionando como para-quadras, que, ao botar os pés na terra, jogou para longe:

— Nós criamos a civilização. Se vocês falam a nós o devem. Se vocês pensam, a nós o devem. Nós, os velhos criamos a cultura. E vocês querem destruir a cultura produto de esforços milenares...

TERCEIRA JÓIA

Despenca-se lá de cima uma garota de «hot-pants» e camisetada listada, e já vem gritando pelo caminho:

— Nós somos anticultura. Nós somos antiarte, antimúsica, antipoesia. Nós somos antocivilização. Abaixo o direito de envelhecer. Os velhos estão por fora do nosso mundo...

QUARTA JÓIA

E descendo do Tobogan com a segurança de quem voa num tapete mágico, um guri de túnica cor de laranja, e cabeça ras-

padu. Foi necessário que o ajudassem a agachar-se:

— Vim aqui com sacrifício só para perguntar aos jovens: O que querem afinal, vocês?

Coro geral dos jovens, compassadamente: — Restituir em plena natureza os ritos dionisíacos da velha Grécia!

Coro geral dos velhos: — Ah que saudades do tempo da inquisição!

OITAVA JÓIA

Então desceu lá do alto uma garotinha talvez de onze anos (para entrar na competição o juizado de menores só a deixou beber refrigerantes). Com uma vozinha bem ligeira declarou assim:

— Nós, as crianças, exigimos o seguinte: 1.º — Não ter que beijar tios e amigos da família. 2.º — Liberdade para assistir a toda a espécie de filmes e espectáculos. 3.º — Não ter de dar conta da nossa vida, nem dos nossos namorados. 4.º — Proibir para todo o sempre a expressão «menor idade» em referência a nós.

Palmas. Valas. Gargalhadas.

NONA JÓIA

Mas logo a reunião foi animada por um palhaço de circo descendo em cambalhota:

— Abaixo os velhos. Os velhos estão ricos, bem conservados, são donos do mundo. E por isso que são contra nós, os jovens. Mas não se esqueçam, velhos, de que até no Museu da Quinta da Boa Vista há múmias com milhares de anos em muito melhor estado de conservação do que vocês...

Confusão geral. Aplausos e protestos.

DÉCIMA JÓIA

Então foi a vez de um jovem, cabeludo, de camisa suja, apertado dentro de usadas calças de soldado americano:

— Eu estou aqui para dar apenas um grilo. E gritem todos comigo: — Eutanasia para vocês, ó velhos!

Coro geral dos jovens:

— Estamos nessa Eutanasia para os velhos! — E eu digo isto a vocês, não só porque tenho pai, como avô, mas ainda por cima um bisavô ainda vivo!

Foi o delírio. Com pequenos e breves desentendimentos de gerações.

MORAL DA HISTÓRIA

Nesse momento reparei num sujeito de idade avançada, exemplar na clássica elegância britânica, e que, de repente, a meu lado, começou chorando. Dirigi-me a ele. Falei-lhe, que não, etc...

— Não, enganase, respondeu-me. O caso é que aquele rapaz é meu bisneto. E gostei de ouvi-lo, sabe? Comoveu-me. Sabe porque? Porque quando eu era jovem, o pobre, também fui assim. Nasci em Paris. Fiz o diabo por lá na juventude. Imagine que fui até anarquista!

E ri. Numa boa gargalhada. Fomos saídos. Na esquina esperava um «Rollé Royce».

E com o motorista já abrindo a porta do carro:

— Obrigado pela sua gentileza. Mas o que me comoveu foi a rebeldia do garoto. Com o tempo passa. A gente começa ganhando dinheiro e logo esquece todas as bobagens. É o que vai acontecer com ele.

E silenciosamente o carro afastou-se. Feliz de mim — pensei, que tenho de ir a pé para casa. Estava uns nove quilômetros longe de Copacabana.

Agosto de 71.

★

LIVROS E CARTAS: Em breve agradeceri aos que me têm enviado suas obras, e escrito cartas. Talvez para a semana.

PARA CORRESPONDÊNCIA: Rua Fernando Mendes, 28, ap. 908, Copacabana G. B. Brasil.

SEXTA JÓIA

Num macacão sujo de tinta, escorregou no plano inclinado, tendo ainda na mão esquerda uma lata de cerveja, um pintor de paredes:

— Sim, os velhos são responsáveis por terem permitido através de todos os regimes políticos do mundo que os ricos sejam cada vez mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres...

Grandes aplausos do público jovem, enquanto uma senhora gorda gritava:

— Cai fora demagogo!

SÉTIMA JÓIA

Vi descer, então, perigosamente, um velho tendo uma só perna. A outra era de